

Os locativos na *Peregrinatio Aetheriae*

Maria Cristina da Silva Martins

Maria Cristina da Silva Martins

Os locativos na *Peregrinatio Aetheriae*

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1996

9616907

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M366L Martins, Maria Cristina da Silva
Os locativos na "Peregrinatio Aetheriae"
/ Maria Cristina da Silva Martins - - Cam-
pinas, SP [s n]. 1996

Orientador Rodolfo Ilari
Dissertação (mestrado) - Universidade Es-
tadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem

1 * "Peregrinatio Aetheriae" 2 Língua
latina 3 * Locativos 4 Gramática gerati-
va I Ilari, Rodolfo. II Universidade Es-
tadual de Campinas Instituto de Estudos da
Linguagem III Título

Rodolfo Ilari

Prof. Dr. Rodolfo Ilari - Orientador

Ch Galves

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Paulo Sérgio de Vasconcelos

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcelos

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por MARIA CRISTINA DA

SILVA MARTINS

e aprovada pela Comissão Julgadora em

26 / 08 / 1996.

Prof. Dr. RODOLFO ILARI

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a realizar este trabalho: ao Daniel, por existir e ter saúde; ao Luiz Augusto, pelo companheirismo; aos meus pais e irmãos, pelo apoio; ao prof. Dr. Rodolfo Ilari, por tudo que fez por mim como orientador e por ter aguçado ainda mais o meu gosto pelo latim e lingüística românica; à profa. Dra. Charlotte Galves, por ter me incentivado a trabalhar com o latim vulgar e pelo auxílio na gramática gerativa; e às amigas Mirta e Lourdinha, pelas conversas sobre a vida.

Ao Daniel

Sumário

Introdução	12
1 <i>Peregrinatio Aetherae</i>: a obra e a língua	14
2 Tradução do primeiro livro da <i>Peregrinatio Aetherae</i>	22
2.1 <i>Peregrinatio Aetherae</i> 1-23	23
2.2 Notas de tradução	54
3 Descrição e classificação das construções que exprimem lugar	66
3.1 Classificação morfológica e sintática	66
3.1.1 Classificação dos locativos pela sua estrutura interna	66
4 Descrição contrastiva: latim clássico versus latim da <i>P.A.</i>	75
4.1 Sintaxe do complemento de lugar no latim clássico	75
4.2 Sintaxe do complemento de lugar na <i>P.A.</i>	83
4.2.1 A relação entre os casos e as preposições	84
4.2.2 Com que verbos aparecem os complementos de lugar na <i>P.A.</i>	88
5 Complementos e adjuntos conforme a tradição gramatical latina e a gramática gerativa	96
5.1 Complemento <i>versus</i> adjunto na tradição dos dicionaristas do latim clássico e na tradição da didática do latim	96
5.1.1 Complemento <i>versus</i> adjunto na tradição dos dicionaristas do latim clássico	96
5.1.2 Complemento <i>versus</i> adjunto na tradição da didática do latim	98
5.2 Complemento <i>versus</i> adjunto na gramática gerativa: critérios para a distinção	101
5.2.1 Teoria Temática	105
5.2.2 Teoria do Caso	108
5.2.3 Complementos <i>versus</i> adjuntos	112
5.3 Complementos e adjuntos na <i>P.A.</i> , segundo os critérios da Gramática Gerativa	115

Conclusão	120
A Definições utilizadas na análise sintática - modelo GB	125
B Corpus completo das construções que exprimem lugar	128
Referências Bibliográficas	135

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as expressões de lugar encontradas no primeiro livro da *Peregrinatio Aetherae*, texto do século IV d.C., que representa uma das principais fontes para o estudo do latim vulgar. Pretende-se verificar se tais expressões de lugar, a maioria construída por sintagmas preposicionais e advérbios, podem ser classificadas, conforme se enquadram num ou noutro caso, como locativos argumentais e não-argumentais, segundo os critérios da teoria temática da gramática gerativa. Verifica-se ainda, nesta pesquisa, que os dados da *Peregrinatio* quanto ao uso das expressões de lugar que tradicionalmente respondem às perguntas *onde - ubi -*, *de onde - unde -*, *por onde - qua -* e *para onde - quo*, mostram confusão entre os lugares *ubi* e *quo*. Sugere-se que essa confusão começa com o emprego dos advérbios, e é agravada pela queda do *m* final do acusativo, que tornou iguais o acusativo e ablativo. Além disso, a pesquisa com os locativos aponta para outras questões interligadas, características do latim vulgar, como, por exemplo, a perda e confusão no uso dos casos e das declinações, o aumento significativo no uso de preposições e a tendência de colocação dos constituintes da frase mais próxima das línguas românicas do que do latim clássico.

Palavras-chave: *Peregrinatio Aetherae*, latim vulgar, locativos, gramática gerativa.

Abreviaturas utilizadas no texto

Autores e obras

Cés. César:	<i>B.G. Bellum Gallicum</i>
Cíc. Cícero:	<i>ad. Fam. ad Familiares epistulae</i> <i>Arch. pro Archia</i> <i>em Att. ad Atticum epistulae</i> <i>Catil. in Catilinam</i> <i>Clu. pro Cluentio</i> <i>de Or. de Oratore</i> <i>Deiot. pro rege Deiotaro</i> <i>N.D. de Natura Deorum</i> <i>Ph. Philippicas</i> <i>Quinct. pro Quinctio</i> <i>Sest. pro Sestio</i> <i>Ver. in Verrem</i>
Virg. Virgílio:	<i>Ae. Aeneida</i> <i>G. Georgicas</i>
Pl. Plauto:	<i>Aul. Aulularia</i> <i>Am. Amphitruo</i> <i>Bac. Bacchides</i> <i>Curc. Curculio</i> <i>Ep. Epidicus</i> <i>Men. Menaechmi</i> <i>Ps. Pseudolus</i>
Ter. Terêncio:	<i>Ad. Adelphoe</i> <i>Eu. Eunuchus</i> <i>Haut. Hautontimorumenos</i>
En. Ênio:	

Outras abreviaturas

absol. absoluto	L.V. Latim Vulgar
At. Atos dos Apóstolos	Lv. Levítico
abl. ablativo	nom. nominativo
ac. acusativo	NP Noun Phrase
a.C. antes de Cristo	obl. oblíquo
cap. capítulo	P.A. <i>Peregrinatio Actheriae</i>
cf. conforme	PP Prepositional Phrase
Cor. Coríntios	pp. páginas
dat. dativo	prov. provençal
d.C. depois de Cristo	ptg. português
cp. compare	qq. qualquer
eng. engadino	Rm. Romanos
esp. espanhol	rom. romeno
fr. francês	ssg. seguintes
it. italiano	VP Verb Phrase
L.C. Latim Clássico	

Introdução

Esta tese surgiu primeiramente pelo interesse no estudo do latim vulgar da *Peregrinatio*.

À medida em que ia traduzindo os primeiros capítulos da *Peregrinatio*, encontrava muitas questões gramaticais importantes que demonstravam a distância que separa este latim do latim literário e que o aproxima das línguas românicas. O texto como um todo levanta muitas questões de morfologia e sintaxe que colocam um amplo programa de trabalho. Assim, a delimitação do objeto de estudo era inevitável.

Uma característica da *Peregrinatio* é a ocorrência de uma enorme quantidade de expressões que indicam lugar que, naturalmente, me levou a indagar se faria sentido classificá-las como termos integrantes (argumentos) ou acessórios (adjuntos), bem como qual seria a posição da didática do latim clássico acerca desses locativos.

Além da pertinência teórica de se tentar distinguir as circunstâncias que exprimem lugar como argumentais e não-argumentais, esta pesquisa abre caminho para o desenvolvimento de outras questões interligadas, como o uso das preposições no latim vulgar. Uma das maneiras de expressão de lugar é através de sintagmas preposicionais, muitas vezes representando uma inovação com relação ao latim clássico. Conforme salienta a bibliografia que trata do latim vulgar, como, por exemplo, Väänänen (1937:205), Maurer Jr. (1959:199-211), o aumento de frequência no uso de preposições é revelador de inovações sintáticas em consequência da perda da morfologia e sintaxe de casos como o genitivo, dativo e ablativo.

Delimitado assim o objeto de estudo, foram surgindo os capítulos.

No capítulo 1 faço uma introdução à *Peregrinatio Aetherae* e ao latim vulgar, buscando situar a obra enquanto amostra da língua vulgar e como uma das fontes para o seu estudo.

No capítulo 2 apresento a tradução do primeiro livro da *Peregrinatio Aetherae*, acompanhada de notas de caráter filológico, lexical e gramatical. Estas últimas aparecem sobretudo quando a morfologia ou a sintaxe se distanciam do latim clássico. O trabalho de tradução na verdade foi de suma importância na tese. Através dele tomei conhecimento da língua da *Peregrinatio* e das diferenças que a separam tanto do latim clássico quanto das

línguas românicas. Nesse sentido, as notas de tradução valem como aprendizado desse latim chamado “vulgar”. Além disso, as notas apontam para temas importantes da sintaxe vulgar e de história das línguas românicas, como a perda dos casos, o aumento de uso das preposições, o surgimento do artigo definido, a fixação da ordem dos constituintes da frase, entre outros. Evidentemente, não seria possível perseguir aqui todas as orientações de pesquisa abertas.

No capítulo 3 procuro classificar as construções que exprimem lugar de acordo com a estrutura morfossintática que apresentam.

No capítulo 4, contraste a sintaxe dos complementos de lugar na *P.A.* com as do latim clássico.

No capítulo 5 mostro como são analisados os constituintes que exprimem lugar de acordo com a tradição dos dicionaristas do latim clássico (seção 5.1.1), com a tradição da didática do latim (seção 5.1.2), e com a Gramática Gerativa (seção 5.2). Na seção 5.3 analiso os constituintes de lugar como complementos e adjuntos, segundo os critérios da Gramática Gerativa.

Capítulo 1

Peregrinatio Aetheriae: a obra e a língua

A *Peregrinação de Etéria*, em latim *Peregrinatio Aetheriae*, é uma obra que, por suas peculiaridades lingüísticas, representa uma das principais fontes para o estudo do *latim vulgar*.

Latim vulgar

O termo *latim vulgar* está sobremaneira arraigado nos estudos de Lingüística Românica e, apesar de ser muitas vezes impreciso e de sugerir interpretações errôneas, não pode ser facilmente evitado.

Diez, filólogo e comparatista, observando o conjunto das línguas românicas, percebeu que estas não poderiam derivar do *latim clássico*, ou latim literário, representado por escritores como Júlio César, Cícero e Horácio, mas das variedades populares. Dada a semelhança entre as línguas românicas, Diez partiu do princípio que nos primeiros séculos de nossa era deve ter sido falada uma língua relativamente uniforme, que se mostra como um “proto-romance”. Visando opor essa variedade ao latim clássico, Diez chamou-a de *latim vulgar* (cf. Ilari, 1992:58).

Chama-se, pois, *latim vulgar* ao latim de que derivaram as línguas românicas em oposição ao latim dos textos literários que a antigüidade nos transmitiu, chamado *latim clássico*.

Embora o *latim vulgar* fosse essencialmente falado, muitas de suas peculiaridades podiam entrever-se nos próprios textos literários de Roma. Como diz Maurer Jr. (1959:5)

O latim vulgar tem a sua origem nos meios plebeus de Roma e cercanias, sendo essencialmente o latim falado pela plebe romana, embora naturalmente com o tempo muitos de seus característicos se infiltrassem no seio da classe média e até das classes mais altas - sobretudo no fim da época imperial. Assim, o latim vulgar não é simplesmente o latim falado, pois que neste haveria sensível variedade quanto à classe social que o emprega. O latim que gerou as línguas românicas se constituiu em um ambiente plebeu na maior parte de seus elementos peculiares.

Através da exposição de Maurer Jr. fica claro que é natural o fato de todas as línguas apresentarem uma variação vertical, correspondente à estratificação social. Podemos acrescentar que as línguas apresentam também uma variação horizontal, correspondente às diferenças geográficas. Além disso, todas as línguas apresentam diferenças conforme a maneira pela qual o falante se exprime, ou seja, diferenças relativas ao grau de formalidade da situação de fala (cf. Ilari, 1992:57). Nesse sentido, no que tange ao latim vulgar escreve Meillet (1933:239): "(le latin vulgaire est) un ensemble de tendances qui se sont réalisées à des degrés divers suivant la condition et l'éducation des divers sujets parlants, suivant les temps et suivant les lieux."

Segundo Maurer Jr. (1959) o latim vulgar fixou suas características gerais básicas pelo menos desde o fim da época republicana ou desde o começo do período imperial. Dado que esses períodos da história de Roma são importantes para os romanistas, lembramos que eles correspondem às três formas de governo: *Realeza* (das origens a 509 a.C.), *República* (de 509 a.C. a 27 a.C.) e *Império* (de 27 a.C. a 476 d.C.).

Com o advento da literatura latina, a partir do século III, o latim vai se aperfeiçoando até atingir, na época de Cícero e César, máximo de sua estética. Nesse aperfeiçoamento é evidente a influência helênica, que se faz através dos gramáticos e dos escritores. Iniciava-se assim o fenômeno que iria conter a expansão natural da língua falada, pela ação dos gramáticos, da literatura e da classe culta.

Vale notar, porém, que paralelamente a essa linguagem mais esmerada, de criação artística, existiam outras variantes da língua que os próprios escritores romanos já haviam percebido. Caracterizaram-nas adjetivando a palavra *sermo* que significa "linguagem", "conversaço": *sermo urbanus, urbanitas* (língua dos mestres da literatura), *sermo cotidianus, usualis* (língua da conversaço diária), *sermo rusticus, rusticitas* (língua dos camponeses), *sermo peregrinus, peregrinitas* (língua regional).

Cícero nos fala da diferença de formalidade no emprego do latim numa carta que escreveu ao seu amigo Paetus (*Ad Fam.*, IX, 21): "*Quid tibi ego uideor in epistulis? nonne plebeio sermone agere tecum? ... Causas agimus subtilius, ornatius; epistulas vero cotidianis verbis texere solemus*". Essa citação também mostra que a diferença entre as duas modalidades de latim não é cronológica (o latim vulgar não sucedeu ao latim clássico), mas social

e, para usar o termo lingüístico apropriado, de “registro”.

Vemos, portanto, que o latim vulgar é, na verdade, um latim popular que existiu em todas as épocas, desde o chamado período arcaico¹ (do comediógrafo Plauto, por exemplo, que através de suas obras, nos fornece muitas evidências do que deveria ser falado em sua época pelo povo), interferiu ocasionalmente na literatura latina do período áureo, com alguns traços aqui e ali nos escritos menos formais, e prosseguiu se transformando até que em, mais ou menos 600 d.C., já constituía os primeiros romances (variedades regionais do latim vulgar) e posteriormente, a partir do século IX, as línguas românicas.

Embora seja forçoso ligar a história política de Roma à história da língua latina, é inegável que o momento de maior esplendor da literatura latina corresponde ao de maior estabilidade do Império, que podemos localizar no longo reinado de Augusto (30 - 14 a.C.).

É incontestável também que o progressivo esfacelamento do Império Romano fez com que o latim, que era falado em seu vasto território, passasse a se desenvolver independentemente em cada região, sem o poder centralizador de Roma. Talvez tenhamos que concordar que a história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina. Nesse sentido, são muito expressivas as palavras de Meillet (1936: 121-2):

Durant les six à huit siècles de durée de l'Émpire romain, du III siècle av. J. Chr. au II et même au V siècle après J. C., la langue a gardé une fixité apparente; mais parfois dissimulée et parfois à demi visible, l'évolution s'est poursuivie, l'immobilité de la forme visible cachait un changement radical de la structure interne, et lorsqu'est venue la ruine de l'Émpire et de sa civilisation, les résultats du changement se sont manifestés rapidement.

Os poucos informes que temos sobre o latim vulgar formam um conjunto muito heterogêneo. Além disso, as diferentes fontes consideradas individualmente, não exemplificam a gramática do latim vulgar como um todo. Ou seja, não encontramos representadas todas as características que podemos atribuir ao latim vulgar por suas peculiaridades no vocabulário, na fonética, na morfologia e na sintaxe, em confronto com o clássico, em um mesmo texto. Como diz Maurer Jr. (1962), “as várias fontes se corrigem e se completam mutuamente”.

Como as fontes são bastante diversas entre si, vale a pena mencioná-las aqui.

¹De acordo com Paratore (1983), divide-se a Literatura Latina nos seguintes períodos:

1 - *Período das origens*: desde a fundação de Roma (754 a.C.) até o fim da primeira guerra púnica (241 a.C.).

2 - *Período arcaico*: de 241 a.C. até à morte de Sila (78 a.C.).

3 - *Período de Ouro*: de 78 a.C. até à morte de Cícero (43 a.C.); e este pode ser subdividido em dois períodos:

Período ciceroniano: de 78 a.C. até a morte de Cícero (43 a.C.).

Período de Augusto: de 43 a.C. até 14 d.C.

4 - *Período de Prata*: (isto é, o período durante o qual a Literatura conservou quase o fulgor do período de ouro): de 14 d.C. até a morte de Trajano (117 d.C.).

5 - *Período da decadência*: de 117 d.C. até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.) ou, mais ou menos, até a invasão dos langobardos na Itália (568 d.C.).

Fontes do latim vulgar

Os poucos dados atestados que temos acerca do latim vulgar podem ser extraídos das seguintes fontes:

a) as fontes literárias, das quais a maior expressão está na *Cena Trimalchionis*, episódio central e único que sobreviveu na íntegra do romance *Satíricon*, de Petrônio (?-66 d.C.), e ainda as obras dos comediógrafos, sobretudo Plauto (251-184 a.C.). Esses autores colocam em ação personagens do povo usando o latim corrente, cheio de “erros” comparados com o clássico;

b) as inscrições (exceto as oficiais, que representam a língua culta), em especial:

(i) as *tabuinhas execratórias* (*defixionum tabellae*), isto é, pequenas tábuas de chumbo, bronze, estanho, mármore ou terracota, onde estão escritas certas fórmulas mágicas de encantamento ou maldição, que, se segundo a crença do povo, deviam produzir os efeitos desejados sobre as pessoas a quem eram endereçadas. Jeanneret (1918)² as classificou em quatro grupos de acordo com quatro causas principais: *amatoriae* (sobre amor sem esperança, rivais no amor, amante infiel); *iudiciariae* (onde o litigante amaldiçoa o adversário); *in fures* (pedido de vingança sobre os ladrões); *ludicrae* (pedido de morte ou derrota da facção rival nos jogos do Circo).

(ii) Os *graffiti*, que são inscrições em carvão tais como foram encontradas nas paredes das casas de Pompéia e Herculano. As inscrições fornecem muitos fatos da língua, sobretudo no campo da ortografia, da morfologia e da fonética. Graças às inscrições podemos saber, por exemplo, em que época se conservavam intactos os ditongos, o uso dos nomes romanos *praenomen*, *nomen* e *cognomen* e outros dados relativos a estas palavras, como por exemplo que as mulheres só ganhavam o *praenomen*, tirado geralmente da cor dos olhos;

c) as fontes gramaticais que podem ser divididas em (i) glossas e glossários tendo como principais *De verborum significatione* de Verrio Flaco na época de Augusto e as glossas de *Reichenau*, compostas na França, possivelmente no século VIII, (ii) os dados dos gramáticos que, ao mesmo tempo que advertiam como se devia escrever, indicavam quais eram as formas que se deviam evitar. Esse tipo de fonte fornece palavras com a grafia incorreta, seguidas de sua grafia exata. São elas o *Appendix Probi*, que segundo alguns estudiosos foi escrito no séc. III e *De barbarismis et metaplasmis* de Consentio, do séc. V; até mesmo em Quintiliano (I^o séc. d.C.) se encontram indicações e correções deste gênero;

(d) os cochilos dos copistas;

(e) os termos do latim vulgar transmitidos por empréstimo às línguas não-românicas vizinhas;

²Estas informações foram obtidas a partir de Serafim da Silva Neto (1977). A referência é M. Jeanneret, *La langue des tablettes d'exécution latines*, 1918, p.4.

(f) os erros ocasionais dos escritores dos últimos tempos do Império Romano.

Além das fontes acima referidas são de suma importância para o conhecimento do latim vulgar as reconstruções da gramática comparativa levadas a cabo sobre as línguas românicas.

Deve-se salientar as obras dos escritores da decadência romana, sobretudo daqueles que escreviam numa linguagem natural, simples. Tomando de empréstimo os termos de Silva Neto (1974), estes escritores escreviam com um *estilo corrente*, ao que ele opõe *estilo literário*. Neste número estão alguns escritores cristãos e em especial a *Peregrinatio Aetheriae*.

A *Peregrinação de Etéria* é tida por alguns estudiosos como fazendo parte do *latim cristão*. Porém, apesar de poder ser considerada como uma obra de autor cristão, não há como negar que é antes de tudo um dos documentos mais importantes sobre o latim vulgar. Sua importância é realmente a língua em si mesma, em contraste com os escritos de alguns doutores da igreja cristã, que escreveram textos de cunho filosófico ou religioso. Quer dizer, esta obra tornou-se conhecida por sua importância como exemplo da língua vulgar e não como literatura, religião ou filosofia. Corrobora essa afirmação o testemunho de muitos estudiosos, entre os quais Devoto (1944:334): “interesse dominante per lo svolgimento linguistico ulteriore ha la *Peregrinatio Aetheriae* (...) questo scritto sembri non havere pretese letterarie e sia anzi una fonte importante per la conoscenza di volgarismi linguistici”.

Christine Morhmann (1955) afirma que o latim cristão propriamente dito é representado por duas variantes: a popular e a erudita. Essas suas variedades são tipicamente representadas de um lado pela *Vetus Latina*, ou seja, as traduções da Bíblia que pertencem ao século II d.C. que, por terem sido feitas por pessoas de pouca instrução e de diversas partes do império, oferecem valiosas contribuições das diferenciações regionais da língua falada. De outro lado, está a variedade eclesiástica, semelhante ao latim clássico, representada pelos doutores da Igreja como São Jerônimo, Santo Agostinho, Santo Anselmo, entre outros.

Na verdade, segundo Herrero (1965:166), não se pode falar em uma língua cristã uniforme, pois essa língua engloba o latim das inscrições, dos primeiros atos dos mártires, das primeiras traduções bíblicas, das homilias, da liturgia e de outras manifestações religiosas dos cristãos. Ainda sobre o latim dos autores cristãos, afirma ele que muitos bispos e padres pertenciam ao mundo dos oradores letrados e que quando se fazia necessário empregavam o latim clássico. Conta-se que Santo Hilário elevava o tom de sua pregação quando entravam em sua igreja pessoas letradas. Era freqüente nesta época que os fiéis, encantados pela beleza do sermão, aplaudissem o “orador sagrado”³. Por outro lado, uma vez que os primeiros círculos cristãos eram formados por pessoas humildes, sem instrução, a pregação deveria ser feita numa linguagem acessível à massa. Santo Agostinho, justificando-se de usar *fenerat* (por

³cf. P. Riché, *Éducation et culture dans l'Occident Barbare*, Paris, 1962, p.123 - *Apud* Herrero (1965).

feneratur), diz: *Melius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi*⁴.

Existem certos aspectos que, segundo Christine Mohrmann (1955), são característicos do latim cristão. Essas características se fazem presentes principalmente no vocabulário, como a introdução de palavras gregas - pois de início a pregação era em grego -, formação de neologismos latinos e alterações semânticas de certos termos do latim clássico quando incorporados aos valores cristãos. Há também peculiaridades na formação de palavras e na sintaxe. Todavia, tratá-las em pormenores foge do âmbito deste trabalho.

Finalmente, tal como aponta Silva Neto (1976:50-1)

o cristianismo, do ponto-de-vista lingüístico-literário, representou uma democratização. A língua dos padres da Igreja pode ser definida, com Löfstedt, como mescla de retórica, reminiscências poéticas e vulgarismos. (...) não se pode deixar de concordar em que os escritores cristãos, usando uma língua tanto quanto possível próxima à compreensão dos humildes, contribuíram para que a ordem direta se fixasse e desenvolvesse.

Peregrinatio Aetheriae

Peregrinatio Aetheriae, Peregrinatio ad loca sancta, Itinerarium Aetheriae: não se sabe como foi primitivamente batizada esta obra, que hoje se costuma chamar *Peregrinatio Aetheriae* ou simplesmente *Peregrinatio*, que, etimologicamente, significa “viagem a um país estrangeiro”. Isto porque esta chegou até nós mutilada: faltam-lhe o começo, o fim e ainda duas folhas internas.

Encontrada na Biblioteca da Sociedade *Fraternità dei Laici*, em 1884, por Gamurrini, seu primeiro editor e comentador, faz parte de um códice⁵ do século XI, copiado no mosteiro de Monte Cassino, na Itália. As principais edições, no parecer de Silva Neto (1977), são as seguintes: a de Bechte (Chicago, 1907), a de Heraeus (4ª ed., Heidelberg, 1939), a de Hélène Pétré (Paris, 1948) e a de Ezio Franceschini (Pádua, 1940). Existem, além disso, edições mais novas como a editada pela Biblioteca de Autores Cristianos (Madri, 1980) e a de Pierre Maraval (Paris, 1982). A edição que utilizamos aqui é a de Hélène Pétré (1948).

Esta obra, que é a uma das mais antigas descrições dos lugares bíblicos de que temos notícia, relata uma viagem que teria se realizado em fins do século IV d.C., por volta de 395-396. O fato mais importante que a situa na última década daquele século é a construção e consagração da igreja de São Tomé, em 394, em Edessa, que Etéria diz ser nova quando por lá passou (*P.A.* 19,3).

Assim como o título do livro, também a data em que foi escrito, o nome da autora e

⁴ *apud* Silva Neto (1976: 50).

⁵ Inicialmente os livros eram escritos à mão, em rolos, em tiras de papiro ou de pergaminho. Aos poucos surgiu uma nova técnica de fazer livros: as folhas avulsas de um documento escrito eram dobradas, colocadas uma sobre a outra e costuradas, dando origem ao códice.

a sua pátria nos aparecem envoltos em mistério.

Concretamente se sabe que a época da viagem não pode ter sido antes de 363, data da ocupação de Nísibis pelos persas. Etéria menciona este fato numa passagem (*P.A.* 20,12). É certo também que foi antes de 540, ano da destruição de Antioquia, que a autora não menciona.

Seguindo diferentes transcrições dos manuscritos, denominaram-na Echeria, Etheria, Egeria, Heteria e Geria. Sabe-se que era uma freira (ou monja), porque dedica o relato de sua peregrinação a suas irmãs de hábito, dirigindo-se a elas pelo vocativo *dominae venerabiles sorores*, (*P.A.* 20,5).

Quanto à pátria, querem alguns que seja gaulesa, outros lusitana, e ainda celta ou espanhola. Os que a querem gaulesa, invocam o testemunho da autora, que compara o Eufrates ao Ródano (*P.A.* 18,2); sabemos que teria vindo “dos confins da terra” (*P.A.* 19,5). Se quisermos tomar partido, podemos optar a favor de sua naturalidade hispânica, baseando-nos em alguns vocábulos usados por ela, e que posteriormente irão fazer parte das línguas da península ibérica. Alguns desses termos são: *plicare/plecare* (cf. esp. *llegar*, ptg. *chegar*); *mansio*, no sentido de “pousada” e nunca de “casa”; *fabula* no sentido de “conversaço”, ligada ao verbo *fabulare*, (cf. esp. *hablar*, ptg. *falar*) e os dias da semana *secunda feria*, *tertia feria*, *quarta feria*, *quinta feria*, *sexta feria*. Com relação aos dias da semana, vemos que só em Portugal este uso eclesiástico triunfou, sendo um ponto a favor da Lusitânia como pátria da autora⁶.

A *Peregrinação de Etéria* divide-se em duas partes: a primeira, do capítulo 1 ao 23, é um diário de viagem aos lugares santos da História Sagrada. Na primeira parte são descritas quatro viagens de Etéria⁷: 1) a peregrinação ao Sinai e o retorno a Jerusalém pela terra de Gessen (caps. 1 a 9). Como o texto se apresenta fragmentado, não sabemos de onde ela começou da viagem, mas, parece ter partido do Egito em direção ao Sinai (cf. cap. 9); 2) a peregrinação ao monte Nebo (caps. 10 ao 12), onde Etéria quer contemplar, tal como Moisés, o panorama da Terra Prometida; 3) a peregrinação à Induméia, país de Jó (caps. 13 ao 15). Esta viagem permitiu aos peregrinos que visitassem os lugares onde se conservam lembranças de outras personagens bíblicas como Melquisedec, João Batista, Elias, Jefté, como atesta o culto que lhes ofereceram nesses lugares; 4) a peregrinação à Mesopotâmia e a volta a Constantinopla, passando por Tarso, Selêucia e Calcedônia (caps. 15 ao 23). Na segunda parte, do capítulos 24 ao 49, é feita uma descrição da Liturgia de Jerusalém.

Na primeira parte da *Peregrinatio*, Etéria apresenta uma descrição detalhada de tudo que aconteceu em cada lugar, de onde veio, para onde foi⁸. Assim, o primeiro livro

⁶Para um maior aprofundamento na questão veja-se *A problemática da Nomenclatura Semanal Românica* de Isaac Salum, São Paulo, Tese de Concurso/USP, 1968.

⁷Baseado no comentário apresentado em Novak (1971).

⁸Na verdade, ela não viajava sozinha. Estava sempre acompanhada por monges e “santos” (que de fato

da *Peregrinatio* é uma narrativa plena de movimentos e de referências a lugares. Por isso a tradução e o corpus da análise limitam-se a essa parte, tão adequada ao objetivo dessa tese, ou seja, o estudo dos locativos. No segundo livro, não são apresentadas tão variadas e numerosas circunstâncias de lugar porque Etéria permanece todo o tempo em Jerusalém, em função dos atos litúrgicos.

A língua empregada por Etéria denuncia, através de certas construções não atestadas no latim clássico, muitas transformações pelas quais estava passando o latim, tanto na morfologia quanto na sintaxe e até mesmo na fonética e no vocabulário. Nesse sentido, a *Peregrinatio* é um texto com mais informações sobre a língua vulgar do que qualquer outro que chegou até nós. Além do mais, esta obra se distingue das outras fontes do latim vulgar por ter sido escrita numa língua uniforme em seu nível e registro. Seja porque não se trata de uma língua criada literariamente, como a de Petrônio, seja porque se trata de um texto cuja extensão não encontra paralelo em nenhuma das outras fontes, traz uma grande quantidade de informações sobre sintaxe e coesão textual.

O estilo da *Peregrinatio* é quase jornalístico, de documentação dos fatos. É uma descrição dos lugares por onde Etéria passou, num estilo livre, que possivelmente mostra o latim que deveria ser falado num convento do século IV.

No latim da *Peregrinatio* encontram-se todas as características inovadoras que se costumam apontar para o latim vulgar. Muitas diferenças com respeito à forma dos textos literários do período áureo saltam aos olhos⁹, como:

(i) a substituição do *accusativum cum infinitivo* por construções formadas por conjunções e pronomes relativos;

(ii) a inflação no uso dos pronomes pessoais;

(iii) a inflação no uso dos diminutivos;

(iv) o emprego dos demonstrativos *ille* e *ipse* às vezes com o sentido próximo ao de artigo definido das línguas românicas;

(v) a confusão no emprego dos casos;

(vi) o aumento de frequência das preposições;

(vii) a confusão nas declinações;

(viii) as mudanças de gênero;

(ix) o emprego da ordem direta da frase (SVO);

(x) o uso de expressões tipicamente coloquiais.

Tudo isso vai caracterizar os primeiros romances e, posteriormente, as línguas românicas.

são os cristãos do lugar), que lhe mostravam tudo o que desejava conhecer.

⁹Exemplos dessas construções fazem parte das notas que acompanham a tradução.

Capítulo 2

Tradução do primeiro livro da *Peregrinatio Aetheriae*

A tradução que faço dos capítulos 1 ao 23 da *Peregrinatio* é literal, sempre que possível. Tentei respeitar os casos e as construções que se apresentam no latim.

Em se tratando de uma língua que representa uma fase de transformação, pois em muitos aspectos se distancia tanto do latim clássico quanto das línguas românicas, nada mais importante do que uma tradução fiel.

2.1 Peregrinatio Aetheriae 1-23

1
ostendebantur iuxta scripturas. Interea ambulantes peruenimus ad quendam locum, ubi se tamen montes illi, inter quos ibamus, aperiebant et faciebant uallem infinitam ingens, planissimam et ualde pulchram et trans uallem apparebat mons sanctus Dei Syna.

² Hic autem locus, ubi se montes aperiebant, iunctus est cum eo loco, quo¹ sunt memoriae² concupiscentiae. In eo ergo loco cum uenitur, ut tamen commonuerunt deductores sancti³ illi, qui nobiscum erant, dicentes⁴: consuetudo est, ut fiat hic oratio ab his qui ueniunt, quando de eo loco primitus uidetur mons Dei: sicut et nos fecimus. Habebat⁵ autem de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia tantum per ualle illa⁶, quam dixi ingens.

2 Vallis autem ipsa⁷ ingens est ualde, iacens subter latus montis Dei, quae habet forsitan, quantum potuimus uidentes aestimare aut ipsi dicebant, in longo milia passos forsitan sedecim, in lato autem quattuor milia esse appellabant⁸. Ipsam ergo uallem nos trauersare habebamus⁹, ut possimus montem ingredi.

² Haec est autem uallis ingens, et planissima, in qua filii Israhel commorati sunt his diebus, quod¹⁰ sanctus Moyses ascendit in montem Domini et fuit ibi quadraginta diebus et quadraginta noctibus. Haec est autem uallis, in qua factus est uitulus, qui locus usque in hodie ostenditur; nam lapis grandis ibi fixus stat in ipso loco. Haec ergo uallis ipsa est, in cuius capite locus est, ubi sanctus Moyses cum pasceret pecora soceri sui, iterum locutus est ei Deus de rubo in igne.

³ Et quoniam nobis ita erat iter¹¹, ut prius montem Dei ascenderemus, qui hinc paret, quia unde ueniebamus melior ascensus erat, et illinc denuo ad illud caput uallis descenderemus, id est ubi rubus erat, quia melior descensus montis Dei erat inde: itaque ergo hoc placuit, ut uisis omnibus quae

1
mostravam-se conforme as escrituras. Neste momento, chegamos andando a um certo lugar, onde enfim os montes, por entre os quais caminhávamos, abriam-se e formavam um vale infinito, enorme, planíssimo e muito belo e para além do vale aparecia o Sinai - monte santo de Deus.

² Este lugar, onde se abriam os montes, está ligado àquele lugar no qual estão os túmulos da concupiscência. Quando se chega a este lugar, como entretanto aqueles santos guias que estavam conosco avisaram-nos, dizendo: é costume que aqui uma oração seja feita por aqueles que chegam, quando deste lugar tão logo se avista o monte de Deus, assim como também nós fizemos. Talvez deste lugar até o monte de Deus havia somente quatro milhas, através do vale que chamei de enorme.

2 É, além disso, muito imenso esse vale, estendendo-se sob o lado da montanha de Deus, que talvez tenha, pelo que pudemos avaliar vendo ou pelo que eles diziam, dezesseis mil passos de comprimento e, de largura, quatro mil. E nós tínhamos que atravessar esse mesmo vale para que pudéssemos entrar na montanha.

² Este é o vale imenso e planíssimo onde os filhos de Israel se detiveram naqueles dias quando o santo Moisés subiu ao monte do Senhor e lá permaneceu durante quarenta dias e quarenta noites. Este é, por outro lado, o vale em que foi feito o bezerro, lugar que ainda se mostra até hoje, de fato no próprio lugar uma grande pedra aí está fixada. Este é, pois, o mesmo vale em cuja extremidade é o lugar onde, quando o santo Moisés apascentava os rebanhos de seu sogro, Deus falou pela segunda vez a ele de cima de uma sarça em chamas.

³ E visto que nosso caminho era tal que primeiro subiríamos ao monte de Deus, que daqui aparece, porque de onde vínhamos era melhor a subida, e dali novamente desceríamos até a extremidade do vale, isto é, onde estava a sarça, porque a descida do monte de Deus era melhor de lá, então nos aprouve que, tendo visto tudo que desejávamos, descendo do monte

desiderabamus, descendentes a monte Dei, ubi est rubus ueniremus, et inde totum per mediam uallem ipsam, qua¹² iacet in longo, rediremus ad iter cum hominibus Dei, qui nobis singula loca, quae scripta sunt, per ipsam uallem ostendebant, sicut et factum est.

⁴ Nobis ergo euntibus ab eo loco, ubi uenientes a Faran feceramus orationem¹³, iter sic fuit, ut per medium transuersaremus caput ipsius uallis et sic plecaremus nos ad montem Dei.

⁵ Mons autem ipse per giro quidem unus esse uidetur; intus autem quod ingrederis, plures sunt, sed totum mons Dei appellatur; specialis autem ille, in cuius summitate est hic locus, ubi descendit maiestas¹⁴ Dei, sicut scriptum est, in medio illorum omnium est.

⁶ Et, cum hi omnes, qui per girum sunt, tam excelsi sint quam numquam me puto uidisse, tamen ipse ille medianus, in quo descendit maiestas Dei, tanto altior est omnibus illis, ut cum subissemus in illo, prorsus toti illi montes, quos excelsos uideramus, ita infra nos essent ac si colliculi per modici essent.

⁷ Illud sane satis admirabile est et sine Dei gratia puto illud non esse, ut cum omnibus altior sit ille medianus qui specialis Syna dicitur, id est in quo descendit maiestas Domini, tamen uideri non possit, nisi ad propriam radicem illius ueneris, ante tamen quam eum subeas; nam posteaquam completo desiderio descenderis inde, et de contra illum uides, quod, antequam subeas, facere non potes. Hoc autem, antequam perueniremus ad montem Dei, iam referentibus fratribus¹⁵ cognoueram, et postquam ibi perueni, ita esse manifeste cognoui.

3 Nos ergo sabbato sera ingressi sumus montem et peruenientes ad monasteria¹⁶ quaedam susceperunt nos ibi satis humane¹⁷ monachi¹⁸, qui ibi commorabantur, praebentes nobis omnem humanitatem; nam et ecclesia ibi est cum presbytero¹⁹. Ibi ergo mansimus in ea nocte, et inde maturius die dominica cum ipso presbytero et monachis, qui ibi commorabantur, coepimus ascendere montes singulos. Qui montes cum infinito labore ascenduntur,

de Deus, chegássemos onde está a sarça, e de lá, pelo meio de todo aquele vale, que se estende em comprimento, voltássemos ao caminho com os homens de Deus, que mostravam a nós, através desse vale, cada um dos lugares que estão escritos, e assim foi feito.

⁴ Para nós, portanto, que íamos daquele ponto onde fizéramos a oração ao chegar de Faran, assim foi o caminho: que atravessássemos pelo meio a entrada do vale e assim chegássemos à montanha de Deus.

⁵ Esse mesmo monte parece ser único, [quando se está] ao seu redor, porém, depois de entrares nele, são vários, mas o todo é chamado “montanha de Deus”, no meio de todos eles está aquele específico, em cujo cimo, fica o lugar onde desceu a majestade de Deus, como está escrito.

⁶ E ainda que todos estes, ao redor, sejam tão altos como eu penso jamais ter visto, ainda assim, o do meio, no qual desceu a majestade de Deus, é tão mais alto que todos os outros que, quando subimos nele, bem à nossa frente todos os montes que havíamos achado elevados, ficavam tão abaixo de nós como se fossem morrinhos muito pequenos.

⁷ É realmente admirável e eu creio que não acontece sem a graça de Deus, que aquele que fica no meio, que é chamado propriamente Sinai, isto é, aquele em que desceu a majestade do Senhor, embora seja mais alto que todos, ainda assim não possa ser visto, a menos que chegues até a sua própria base, antes contudo de o escalar; quando, realizado esse desejo, desces dali, ele se torna visível também de frente, coisa que antes que subas não é possível fazer. Isso eu já sabia antes de chegarmos à montanha de Deus, pelos relatos dos nossos irmãos, e depois que lá cheguei, vi claramente assim ser.

3 Portanto, no sábado à tarde, nós caminhamos para o monte e, chegando a um certo mosteiro, acolheram-nos ali, com bastante bondade, os monges, os quais habitavam ali, oferecendo-nos toda hospitalidade; pois existe nesse lugar também uma igreja com um presbítero. Permanecemos pois ali naquela noite e, deste lugar, ao amanhecer do dia de domingo, com o mesmo presbítero e os monges que ali moravam, começamos a subir cada um dos montes.

quoniam non eos subis lente et lente per girum, ut dicimus in cocleas, sed totum ad directum subis ac si per parietem et ad directum descendi necesse est singulos ipsos montes, donec peruenias ad radicem propriam illius mediani, qui est specialis Syna.

² Hac sic ergo iubente Christo Deo nostro adiuta orationibus sanctorum, qui comitabantur, et sic cum grandi labore, quia pedibus me ascendere necesse erat (quia prorsus nec in sella ascendi poterat, tamen ipse labor non sentiebatur ex ea parte autem non sentiebatur labor, quia desiderium, quod habebam, iubente Deo uidebam compleri): hora ergo quarta²⁰ peruenimus in summitatem illam montis Dei sancti Syna, ubi data est lex, in eo id est loco, ubi descendit maiestas Domini in ea die, qua mons fumigabat.

³ In eo ergo loco est nunc ecclesia²¹ non grandis, quoniam et ipse locus, id est summitas montis, non satis grandis est, quae tamen ecclesia habet de se gratiam²² grandem.

⁴ Cum ergo, iubente Deo, persubissemus in ipsa summitate, et peruenissemus ad hostium ipsius ecclesiae, ecce et occurrit presbyter ueniens de monasterio suo, qui ipsi ecclesiae deputabatur, senex integer et monachus a prima uita, et ut hic dicunt ascitis²³, et quid plura? qualis dignus est esse in eo loco. Occurrerunt etiam et alii presbyteri, nec non etiam et omnes monachi, qui ibi commorabantur iuxta montem illum, id est qui tamen aut imbecillitate aut aetate non fuerunt impediti.

⁵ Verum autem in ipsa summitate montis illius mediani nullus commanet; nichil enim est ibi aliud nisi sola ecclesia et spelunca, ubi fuit sanctus Moyses.

⁶ Lecto ergo ipso loco omni de libro Moysi et facta oblatione ordine suo²⁴ hac²⁵ sic communicantibus nobis, iam ut exiremus de ecclesia, dederunt nobis presbyteri loci ipsius eulogias²⁶, id est de pomis, quae in ipso monte nascuntur. Nam cum ipse mons sanctus Syna totus petrinus sit, ita ut nec fruticem habeat, tamen deorsum prope radicem montium ipsorum, id est seu circa illius, qui medianus est, seu circa illorum, qui per giro sunt, modica terrola est; statim sancti

Estes montes são escalados com infinita dificuldade, pois não podes subi-los muito lentamente em círculo, ou como dizemos, em caracol, mas sobes em linha reta, e como por uma parede, e é necessário descer os mesmos montes um a um, em linha reta, até que enfim chega-se à raiz daquele que está no meio, que é o Sinai propriamente dito.

² Por esse caminho, assim, portanto, por ordem de Cristo nosso Deus, ajudada pelas orações dos monges, que nos acompanhavam, e assim com grande sacrifício, porque era necessário que eu subisse a pé (porque em linha reta não era possível subir na sela; todavia sob esse aspecto o esforço não era sentido, o esforço não era sentido porque o desejo que eu tinha, via ser satisfeito por ordem de Deus): na quarta hora chegamos pois ao cume do monte santo de Deus - Sinai, onde foi dada a lei, isto é, naquele lugar onde desceu a majestade do Senhor naquele dia em que o monte fumegava.

³ Pois bem, naquele lugar há agora uma igreja que não é grande, porque também o próprio lugar, isto é, o topo do monte não é grande o suficiente, entretanto essa igreja tem uma grande graça por si só.

⁴ Tendo atingindo, então, pela vontade de Deus, esse cume e chegando até a entrada da igreja, eis que correu a nosso encontro, vindo de seu mosteiro, o presbítero que era atribuído a essa igreja, velho íntegro, monge desde a juventude e, como aqui dizem, asceta; e o que mais? tal que é digno de estar neste lugar. Também acorreram outros presbíteros, e nem deixaram de vir também todos os monges que ali moravam, perto daquela montanha; isto é, pelo menos os que não foram impedidos pela fraqueza ou pela idade.

⁵ Na verdade, porém, na própria crista do monte do meio, ninguém mora, pois nada há ali senão a igreja, isolada, e a gruta onde esteve o santo Moisés.

⁶ Lido, pois, todo o passo correspondente do livro de Moisés e feita a Oblação, por sua ordem, comungando nós, como saíamos da igreja, os presbíteros do lugar nos deram oferendas, isto é, frutas, que nascem nesse monte. Porque embora a montanha santa do Sinai seja toda de pedra, a tal ponto que nem tenha um arbusto, ainda assim, embaixo, junto ao sopé desses montes, isto é, em volta do que está no meio, ou em volta dos que o rodeiam,

monachi pro diligentia sua arbusculas ponunt et pomariola instituunt uel orationes²⁷ et iuxta²⁸ sibi monasteria, quasi ex ipsius montis terra aliquos fructus capiant, quos tamen manibus suis elaborasse uideantur.

⁷ Hac sic ergo, posteaquam communicaueramus et dederant nobis eulogias sancti illi et egressi sumus foras hostium ecclesiae, tunc coepi eos rogare, ut ostenderent nobis singula loca. Tunc statim illi sancti dignati sunt singula ostendere. Nam ostenderunt nobis speluncam illam, ubi fuit sanctus Moyses, cum iterato ascendisset in montem Dei, ut acciperet denuo tabulas, posteaquam priores illas fregerat peccante populo, et cetera loca, quaecumque desiderabamus, uel quae ipsi melius nouerant, dignati sunt ostendere nobis.

⁸ Illud autem uos uolo scire, dominae uenerabiles sorores²⁹, quia de eo loco, ubi stabamus, id est in giro parietes ecclesiae, id est de summitate montis ipsius mediani, ita infra nos uidebantur esse illi montes, quos primitus uix ascenderamus, iuxta istum medianum, in quo stabamus, ac si essent illi colliculi, cum tamen ita infiniti essent, ut non me putarem aliquando altiores uidisse, nisi quod hic medianus eos nimium praecedebat. Egyptum autem et Palestinam et mare rubrum et mare illud Parthenicum, quod mittit Alexandriam, nec non et fines Saracenorum infinitos ita subter nos inde uidebamus, ut credi uix possit; quae tamen singula nobis illi sancti demonstrabant.

4 Completo ergo omni desiderio, quo festinaueramus ascendere, coepimus iam et descendere ab ipsa summitate montis Dei, in qua ascenderamus, in alio monte, qui ei periunctus est, qui locus appellatur in Choreb; ibi enim est ecclesia.

² Nam hic est locus Choreb, ubi fuit sanctus Helias propheta, qua³⁰ fugit a facie Achab regis, ubi ei locutus est Deus dicens: *quid tu hic Helias?* sicut scriptum est in libris regnorum. Nam et spelunca, ubi latuit sanctus Helias, in hodie ibi ostenditur ante hostium ecclesiae, quae ibi est; ostenditur etiam ibi altarium lapideum, quem posuit ipse sanctus Helias ad offerendum Deo, sicut et illi sancti singula nobis

há um pouquinho de terra; constantemente os santos monges, por zelo, plantam arvorezinhas e estabelecem pomarezinhos e lavouras, e aí por perto fazem habitáculos para si, para que colham alguns frutos da terra desse monte, que, contudo, parecem ser obtidos com o trabalho de suas mãos.

⁷ Então, depois que comungamos, e que aqueles monges nos deram oferendas, e saímos fora da porta da igreja, daí comecei a pedir-lhes que nos mostrassem cada um dos lugares. Então aqueles santos dignaram-se a mostrar cada um dos lugares. Com efeito, nos mostraram aquela gruta onde estivera o santo Moisés quando pela segunda vez subira à montanha de Deus, para receber novamente as tábuas, depois que quebrara as primeiras por causa do povo pecador; e também se dignaram a nos mostrar todos aqueles outros lugares que desejávamos, e os outros que eles mesmos melhor conheciam.

⁸ Quero também que saibais, senhoras, minhas veneráveis irmãs, que do lugar onde estávamos - rodeando as paredes da igreja, do alto desse monte do centro, tão abaixo de nós pareciam estar aqueles montes que com dificuldade escaláramos antes como se fossem pequenas colinas e eram, contudo, tão grandes que eu não pensaria ter visto maiores, não fosse o fato de que esse do meio, os excedia com sobra. O Egito e a Palestina, o mar Vermelho e o mar Partênico, que leva a Alexandria, e mais ainda o território dos sarracenos - imenso, víamos dali tão abaixo de nós que é difícil crer; no entanto aqueles monges nos mostravam (esses lugares) um após o outro.

4 Satisfeito pois cada desejo, pelo qual nos apressáramos em subir, começamos a descer do cimo da montanha de Deus, na qual subíramos, em um outro monte, que está junto dele, o qual lugar se chama Horeb pois aí há uma igreja.

² Este é o lugar chamado Horeb onde esteve o santo profeta Elias, quando fugiu da presença do rei Achab e onde Deus lhe falou, dizendo: *que fazes tu aqui Elias?* - como está escrito no livro dos reinos. Com efeito, a gruta onde se escondeu o santo Elias, até hoje se vê diante da porta da igreja que existe neste lugar; também se vê aí o altar de pedra, que construiu o próprio santo Elias para fazer oferendas a Deus,

ostendere dignabantur.

³ Fecimus ergo et ibi oblationem³¹ et orationem impensissimam, et lectus est ipse locus de libro regnorum: id enim nobis uel maxime / ea desideraueram semper, ut ubicumque uenissemus, semper ipse locus de libro legeretur.

⁴ Facta ergo et ibi oblatione accessimus denuo ad alium locum non longe inde ostendentibus presbyteris uel monachis, id est ad eum locum, ubi steterat sanctus Aaron cum septuaginta senioribus³², cum sanctus Moyses acciperet a Domino legem ad filios Israhel. In eo ergo loco, licet et tectum non sit, tamen petra ingens est per girum habens planitiem supra se, in qua stetisse dicuntur ipsi sancti; nam et in medio ibi quasi altarium de lapidibus factum habet. Lectus est ergo et ibi ipse locus de libro Moysi et dictus unus psalmus aptus loco; ac sic facta oratione descendimus inde.

⁵ Ecce et coepit iam esse hora forsitan octaua³³, et adhuc nobis superabant milia tria, ut perexiremus montes ipsos, quos ingressi fuimus pridie sera; sed non ipsa parte exire habebamus, qua intraueramus, sicut superius dixi, quia necesse nos erat et loca omnia sancta ambulare et monasteria, quaecumque erant ibi, uidere et sic ad uallis illius, quam superius dixi, caput exire, id est huius uallis, quae subiacet monti Dei.

⁶ Propterea autem ad caput ipsius uallis exire nos necesse erat, quoniam ibi erant monasteria plurima sanctorum hominum et ecclesia in eo loco, ubi est rubus, qui rubus usque in hodie uiuet et mittit uirgultas.

⁷ Ac sic ergo perdescenso monte Dei peruenimus ad rubum hora forsitan decima³⁴. Hic est autem rubus, quem superius dixi, de quo locutus est Dominus Moysi in igne, qui est in eo loco, ubi monasteria sunt plurima et ecclesia in capite uallis ipsius. Ante ipsam autem ecclesiam hortus est gratissimus, habens aquam optimam abundantem, in quo horto ipse rubus est.

⁸ Locus etiam ostenditur ibi iuxta, ubi stetit sanctus Moyses, quando ei dixi Deus: *solue corrigiam*

como dignavam-se os monges a nos mostrarem cada coisa.

³ Fizemos, pois, aí uma oferenda e uma oração ardentíssima, e foi lida a passagem apropriada do livro dos reinos: isso, com efeito, havia pedido (para nós) com o maior empenho, que, onde quer que chegássemos, sempre fosse lido um trecho do livro.

⁴ Feita pois também aí a oferenda, marchamos de novo a um outro lugar não longe daí, que nos mostravam os padres e monges, isto é, até aquele lugar onde estivera o santo Aaron, com os setenta anciãos, enquanto o santo Moisés recebia de Deus a lei destinada aos filhos de Israel. Neste lugar, ainda que não tenha cobertura, há, contudo, uma pedra enorme, encerrando sobre si uma planície ao redor, na qual se diz terem estado esses santos, e, efetivamente, quase lá no meio tem um altar feito de pedras. Foi lido neste lugar o passo do livro de Moisés e dito um salmo apropriado ao lugar; e feita assim uma oração, descemos desse lugar.

⁵ Eis que começou já a ser a hora oitava, e ainda nos restavam três milhas para que saíssemos daqueles montes, nos quais havíamos entrado na tarde anterior: mas não devíamos sair pela mesma parte na qual entráramos, como disse, porque nos era necessário andar por todos os lugares santos e mosteiros que havia lá e vê-los, e portanto sair perto da extremidade do vale que acima descrevi, isto é, o vale que fica no sopé da montanha de Deus.

⁶ Por isso, era-nos necessário sair pela extremidade do vale, porque ali havia numerosos mosteiros de homens santos e uma igreja no lugar onde está a sarça, essa sarça até hoje vive e brota.

⁷ E assim, ao descer do monte de Deus, chegamos à sarça mais ou menos na décima hora. Esta é a sarça que mencionei acima, da qual estando ela em fogo Deus falou a Moisés, e que está neste local, onde há mosteiros numerosos e uma igreja na extremidade do vale. Há, diante dessa igreja, um jardim graciosíssimo, com água ótima e abundante, e é neste jardim que se encontra a sarça.

⁸ Mostra-se também aí muito perto o lugar onde esteve o santo Moisés quando lhe disse Deus: *desata a*

calciamenti tui et cetera. Et in eo ergo loco cum peruenissemus, hora decima erat iam et ideo, quia iam sera erat, oblationem facere non potuimus. Sed facta est oratio in ecclesia nec non etiam et in horto ad rubum; lectus est etiam locus ipse de libro Moysi iuxta consuetudinem; et sic, quia sera erat, gustauimus nobis loco³⁵ in horto ante rubum cum sanctis ipsis; ac sic ergo fecimus ibi mansionem³⁶. Et alia die maturius uigilantes rogauimus presbyteros, ut et ibi fieret oblatio, sicut et facta est.

5 Et quoniam nobis iter sic erat, ut per ualle illa media, qua tenditur per longum, iremus, id est illa ualle, quam superius dixi, ubi sederant filii Ísrahel, dum Moyses ascenderet in montem Dei, et descenderet: itaque ergo singula, quemadmodum uenimus per ipsam totam uallem, semper nobis sancti illi loca demonstrabant.

² Nam in primo capite ipsius uallis, ubi manseramus et uideramus rubum illum, de quo locutus est Deus sancto Moysi in igne, uideramus etiam et illum locum, in quo steterat ante rubum sanctus Moyses, quando ei dixit Deus: *solue corrigiam calciamenti tui, locus enim, in quo stas, terra sancta est.*

³ Ac sic ergo cetera loca, quemadmodum profecti sumus de rubo, semper nobis coeperunt ostendere. Nam et monstraerunt locum, ubi fuerunt castra³⁷ filiorum Ísrahel his diebus, quibus Moyses fuit in montem. Monstraerunt etiam locum, ubi factus est uitululus ille³⁸; nam in eo loco fixus est usque in hodie lapis grandis.

⁴ Nos etiam, quemadmodum ibamus, de contra uidebamus summitatem montis, quae inspiciebat super ipsa ualle tota, de quo loco sanctus Moyses uidit filios Ísrahel habentes choros his diebus, quae fecerant uitululum. Ostenderunt etiam petram ingentem in ipso loco, ubi descendeat sanctus Moyses cum Iesu filio Naue, ad quam petram iratus fregit tabulas, quas afferebat.

⁵ Ostenderunt etiam, quemadmodum per ipsam uallem unusquisque eorum abitationes³⁹ habuerant, de quibus abitationibus usque in hodie adhuc fundamenta parent, quemadmodum fuerunt lapide

correia do teu calçado etcétera. E, quando chegamos neste local, já era a hora décima, e porque já era tarde, não pudemos fazer a oblação. Porém foi feita uma oração na igreja, como também no jardim perto da sarça, foi também lido um passo relevante do livro de Moisés, conforme o costume, e assim, porque era tarde, estando nós no lugar, no jardim diante da sarça, merendamos ali, com os monges, e assim pois acampamos nesse lugar. No dia seguinte, acordando mais cedo, pedimos aos padres para que aí também se fizesse uma oferenda, e assim foi feita.

5 E como o nosso itinerário era tal que fôssemos (cortando) pelo meio daquele vale que se estende em comprimento, isto é, o vale a que acima me referi, onde haviam permanecido os filhos de Ísrahel enquanto Moisés subia ao monte de Deus e descia: assim, a medida que voltamos pelo vale todo, sempre aqueles monges nos mostravam os lugares um a um.

² Efetivamente, na extremidade à frente do mesmo vale, onde acampáramos e viramos a sarça, da qual falou Deus ao santo Moisés no meio do fogo, viramos também o lugar no qual o santo Moisés estivera de pé, diante da sarça, quando Deus disse a ele: *Desata a correia do teu calçado, pois o lugar onde estás é terra santa.*

³ E assim, pois, à medida em que nos afastamos da sarça, começaram a mostrar-nos os outros lugares. Na verdade, mostraram-nos o lugar onde foi o acampamento dos filhos de Ísrahel naqueles dias em que Moisés esteve no monte. Mostraram também o lugar onde foi feito o famoso bezerro, porque neste lugar está fixada até hoje uma grande pedra.

⁴ Nós ainda, à medida em que caminhávamos, víamos defronte, o cume do monte que contemplava o vale todo, lugar do qual o santo Moisés viu os filhos de Ísrahel dançando naqueles dias em que fizeram o bezerro. Também mostraram, naquele lugar, a pedra imensa onde descia o santo Moisés com Josué, filho de Nave, contra a qual, irado, quebrou as tábuas que trazia.

⁵ Mostraram-nos, também, de que modo tiveram cada um deles habitações pelo vale, das quais até hoje aparecem os alicerces, de que modo foram cercados por pedra; mostraram-nos ainda o lugar onde o santo

girata; ostenderunt etiam locum, ubi filios Israhel iussit currere sanctus Moyses *de porta in porta*, regressus a monte.

⁶ Item ostenderunt nobis locum, ubi incensus est uitulus ipse iubente sancto Moysse, quem | fecerat eis Aaron. Item ostenderunt torrentem illum, de quo potauit sanctus Moyses filios Israhel, sicut scriptum est in Exodo.

⁷ Ostenderunt etiam nobis locum, ubi de spiritu Moysi acceperunt septuaginta uiri⁴⁰. Item ostenderunt locum, ubi filii Israhel habuerunt concupiscentiam escarum. Nam ostenderunt nobis etiam et illum locum, qui appellatus est incendium, quia incensa est quaedam pars castrorum, tunc qua⁴¹ orante sancto Moysse cessauit ignis.

⁸ Ostenderunt etiam et illum locum, ubi eis pluit manna et coturnices. Ac sic ergo singula, quaecumque scripta sunt in libris sanctis Moysi facta fuisse in eo loco, id est ea in ualle, quam dixi subiaceret monti Dei, id est sancto Syna, ostensa sunt nobis; quae quidem omnia singulatim scribere satis fuit, quia nec retineri poterant tanta, sed cum leget affectio uestra⁴² libros sanctos Moysi, omnia diligentius prouidet, quae ibi facta sunt.

⁹ Haec est ergo uallis, ubi celebrata est pascha completo anno profectionis filiorum Israhel de terra Egypti, quoniam in ipsa ualle filii Israhel commorati sunt aliquandiu, id est donec sanctus Moyses ascenderet in montem Dei, et descenderet primum et iterato; et denuo tandiu ibi inmorati sunt, donec fieret tabernaculum⁴³, et singula, quae ostensa sunt in montem Dei. Nam ostensus est nobis et ille locus, in quo confixum a Moysse est primitus tabernaculum, et perfecta sunt singula, quae iusserat Deus in montem⁴⁴ Moysi, ut fierent.

¹⁰ Vidimus etiam in extrema iam ualle ipsa memorias concupiscentiae, in eo tamen loco, in quo denuo reuersi sumus ad iter nostrum, hoc est ubi exeuntes de ualle illa grande reingressi sumus uia, qua ueneramus, inter montes illos, quos superius dixeram. Nam etiam ipsa die accessimus et ad ceteros monachos ualde sanctos, qui tamen pro aetate aut

Moisés, retornado do monte, ordenou aos filhos de Israel que corressem de porta em porta.

⁶ Igualmente nos mostraram o lugar onde foi queimado, por ordem do santo Moisés, o bezerro que para eles fizera Aaron. Além disso, nos mostraram a torrente da qual o santo Moisés fez beber os filhos de Israel, tal como está escrito no Êxodo.

⁷ Mostraram-nos também o lugar onde setenta homens receberam de Moisés o seu espírito. Igualmente nos mostraram o lugar onde os filhos de Israel tiveram a cobiça de alimentos. Ainda nos mostraram o lugar que é chamado Incêndio, porque foi incendiada uma certa parte dos acampamentos, quando então, rezando o santo Moisés, o fogo cessara.

⁸ Mostraram-nos também o lugar onde choveu para eles maná e codornizes. E assim, portanto, uma a uma, quaisquer coisas que está escrito nos livros santos de Moisés terem acontecido naquele lugar, isto é, no vale o qual disse que está situado abaixo do monte de Deus, isto é, o santo Sinai, foi mostrado a nós; na verdade, escrever todas essas coisas uma por uma seria demais, porque nem sequer podiam ser lembradas, de tão numerosas, mas quando Vossa Caridade ler os santos livros de Moisés, verá mais atentamente os fatos que aconteceram neste lugar.

⁹ Este é pois o vale onde foi celebrada a Páscoa, completado um ano da partida dos filhos de Israel da terra do Egito, pois neste mesmo vale os filhos de Israel se demoraram por algum tempo, isto é, enquanto o santo Moisés subiu no monte de Deus e desceu pela primeira e segunda vez; e novamente algum tempo ficaram aí até que fosse feito o tabernáculo e todas as coisas que nos foram mostradas no monte de Deus. Com efeito, nos foi mostrado o lugar em que foi fixado, primeiramente, por Moisés, o tabernáculo e foi executada cada uma das coisas que ordenara Deus a Moisés, no monte, que se fizesse.

¹⁰ Vimos também, já no extremo do vale, os sepúlcros da cobiça, e enfim, naquele lugar, no qual novamente voltamos ao nosso caminho, isto é, onde, saindo do grande vale, reingressamos na estrada pela qual viéramos, entre os montes que acima descrevi. Efetivamente, ainda no mesmo dia nos encontramos com outros monges muito santos, que, porém, pela

inbecillitate occurrere in monte Dei ad oblationem faciendam non poterant; qui tamen nos dignati sunt in monasteriis suis aduenientes ualde humane suscipere.

¹¹ Ac sic ergo uisa loca sancta omnia⁴⁵, quae desiderauimus, nec non etiam et omnia loca, quae filii Israhel tetigerant eundo uel redeundo ad montem Dei, uisis etiam et sanctis uiris, qui ibi commorabantur, in nomine Dei regressi sumus in Faran⁴⁶.

¹² Et licet semper Deo in omnibus gratias agere debeam, non dicam in his tantis et talibus quae circa me conferre dignatus est indignam et non merentem, ut perambularem omnia loca, quae mei meriti non erant, tamen etiam et illis omnibus sanctis nec sufficio gratias agere, qui meam paruitatem dignabantur in suis monasteriis libenti animo suscipere uel certe per omnia loca | deducere, quae ego semper iuxta scripturas sanctas requirebam. Plurimi autem ex ipsis sanctis, qui in montem Dei uel circa ipsum montem commorabantur, dignati sunt nos usque in Faran deducere, qui tamen fortiori corpore erant.

6 Ac sic ergo cum peruenissemus Faran⁴⁷, quod sunt a monte Dei milia triginta et quinque, necesse nos fuit ibi ad resumendum biduo immorari. Ac tertia die inde maturantes uenimus denuo ad mansionem, id est in desertum Faran, ubi et euntes manseramus, sicut et superius dixi. Inde denuo alia die facientes aquam et euntes adhuc aliquantulum inter montes peruenimus ad mansionem, quae erat iam super mare, id est in eo loco, ubi iam de inter montes exitur et incipitur denuo totum iam iuxta mare ambulari, sic tamen iuxta mare, ut subito fluctus animalibus pedes caedat, subito etiam et in centum et in ducentos passus, aliquotiens etiam et plus quam quingentos passus de mari per heremum ambuletur; uia enim illic penitus non est, sed totum heremi sunt arenosae⁴⁸.

² Faranitas autem, qui ibi consueuerunt ambulare cum cameli suis, signa sibi locis et locis ponent, ad quae signa se tendent, et sic ambulant per diem. Nocte autem signa cameli attendunt. Et quid plura? diligentius et securius in eo loco ex consuetudine

idade ou fraqueza não podiam ir na montanha de Deus para fazer a oblação; entretanto, eles dignaram-se a acolher-nos em nossa chegada, com muita bondade, nos seus mosteiros.

¹¹ E assim, pois, vistos todos os lugares santos que desejávamos, e não só eles, mas ainda todos os lugares que os filhos de Israel alcançaram indo para montanha de Deus ou vindo, e visitados os santos homens que aí habitavam, em nome de Deus, voltamos a Faran.

¹² E ainda que eu sempre deva dar graças a Deus em tudo, não direi sobre as tão grandes e tão importantes (graças) que se dignou a me destinar, indigna e não merecedora, que percorresse todos os lugares que não eram do meu merecimento, e também todos aqueles monges nem posso agradecer, que se dignaram a receberem minha insignificância, com prazer, em seus mosteiros, ou me levar incontestavelmente por todos os lugares que eu sempre, conforme as santas escrituras, requeria. Além disso, grande parte desses monges, os quais eram mais fortes de corpo, que moravam na montanha de Deus ou nas imediações da montanha, dignaram-se a nos acompanhar até Faran.

6 E assim, logo que chegamos a Faran, que fica a trinta e cinco milhas do monte de Deus, foi-nos necessário ficar aí por dois dias para nos recuperarmos. E, no terceiro dia, dali apressados, voltamos de novo para a pousada no deserto de Faran, onde pousáramos na ida, conforme contei acima. Novamente, no outro dia, buscando água e indo dali quase nada entre os montes, chegamos a um albergue que já era sobre o mar, isto é, naquele lugar onde já se sai de entre os montes e se começa novamente a andar muito perto do mar; mas tão próximo do mar, que de repente a onda toca nos os pés dos animais e também inesperadamente se anda por cem ou duzentos passos, e também, algumas vezes, se anda a mais do que quinhentos passos do mar, pela terra árida; na verdade, lá não há absolutamente uma estrada, mas a totalidade do deserto é um areial.

² Os faranitas, que costumam andar aí com seus camelos, colocam sinais para si, de lugar em lugar, aos quais se dirigem, e assim andam durante o dia. Depois, de noite, os camelos prestam atenção aos sinais. E o que mais? neste lugar, os faranitas andam,

Faranitae ambulant nocte, quam aliqui hominum ambulare potest in his locis, ubi uia aperta est.

³ In eo ergo loco de inter⁴⁹ montes exiimus redeuntes, in quo loco et euntes inter montes intraueramus, ac sic ergo denuo plicauimus nos ad mare. Filii etiam Israhel reuertentes a monte Dei Syna usque ad eum locum reuersi sunt per iter quod ierant, id est usque ad eum locum, ubi de inter montes exiimus, et iunximus nos denuo ad mare rubrum, et inde nos iam iter nostrum, quo ueneramus, reuersi sumus; filii autem Israhel de eodem loco, sicut scriptum est in libris sancti Moysi, ambulauerunt iter suum.

⁴ Nos autem eodem itinere et eisdem mansionibus, quibus ieramus, reuersi sumus in Clesma. In Clesma autem cum uenissemus < denuo >, necesse nos fuit et ibi denuo resumere, quoniam iter heremi⁵⁰ arenosum ualde feceramus.

7 Sane licet terram Gesse⁵¹ iam nossem, id est qua primitus ad Egyptum fueram, tamen ut peruiderem omnia loca, quae filii Israhel exeuntes de Ramesse tetigerant euntes, donec peruenirent usque ad mare rubrum, qui locus nunc de castro, quod ibi est, appellatur Clesma: desiderii ergo fuit, ut / de Clesma ad terram Gesse exiremus, id est ad ciuitatem, quae appellatur Arabia, quae ciuitas⁵² in terra Gesse est; nam inde ipsum territorium sic appellatur, id est terra Arabiae, terra lesse, quae tamen terra Egypti pars est, sed melior satis quam omnis Egyptus est.

² Sunt ergo a Clesma, id est a mare rubro, usque ad Arabiam ciuitatem mansiones quattuor per heremo, sic tamen per heremum, ut cata⁵³ mansiones monasteria sint cum militibus et praepositis⁵⁴, qui nos deducebant semper ad castrum. In eo ergo itinere sancti qui nobiscum erant, hoc est clerici uel monachi, ostendebant nobis singula loca, quae semper ego iuxta scripturas requirebam; nam alia in sinistro, alia in dextro de itinere nobis erant, alia etiam longius de uia, alia in proximo.

por estarem acostumados, com mais exatidão e mais segurança, de noite, do que qualquer homem pode andar, nos lugares, onde há uma estrada aberta.

³ Voltando, pois, saímos de entre os montes, no mesmo lugar, no qual, indo entre os montes, entráramos, e assim, pois, chegamos de novo até o mar. Também, os filhos de Israel voltando do monte de Deus - o Sinai, voltaram até aquele lugar pelo caminho que foram, isto é, até aquele lugar onde saímos de entre os montes, e nos unimos novamente ao mar Vermelho, e daí nós já retornamos ao nosso trajeto, pelo qual viéramos; entretanto, os filhos de Israel, deste mesmo lugar, assim como está escrito nos livros do santo Moisés, seguiram seu caminho.

⁴ Nós, porém, pelo mesmo itinerário e pelas mesmas pousadas que fôramos, voltamos a Clisma. Depois, quando chegamos em Clisma novamente, foi-nos necessário nos recuperar, pois fizéramos muito o caminho do deserto arenoso.

7 Muito embora já conhecesse a terra de Gessen, isto é, por onde fora pela primeira vez ao Egito, entretanto para ver todos os lugares que os filhos de Israel, saindo de Ramsés, indo atingiram em seu caminho até o momento em que chegaram ao mar Vermelho, lugar que agora se chama Clisma, por causa da fortaleza que ali está: logo, foi desejo que saíssemos de Clisma à terra de Gessen, isto é, até a cidade que é chamada Arabia, a qual cidade está na terra de Gessen e, na verdade, o próprio território a partir desse lugar é assim chamado, isto é, terra da Arábia, terra de Gessen, essa terra, todavia, é parte do Egito, mas é muito melhor do que todo o Egito.

² Existem, pois, de Clisma, isto é, do mar Vermelho até a comunidade Arábia, quatro pousadas pelo deserto, assim porém (dispostas) pelo deserto, que cada uma das pousadas seja também um mosteiro com soldados e comandantes, e esses nos acompanhavam até o (próximo) acampamento. Nesse percurso, pois, os santos que estavam conosco, isto é, clérigos ou monges, mostravam a nós cada um dos lugares que eu sempre requeria, conforme as escrituras; de fato, uns ficavam à esquerda, outros à direita para nós em relação ao caminho (em que estávamos), uns muito perto, e outros ainda bem longe da estrada.

³ Nam michi credat uolo affectio uestra, quantum tamen peruidere potui, filios Israhel sic ambulasse, ut quantum irent dextra, tantum reuenterentur sinistra, quantum denuo inante ibant, tantum denuo retro reuertebantur, et sic fecerunt ipsum iter, donec peruenirent ad mare rubrum.

⁴ Nam et Epauleum ostensum est nobis, de contra tamen, et Magdalum fuimus. Nam castrum est ibi nunc habens praepositum cum milite⁵⁵, qui ibi nunc praesidet⁵⁶ pro disciplina romana. Nam et nos iuxta consuetudinem deduxerunt inde usque ad aliud castrum, et locus Belsefon ostensus est nobis, immo in eo fuimus. Nam ipse est campus supra mare rubrum, iuxta latus montis, quem superius dixi, ubi filii Israhel, cum uidissent Egyptios post se uenientes, exclamauerunt.

⁵ Oton etiam ostensum est nobis, quod est iuxta deserta loca, sicut scriptum est, nec non etiam et Socchoth. Socchoth autem est cliuus modicus in media ualle, iuxta quem colliculum fixerunt castra filii Israhel; nam hic est locus, ubi accepta est lex paschae.

⁶ Phitona etiam ciuitas, quam aedificauerunt filii Israhel, ostensa est nobis in ipso itinere, in eo tamen loco ubi iam fines Egypti intrauimus, relinquentes iam terras Saracenorum; nam et ipsud nunc Phitona castrum est.

⁷ Heroum autem ciuitas, quae fuit illo tempore, id est ubi occurrit Ioseph patri suo Iacob uenienti, sicut scriptum est in libro Genesis, nunc est come⁵⁷, sed grandis, quod nos dicimus uicus. Nam ipse uicus ecclesiam habet et martyria et monasteria plurima sanctorum monachorum, ad quae singula uidenda necesse nos fuit ibi descendere iuxta consuetudinem, quam tenebamus.

⁸ Nam ipse uicus nunc appellatur Hero, quae tamen / a terra Iesse miliario iam sexto decimo est, nam in finibus Egypti est; locus autem ipse, satis gratus est, nam et pars quaedam fluminis Nili ibi currit.

³ Efetivamente, quero que Vossa Caridade me creia, tanto quanto pude ver, que os filhos de Israel andaram assim, de modo que, o quanto foram para a direita, tanto voltaram para a esquerda, novamente o quanto iam em frente, tanto outra vez voltavam para trás, e assim fizeram o mesmo caminho até que chegaram ao mar Vermelho.

⁴ Com efeito, não só nos foi mostrado Epáulis defronte, como, por outro lado, também fomos a Magdol. De fato, agora existe um forte nesse lugar, contendo um oficial com soldado, que aí agora responde pela disciplina romana. Também, efetivamente, segundo o costume, nos conduziram daí até outro forte, e nos foi mostrado o lugar Baal-Sefon, aliás fomos nele. Na verdade, é uma planície acima do mar Vermelho, junto ao flanco da montanha, que acima disse, onde os filhos de Israel, como tivessem avistado os egípcios vindo atrás deles, gritaram.

⁵ Também nos foi mostrado Etam, que fica junto aos lugares desertos, assim como está escrito, e ainda também Sucot. Entretanto, Sucot é uma ladeira moderada no meio do vale e, junto a esse outeiro, plantaram acampamentos os filhos de Israel; na verdade aqui é o lugar onde foi recebida a lei da Páscoa.

⁶ Ainda a cidade de Phitona, que os filhos de Israel construíram, nos foi mostrada no mesmo trajeto, porém naquele lugar onde já entramos no território do Egito, deixando já a terra dos saracenos; com efeito, agora também Phitona é um forte.

⁷ Também a cidade de Herópolis, que existiu naquele tempo, isto é, onde José correu ao encontro de Jacó, seu pai, que se aproximava, assim como está escrito no livro Genesis, agora é um povoado, porém grande, que nós dizemos aldeia. De fato, essa aldeia tem uma igreja, bem como túmulos de mártires, e também numerosos mosteiros de monges santos, para ver cada um deles nos foi necessário ali descer, conforme o costume que mantínhamos.

⁸ Na verdade, essa aldeia agora se chama Hero, Hero que contudo está precisamente a dezesseis milhas da terra de Gessen, pois está no território do Egito; esse lugar é aliás muito agradável, pois uma certa parte do Nilo também corre ali.

⁹ Ac sic ergo exeuntes de Hero peruenimus ad ciuitatem, quae appellatur Arabia, quae est ciuitas in terra Iesse. Vnde⁵⁸ scriptum est dixisse Pharaonem ad Ioseph: *In meliori terra Egypti colloca patrem tuum et fratres in terra Iessen, in terra Arabiae.*

8 De Arabia autem ciuitate quattuor milia passus sunt Ramessen. Nos autem, ut ueniremus ad mansionem Arabiae, per media Ramesse transiuimus, quae Ramessen ciuitas nunc campus est, ita ut nec unam habitationem habeat. Paret sane, quoniam et ingens fuit per girum et multas fabricas⁵⁹ habuit; ruinae enim ipsius, quemadmodum collapsae sunt, in hodie infinitae parent.

² Nunc autem ibi nichil aliud est, nisi tantum unus lapis ingens thebeus, in quo sunt duae statuetae excisae, ingentes, quas dicunt esse sanctorum hominum, id est Moysi et Aaron; nam dicent⁶⁰, eo quod filii Israhel in honore ipsorum eas posuerint.

³ Et est ibi praeterea arbor sicomori, quae dicitur a patriarchis⁶¹ posita esse; nam iam uetustissima est et ideo permodica est, licet tamen adhuc fructus afferat. Nam cuicumque incommoditas fuerit, uadent ibi et tollent surculos et prode illis est.

⁴ Hoc autem referente sancto episcopo⁶² de Arabia cognouimus; nam ipse nobis dixit nomen ipsius arboris, quemadmodum appellant eam graece, id est dendros aethiae, quod nos dicimus arbor ueritatis. Qui tamen sanctus episcopus nobis Ramessen occurrere dignatus est; nam et iam senior uir, uere satis religiosus ex monacho et affabilis, suscipiens peregrinos⁶³ ualde bene; nam et in scripturis Dei ualde eruditus est.

⁵ Ipse ergo cum se dignatus fuisset uexare et ibi nobis occurrere, singula ibi ostendit seu retulit de illas statuetae, quas dixi, ut etiam et de illa arbore sicomori. Nam et hoc nobis ipse sanctus episcopus retulit, eo⁶⁴ quod Faraó, quando uidit, quod filii Israhel dimiserant eum, tunc ille, priusquam post illos occuparet, isset cum omni exercitu suo intra Ramesse et incendisset eam omnem, quia infinita erat ualde, et inde post filios Israhel fuisset profectus.

⁹ E assim, portanto, saindo de Hero chegamos à cidade que se chama Arábia, cidade que está na terra de Gessen. Isto é porque está escrito ter dito o Faraó a José: *Na melhor terra do Egito estabelece o teu pai e irmãos: na terra de Gessen, na terra da Arábia.*

8 Da cidade de Arábia há quatro mil passos a Ramsés. Nós, porém, para voltar à pousada de Arábia, atravessamos pelo meio de Ramsés, a qual cidade Ramsés agora é uma planície, a tal ponto que não tem nem sequer uma habitação. Sem dúvida, está claro que também foi imensa em circunferência e teve muitas construções; na verdade, as ruínas dela, tais como estão caídas, hoje parecem imensas.

² Agora, contudo, lá não há outra coisa a não ser tão somente uma imensa pedra de Tebas na qual estão duas estátuas talhadas, enormes, que dizem ser dos santos homens, isto é, Moisés e Aarão, também dizem que os filhos de Israel as puseram em honra dos mesmos.

³ E lá, além disso, há uma árvore de sicômoro, que diz-se ter sido colocada pelos patriarcas; na verdade, já é velhíssima e por isso é muito pequena, embora ainda até agora dê frutos. De fato, todos aqueles que tenham tido um incômodo, vão lá e arrancam uns galhos, e faz bem a eles.

⁴ Soubemos disso pelo relato do santo bispo de Arábia, efetivamente ele disse a nós o nome da própria árvore, como a chamam em grego, isto é, “dendros aethiae”, que nós dizemos “árvore da verdade”. Esse santo bispo, por outro lado, dignou-se de correr ao nosso encontro em Ramsés; de fato já é um homem velho, verdadeiramente muito piedoso e afável desde (o tempo em que foi) monge, que recebe os peregrinos muito bem; na verdade também é grandemente erudito nas escrituras de Deus.

⁵ Ele, pois, como tivesse se dignado a se abalar e lá correr a nosso encontro, lá mostrou ou contou sobre cada uma daquelas estátuas, as quais já falei, e também sobre aquela árvore de sicômoro. Ainda também o santo bispo nos contou que quando o Faraó viu que os filhos de Israel o tinham deixado para trás, antes de atacá-los, foi com todo seu exército dentro de Ramsés e a incendiou inteira, que era bastante grande e, só então, seguiu no encalço dos filhos de Israel.

9 Nobis autem fortuitu hoc gratissimum euenit, ut ea die, qua uenimus ad mansionem Arabia, pridie a beatissimo die epiphania esset; nam eadem die uigiliae agendaerant in ecclesia. Ac sic ergo aliquo biduo ibi tenuit nos sanctus episcopus, sanctus et uere homo Dei, notus mihi iam satis / de eo tempore, a quo ad Thebaidam fueram.

² Ipse autem sanctus episcopus ex monacho est, nam a pisinno in monasterio nutritus est, et ideo aut tam eruditus in scripturis est, aut tam emendatus in omni uita sua, ut et superius dixi.

³ Nos autem inde iam remisimus milites, qui nobis pro disciplina romana auxilia praebuerant, quamdiu per loca suspecta ambulaueramus, iam autem, quoniam ager⁶⁵ publicus erat per Egyptum, quod transiebat per Arabiam ciuitatem, id est quod mittit de Thebaida in Pelusio, et ideo iam non fuit necesse uexare milites.

⁴ Proficiscentes ergo inde totum per terram Gessen iter fecimus semper inter uineas, quae dant uinum, et uineas, quae dant balsamum, et inter pomaria et agros cultissimos et hortos pulcherrimos iter habuimus totum super ripam fluminis Nili inter fundos frequentissimos, quae fuerant quondam uillae filiorum Israhel. Et quid plura? pulchriorem territorium puto me nusquam uidisse, quam est terra lessen.

⁵ Ac sic ergo ab Arabia ciuitate iter facientes per biduo totum per terra Gessen peruenimus Tathnis in ea ciuitate, ubi natus est sanctus Moyses. Haec est autem ciuitas Tathnis, quae fuit quondam metropolis Pharaonis.

⁶ Et licet ea loca, ut superius dixi, iam nossem, id est quando Alexandriam uel ad Thebaidem fueram, tamen quia ad plenum discere uolebam loca, quae ambulauerant filii Israhel proficiscentes ex Ramesse usque ad montem Dei sanctum Syna, ac sic necesse fuit etiam denuo ad terram Gessen reuerti et inde Tathnis: proficiscentes ergo de Tathnis, ambulans per iter iam notum perueni Pelusio.

9 Todavia, por acaso, aconteceu-nos isto de extremamente agradável que aquele dia que chegamos à pousada de Arábia era véspera do felicíssimo dia da Epifania, de fato, naquele mesmo dia, deviam realizar-se vigílias na igreja. E assim, pois, nos segurou por dois dias neste lugar, o santo bispo, crente e verdadeiramente homem de Deus, já bastante conhecido por mim, desde o tempo em que eu fora a Tebaida.

² Esse santo bispo é um antigo monge, pois foi, desde pequeno, criado no mosteiro, e por isso é tão erudito nas escrituras, como é correto em tudo na sua vida, como já disse acima.

³ Em seguida, nós a partir dali já dispensamos os soldados que nos ofereceram auxílio por conta da disciplina romana durante todo o tempo que andamos por lugares perigosos; porque agora já havia uma estrada pública através do Egito, que passava pela cidade de Arábia, isto é, o que conduz de Tebaida a Pelúcio e, por isso, já não foi necessário incomodar os soldados.

⁴ Partindo, pois, daí, percorremos o caminho todo pela terra de Gessen, sempre entre videiras que dão vinho e videiras que dão bálsamo; e entre pomares e campos cultivadíssimos e jardins lindíssimos. Fizemos o caminho todo sobre a ribanceira do rio Nilo, entre quintas bastante numerosas, que foram antigamente casas de campo dos filhos de Israel. E o que mais? Penso não ter visto território mais bonito, em nenhuma parte, do que é a terra de Gessen.

⁵ E assim, portanto, da cidade de Arábia, andando por dois dias inteiros pela terra de Gessen, chegamos naquela cidade de Tânis, onde nasceu o santo Moisés. Esta cidade de Tânis é, de fato, a que foi antigamente a capital do Faraó.

⁶ E, ainda que, como falei acima, já tivesse conhecido aqueles lugares, isto é, quando fora a Alexandria e a Tebaida, contudo, porque queria estudar a fundo os lugares que os filhos de Israel andaram, partindo de Ramsés até o monte santo de Deus - o Sinai, assim também foi necessário novamente voltar à terra de Gessen e daí a Tânis; pois bem, partindo nós de Tânis, caminhando pelo caminho já conhecido, cheguei a Pelúcio.

⁷ Et inde proficiscens denuo, faciens iter per singulas mansiones Egypti, per quas iter habueramus, perueni ad fines Palestinae. Et inde in nomine Christi Dei nostri faciens denuo mansiones aliquot per Palestina regressa sum in Helia, id est in Ierusalimam.

10 Item transacto aliquanto tempore et iubente Deo fuit denuo uoluntas accedendi usque ad Arabiam, id est ad montem Nabau, in eo loco, in quo iussit Deus ascendere Moyses dicens ad eum : *Ascende in montem Arabot, montem Nabau, qui est in terra Moab contra faciem Iericho, et uide terram Chanaan, quam ego do filiis Israhel in possessionem*⁶⁶, et morere in monte ipso, in quem ascenderis.

² Itaque ergo Deus noster Iesus, qui sperantes in se⁶⁷ non deseret, etiam et in hoc uoluntati meae effectum praestare dignatus est.

³ Proficiscens ergo Ieruso / lima faciens iter cum sanctis, id est presbytero et diaconibus⁶⁸ de Ierusalima et fratribus aliquantis, id est monachis, peruenimus ergo usque ad eum locum Iordanis, ubi filii Israhel transierant, quando eos sanctus Iesus filius Naue Iordanem traicerat, sicut scriptum est in libro Iesu Naue. Nam et locus ille ostensus est nobis quasi modice altior, ubi filii Ruben et Gad et dimidia tribus Manasse fecerant aram, in ea parte ripae, qua est Iericho.

⁴ Transeuntes ergo fluuium peruenimus ad ciuitatem, quae appellatur Libiada, quae est in eo campo, in quo tunc filii Israhel castra fixerant. Nam et fundamenta de castris filiorum Israhel et habitationibus ipsorum, ubi commorati sunt, in eo loco in hodie parent. Campus enim ipse est infinitus subter montes Arabiae super Iordanem. Nam hic est locus, de quo scriptum est: *Et plorauerunt filii Israhel Moysen in Arabot Moab et Iordane contra Iericho quadraginta diebus.*

⁵ Hic etiam locus est, ubi post recessum Moysi statim Iesus filius Naue repletus est spiritu scientiae: imposuerat enim Moyses manus suas super eum, sicut scriptum est.

⁷ E deste lugar partindo de novo, fazendo o caminho por cada uma das pousadas do Egito, pelas quais tínhamos feito viagem, cheguei às terras da Palestina. E daí, em nome de Cristo, nosso Deus, fazendo novamente algumas pousadas pela Palestina, voltei a Hélia, isto é, a Jerusalém.

10 Assim, passado bastante tempo e por ordem de Deus, tive de novo vontade de subir até a Arábia, isto é, até o monte Nebo, naquele lugar em que Deus ordenou Moisés que subisse, dizendo a ele: *sobe no monte Abarim, monte Nebo, que fica na terra de Moab, em frente a Jericó, e vê a terra de Canaan, que eu dou aos filhos de Israel como colônia, e morre no mesmo monte em que subires.*

² Assim pois, Jesus nosso Deus, que não abandona os que esperam nele, nisso também dignou-se acrescentar realização à minha vontade.

³ Partindo portanto de Jerusalém, fazendo o caminho com os santos, isto é, com um presbítero e diáconos de Jerusalém e muitos irmãos, isto é, monges, chegamos pois até aquele lugar do Jordão onde os filhos de Israel atravessaram quando o santo Josué, filho de Nave, os fez passar o Jordão, assim como está escrito no livro de Josué de Nave. De fato também nos foi mostrado aquele lugar, como que discretamente mais alto, onde os filhos Ruben e Gad e a metade da tribo Manassés fizeram um altar, naquela parte da margem em que está Jericó.

⁴ Atravessando pois o rio, chegamos à cidade que se chama Lívias, que fica naquela planície em que naquela ocasião os filhos de Israel tinham armado acampamento. De fato, ainda os alicerces dos acampamentos dos filhos de Israel e das habitações dos próprios onde ficaram, até hoje aparecem naquele lugar. Na verdade, essa planície é infinita sob os montes de Arábia, sobre o Jordão. De fato aqui é o lugar do qual está escrito: *E os filhos de Israel choraram Moisés em Arabot, em Moab e no Jordão, em frente a Jericó, por quarenta dias.*

⁵ Este também é o lugar onde, depois do afastamento de Moisés, Josué, filho de Nave, foi imediatamente suprido pelo espírito de conhecimento: pois que Moisés impusera suas mãos sobre ele, assim como está escrito.

⁶ Nam ipse est locus, ubi scripsit Moyses librum Deuteronomii; hic etiam est locus, ubi locutus est Moyses in aures totius ecclesiae Israhel uerba canticum usque in finem huius, qui scriptus est in libro Deuteronomii. Hic est ipse locus, ubi benedixit sanctus Moyses homo Dei filios Israhel singulatim per ordinem ante obitum suum.

⁷ Nos ergo cum uenissemus in eodem campo, peraccessimus ad locum ipsum et facta est ibi oratio, lecta etiam pars quaedam Deuteronomii in eo loco nec non etiam et canticum ipsius, sed et benedictiones, quas dixerat super filios Israhel. Et iterato post lectione facta est oratio, et gratias Deo agentes mouimus inde. Id enim nobis semper consuetudinis erat, ut ubicumque ad loca desiderata accedere ualebamus, primum ibi fieret oratio, deinde legeretur lectio ipsa de codice, diceretur etiam psalmus unus⁶⁹ pertinens ad rem et iterato fieret ibi oratio. Hanc ergo consuetudinem iubente Deo semper tenuimus, ubicumque ad loca desiderata potuimus peruenire.

⁸ Ac sic ergo, ut coeptum opus perficeretur, coepimus festinare, ut perueniremus ad montem Nabau. Euntibus nobis commonuit presbyter loci ipsius, id est de Libiade, quem ipsum nobiscum rogantes moueramus de mansione, quia melius ipsa loca nouerat: dicit ergo nobis ipse presbyter: si uultis uidere aquam, quae fluit de pedra, id est quam dedit Moyses filiis Israhel sitientibus, potestis uidere; si tamen uolueritis laborem uobis imponere, ut de uia camsemus⁷⁰ / forsitan miliario sexto.

⁹ Quod cum dixisset, nos satis auidi optati sumus ire; et statim diuertentes a uia secuti sumus presbyterum, qui nos ducebat. In eo ergo loco ecclesia est pisinna subter montem non Nabau, sed alterum interiorem, sed nec ipse longe est de Nabau; monachi autem plurimi commanent ibi uere sancti, et quos hic ascites uocant.

11 Hi ergo sancti monachi dignati sunt nos suscipere ualde humane, nam et ad salutationem suam permiserunt nos ingredi. Cum autem ingressi fuisset ad eos, facta oratione cum ipsis eulogias

⁶ Efetivamente, este é o lugar onde Moisés escreveu o livro do Deuterônômio; este também é o lugar onde Moisés falou aos ouvidos de toda a assembléia de Israel até o fim as palavras do cântico, o qual está escrito no livro do Deuterônômio. Esse é o mesmo lugar onde o santo Moisés, homem de Deus, abençoou os filhos de Israel um a um, por ordem, antes de sua morte.

⁷ Nós, portanto, quando chegamos naquela planície, nos aproximamos até o próprio lugar e ali foi feita uma oração, lida também uma certa parte do Deuterônômio naquele lugar, não apenas o cântico do mesmo, mas também as bênçãos que pronunciou sobre os filhos de Israel. E outra vez, após a leitura, foi feita uma oração, e dando graças a Deus, partimos dali. De fato, isso era sempre costume, que onde quer que podíamos chegar aos lugares desejados, primeiro uma oração se fazia ali, em seguida se lia um texto do livro, se dizia também um salmo pertinente à ocasião e novamente pela segunda vez uma oração era feita ali. Mantivemos pois sempre este costume, com a ajuda de Deus, sempre que pudemos chegar aos lugares desejados.

⁸ E assim, portanto, a fim de que fosse acabada a obra iniciada, começamos a nos apressar rumo ao monte Nebo. Ao irmos, nos advertiu um presbítero do próprio lugar, isto é, de Lívias, esse mesmo que, conosco mediante pedido, moveramos do acampamento, porque melhor conhecia esses lugares: disse-nos pois esse presbítero: se quereis ver a água que flui da pedra, isto é, a que deu Moisés aos filhos de Israel sedentos, podeis ver; mas se quiserdes impor a vós o trabalho que da estrada nos afastemos (lacuna) talvez seis milhas.

⁹ Depois que ele assim falou, bastante desejosos, decidimos ir, e afastando-nos imediatamente da estrada seguimos o presbítero que nos conduzia. Neste lugar a igreja é pequena, abaixo do monte, não o Nebo, mas um outro mais escondido, porém esse não está longe do Nebo; e, aliás, moram aí muitos monges verdadeiramente santos que aqui chamam ascetas.

11 Estes santos monges dignaram-se a nos acolher com muita bondade, pois inclusive nos permitiram entrar para saudá-los. Depois que entramos até eles, feita a oração com eles, dignaram-se a nos darem

nobis dare dignati sunt, sicut habent consuetudinem dandi his, quos humane suscipiunt.

² Ibi ergo inter ecclesiam et monasteria in medio fluit de pedra aqua ingens, pulchra ualde et limpida, saporis optimi. Tunc interrogauimus nos etiam et illos sanctos monachos, qui ibi manebant, quae esset haec aqua talis et tanti saporis. Tunc illi dixerunt: haec est aqua, quam dedit sanctus Moyses filiis Israhel in hac heremo.

³ Facta est ergo iuxta consuetudinem ibi oratio et lectio ipsa de libris Moysi lecta, dictus etiam psalmus unus et sic simul cum illis sanctis clericis et monachis, qui nobiscum uenerant, perexiimus ad montem. Multi autem et ex ipsis monachis sanctis, qui ibi commanebant iuxta aqua ipsa, qui tamen potuerunt imponere sibi laborem, dignati sunt nobiscum ascendere montem Nabau.

⁴ Itaque ergo proficiscentes de eodem loco peruenimus ad radicem montis Nabau, qui erat ualde excelsus, ita tamen ut pars eius maxima sedendo in asellis possit subiri, modicum autem erat acrius, quod pedibus necesse erat subiri cum labore, sicut et factum est.

12 Peruenimus ergo ad summitatem montis illius, ubi est nunc ecclesia non grandis in ipsa⁷¹ summitate montis Nabau. Intra quam ecclesiam in eo loco ubi pulpitus est, uidi locum modice quasi altiorem, tantum hispatii habentem quantum memoriae solent habere.

² Tunc ergo interrogaui illos sanctos quidnam esset hoc; qui responderunt: "Hic positus est sanctus Moyses ab angelis, quoniam, sicut scriptum est, sepulturam illius nullus hominum scit; quoniam certum est eum ab angelis fuisse sepultum. Nam memoriam⁷² illius, ubi positus sit, in hodiernum ostenditur; sicut enim nobis a maioribus, qui hic manserunt, ubi ostensum est, ita et nos uobis monstramus: qui et ipsi tamen maiores ita sibi traditum a maioribus suis esse dicebant."

³ Itaque ergo mox facta est oratio et omnia, quae in singulis locis sanctis per ordinem consueueramus facere, etiam et hic facta sunt: et sic coepimus egredere de ecclesia. Tunc autem qui erant loci

oferendas, como têm o costume de dá-las aos que recebem com hospitalidade.

² Ali, pois, entre a igreja e os mosteiros, uma água abundante flui do meio da pedra, muito bonita e límpida, de ótimo sabor. Então nós perguntamos também ainda àqueles santos monges, que moravam ali, que água seria esta de tal e tão grande sabor. Então eles disseram: esta é a água que o santo Moisés deu aos filhos de Israel neste deserto.

³ Foi feita ali, pois, conforme o costume, uma oração e lida a passagem dos livros de Moisés, dito ainda um salmo, e assim juntamente com aqueles santos clérigos e monges que tinham vindo conosco, saímos em direção ao monte. Além disso, também muitos desses santos monges que aí viviam perto dessa água, que entretanto puderam impor-se o esforço, dignaram-se a subir conosco o monte Nebo.

⁴ E portanto, partindo desse lugar, chegamos ao sopé do monte Nebo, que era muito alto, embora tal que a maior parte dele se possa subir sentado em burrinhos, porém, pouca coisa era mais íngreme, e isso era necessário subir a pé, com esforço, e assim foi feito.

12 Chegamos, portanto, até o cume daquele monte, onde há agora uma igreja não grande no mesmo cume do monte Nebo. Dentro da igreja, naquele lugar onde está o púlpito, vi um lugar um pouco mais alto, com tanto espaço quanto costumam ter as sepulturas.

² Então logo interroguei àqueles cristãos o que seria aquilo; estes responderam: "Aqui foi sepultado o santo Moisés pelos anjos, pois que, como está escrito, nenhum homem conhece a sepultura dele, porque é certo ter sido ele sepultado pelos anjos. Na verdade, mostra-se até hoje onde foi colocada a sepultura dele, tal como a nós onde foi mostrada pelos mais velhos que aqui estiveram, e assim nós vos mostramos: como também os mais velhos, diziam ter sido contado por seus antepassados."

³ Foi feita, portanto, sem demora, uma oração e tudo quanto costumávamos fazer, sucessivamente, em cada um dos lugares santos, ainda aí o fizemos; e começamos a sair da igreja. Disseram-nos, então, os

notores, id est presbyteri uel monachi sancti, dixerunt nobis: Si uultis uidere loca, quae scripta sunt in libris Moysi, accedite foras hostium⁷³ ecclesiae et de summitate ipsa, ex parte tamen ut possunt hinc parere, attendite et uidete, et dicimus uobis singula, quae sunt loca haec, quae parent.

⁴ Tunc nos gauisi satis statim egressi sumus foras. Nam de hostio ipsius ecclesiae uidimus locum, ubi intrat Iordanis in mare mortuum, qui locus subter nos, quemadmodum stabamus, parebat. Vidimus etiam de contra non solum Libiadam, quae citra Iordanem erat, sed et Iericho, que trans Iordanem: tantum eminebat excelsus locus, ubi stabamus, id est ante hostium ecclesiae.

⁵ Maxima etiam pars Palaestinae, quae est terra repromissionis, inde uidebatur nec non et omnis terra Iordanis, in quantum tamen poterat oculis conspici. In sinistra autem parte uidimus terras Sodomitum omnes nec non et Segor, quae tamen Segor sola de illis quinque in hodie constat.

⁶ Nam et memoriale ibi est, de ceteris autem illis ciuitatibus nichil aliud apparet nisi subuersio ruinarum, quemadmodum in cinerem conuersae sunt. Locus etiam, ubi fuit titulus⁷⁴ uxoris Loth, ostensus est nobis, qui locus etiam in scripturis legitur.

⁷ Sed mihi credite, dominae uenerabiles, quia columna ipsa iam non paret, locus autem ipse tantum ostenditur: columna autem ipsa dicitur mari mortuo fuisse cooperta. Certe locum cum uideremus, columnam nullam uidimus, et ideo fallere uos super hanc rem non possum. Nam episcopus loci ipsius, id est de Segor, dixit nobis quoniam iam aliquot anni essent, a quo non pareret columna illa. Nam de Segor forsitan sexto milario ipse locus < est >, ubi stetit columna illa, quod nunc totum cooperit aqua.

⁸ Item de dextra parte ecclesiae, a foras tamen, accessimus et ostensae sunt nobis inde a contra duae ciuitates, id est Esebon, quae fuit regis Seon regis Amorreorum, quae nunc appellatur Exebon, et alia Og regis Basan, quae nunc dicitur Sasdra. Item de eodem loco ostensa est nobis a contra Fogor, quae fuit ciuitas regni Edom.

⁹ Hae autem ciuitates omnes, quas uidebamus, in montibus erant positae, infra autem modice deorsum

que eram conhecedores do lugar - os sacerdotes e os santos monges: Se quiserdes ver os lugares que estão escritos nos Livros de Moisés, dirigi-vos para fora da porta da igreja e, desse cume reparai bem no que se pode ver daqui; nós vos diremos - um a um - que lugares são todos esses que aparecem.

⁴ Nós, então, muito contentes, imediatamente saímos para fora. De fato, da porta da igreja vimos o local onde o Jordão entra no Mar Morto; esse lugar aparecia abaixo de nós, do modo que estávamos de pé. Vimos também, defronte, não somente Lívias - que estava aquém do Jordão, mas também Jericó - além do Jordão: a tal ponto sobressaía o lugar elevado onde estávamos, isto é, em frente à entrada da igreja.

⁵ Via-se também, de lá, a maior parte da Palestina que é a terra da promessa, e também toda a terra do Jordão, o tanto que podia ser visto pelos olhos. Do lado esquerdo, vimos todas as terras dos sodomitas e também Segor - das cinco, a única que ainda hoje subsiste.

⁶ Há realmente aí um monumento enquanto que nada mais aparece das outras cidades a não ser ruínas, como foram reduzidas a cinzas. Mostraram-nos, ainda, o lugar onde esteve a estátua da mulher de Ló, passagem que também se lê nas Escrituras.

⁷ Mas crede-me, veneráveis senhoras, não mais se vê essa coluna e só se mostra o seu lugar; a própria coluna dizem ter sido coberta pelo Mar Morto. Embora, incontestavelmente, vissemos o lugar, não vimos nenhuma coluna e, por esta razão, não posso enganar-vos a este respeito. Pois disse-nos o bispo desse lugar, isto é, de Segor, haver já alguns anos que a tal coluna não aparecia. Na verdade, o lugar onde se ergueu a coluna e que agora a água encobre inteiramente fica, talvez, a seis milhas de Segor.

⁸ Igualmente chegamo-nos do lado direito da igreja - porém pelo lado de fora - e daí nos foram mostradas, defronte, duas cidades, isto é, Hesebon, que pertenceu a Seon, rei dos Amorreus e que agora se chama Exebon e outra, Og, do rei Basan, que agora se chama Sasdra. Deste mesmo lugar também nos foi mostrado, de frente, Fegor, que foi cidade do reino de Edom.

⁹ Todas essas cidades que víamos estavam situadas sobre montanhas; abaixo, porém, um pouco abaixo,

planior locus nobis uidebatur. Tunc dictum est nobis, quia in isdem diebus, qua sanctus Moyses uel filii Israhel contra illas ciuitates pugnauerant, castra ibi fixa habuissent: nam et signa ibi parebant castrorum.

¹⁰ Sane < de > illa parte montis, quam dixi sinistra, quae erat super mare mortuum, ostensus est nobis mons praecisus ualde, qui dictus est ante Agrispecula. Hic est mons, in quo posuit Balac filius Beor Balaam diuinum ad maledicendos filios Israhel et noluit Deus ita permittere, sicut scriptum est.

¹¹ Ac sic ergo uisis omnibus, quae desiderabamus, in nomine Dei reuertentes per Iericho et iter omne quod iueramus, regressi sumus in Ierusalimam.

13 Item post aliquantum tempus uolui etiam ad regionem Ausitidem accedere propter uisendam memoriam sancti Iob gratia orationis; multos enim sanctos monachos uidebam inde uenientes in Ierusalimam ad uisenda loca sancta gratia orationis, qui singula referentes de eisdem locis, fecerunt magis desiderium imponendi michi laboris, ut etiam usque ad illa loca accederem, si tamen labor dici potest, ubi homo⁷⁵ desiderium suum compleri uidet.

² Itaque ergo profecta sum de Ierusalima cum sanctis, qui tamen dignati sunt itineri meo comitatum praestare, et ipsi tamen gratia orationis: habens ergo iter ab Ierusalima usque ad Carneas eundo per mansiones octo -Carneas autem dicitur nunc ciuitas Iob, quae ante dicta est Dennaba in terra Ausitidi, in finibus Idumaeae et Arabiae - : in quo itinere hiens uidi super ripam Iordanis fluminis uallem pulchram satis et amoenam, habundantem uineis et arboribus, quoniam aquae multae ibi erant et optimae satis.

³ Nam in ea ualle uicus erat grandis, qui appellatur nunc Sedima. In eo ergo uico, qui est in media planitie positus, in medio loco est monticulus non satis grandis, sed factus sicut solent esse tumbae, sed grandes: ibi ergo in summo ecclesia est et deorsum per girum ipsius colliculi parent fundamenta grandia antiqua; nunc autem in ipso uico turbae aliquantae

percebia-se um lugar mais plano. Disseram-nos, então, que naqueles dias em que o santo Moisés e os filhos de Israel lutaram contra essas cidades, aí tinham tido acampamentos fixos; e, com efeito, viam-se aí sinais de um acampamento.

¹⁰ Sem dúvida, daquela parte da montanha que eu disse (ser) a esquerda e que ficava acima do Mar Morto, foi mostrada a nós um monte muito escarpado que foi chamado anteriormente *Agrispecula*. Este é o monte no qual Balac, filho de Beor, colocou o adivinho Balaão para amaldiçoar os filhos de Israel e não quis assim permitir Deus, como está escrito.

¹¹ Assim, pois, tendo visto o que desejávamos e voltando, em nome de Deus, por Jericó e por todo o caminho por onde viéramos, regressamos a Jerusalém.

13 Novamente, depois de um bom tempo, quis também chegar à região de Ausítis para visitar o túmulo do santo Job por motivo de oração; de fato, via muitos santos monges vindo de lá a Jerusalém para ver os lugares santos em razão de oração, que, contando coisas uma a uma daqueles mesmos lugares, provocaram mais o desejo de me impor o trabalho de ir também àqueles lugares, se, contudo, se pode chamar fadiga quando o homem vê o seu desejo ser satisfeito.

² Assim, pois, parti de Jerusalém com os crentes, que se dignaram a oferecer acompanhamento à minha viagem e esses, contudo, por causa da oração: tomando, pois, o caminho desde Jerusalém até Carneas, passando por oito pousadas - aliás agora a cidade de Job se chama Carneas, que antes foi chamada Denaba, na terra de Ausítis, nas fronteiras da Iduméia e da Arábia - : indo neste caminho vi sobre a margem do rio Jordão um vale bastante bonito e ameno, abundante em vinhas e árvores, pois os cursos d'água eram numerosos ali e excelentes.

³ Pois bem, naquele vale havia uma aldeia grande, que agora se chama Sédima. Nesta aldeia, pois, que está situada num lugar central da campina, bem no meio há um montículo não muito grande, mas da medida que costumam ter as tumbas, porém as grandes: ali, pois, há uma igreja no topo e, embaixo, em volta desse outeirinho, aparecem grandes alicerces

commanent.

⁴ Ego autem cum uiderem locum tam gratum, requisivi, quisnam locus esset ille tam amoenus. Tunc dictum est michi: haec est ciuitas regis Melchisedech, quae dicta est ante Salem, unde nunc, corrupto sermone, Sedima appellatur / ipse uicus. Nam in isto colliculo, qui est in medio uico positus, in summitatem ipsius fabricam quam uidet ecclesia est, quae ecclesia nunc appellatur graeco sermone (lacuna) opu Melchisedech. Nam hic est locus, ubi optulit Melchisedech hostias⁷⁶ Deo puras, id est panes et uinum, sicut scriptum est eum fecisse.

14 Statim ergo ut haec audiui, descendimus de animalibus, et ecce occurrere dignatus est sanctus presbyter ipsius loci, et clerici⁷⁷; qui nos statim suscipientes duxerunt suso⁷⁸ ad ecclesiam. Vbi cum uenissemus, statim iuxta consuetudinem primum facta est oratio, deinde lectus est ipse locus de libro sancti Moysi, dictus est etiam psalmus unus competens loco ipsi, et denuo facta oratione descendimus.

² Cum ergo descendissemus, ait nobis ille sanctus presbyter iam senior et de scripturis bene instructus, id est, qui de ipso praeerat ex monacho, cui presbytero et episcopi plurimi, quantum postmodum cognouimus, uitae ipsius testimonium grande ferebant, nam hoc de ipso dicebant, dignus qui praesit in hoc loco, ubi sanctus Melchisedech aduenientem sanctum Abraam⁷⁹ hostias Deo puras primus optulit: cum ergo descendissemus, ut superius dixi, de ecclesia deorsum, ait nobis ipse sanctus presbyter: ecce ista⁸⁰ fundamenta in giro colliculo isto, quae uidetis, hae sunt de palatio regis Melchisedech. Nam inde adhuc sic si quis subito iuxta sibi uult facere domum et fundamenta inde contiget, aliquotiens et de argento et aeramento modica frustella ibi inuenit.

³ Nam ecce ista uia, quam uidetis transire inter fluuium Iordanem et uicum istum, haec est qua uia regressus est sanctus Abraam de caede Codollagomor regis gentium reuertens in Sodomis, qua ei occurrit sanctus Melchisedech rex Salem.

antigos; agora, aliás, nesta mesma aldeia, juntam-se grandes multidões.

⁴ Eu, entretanto, como visse um lugar tão agradável, perguntei o que era aquele lugar tão ameno. Daí me foi dito: esta é a cidade do rei Melquisedec, que antes foi chamada Salém, de onde agora, por uma alteração da palavra, essa aldeia se chama Sédima. De fato, neste outeirinho que está situado no meio da aldeia, a construção que vês no cimo dele é uma igreja, essa igreja agora se chama na língua grega (lacuna) opu Melchisedech. Com efeito, este é o lugar onde Melquisedec ofereceu a Deus hóstias puras, isto é, pães e vinho, assim como está escrito que o fez.

14 Sem demora, pois, assim que ouvi estas coisas, descemos dos animais e eis que dignou-se a correr a nosso encontro o santo presbítero deste lugar, com os clérigos, e eles acolhendo-nos imediatamente, nos conduziram para cima, à igreja. E quando aí chegamos, sem demora, conforme o costume, primeiro foi feita uma oração, depois foi lido o próprio passo do livro do santo Moisés, bem como foi dito um salmo que convinha a esse lugar, e, feita novamente uma oração, descemos.

² Quando, pois, desceramos, esse santo presbítero, já idoso e bem instruído sobre as escrituras, isto é, que tratara disso desde (os tempos de) monge, presbítero a quem também vários bispos, que grande quantidade depois conhecemos, davam grande testemunho da vida dele, de fato, diziam do mesmo ser digno que esteja à testa deste lugar, onde o santo Melquisedech, chegando o santo Abraão, ofereceu primeiro a Deus hóstias puras: quando, pois, desceramos, como disse acima, da igreja para baixo, nos disse o santo presbítero: esses alicerces que vedes ao redor deste outeirinho, são os do palácio do rei Melquisedec. Na verdade, até agora ainda se alguém de improviso quer fazer para si uma casa perto dali, ainda atinge os alicerces de lá, e algumas vezes acha pedacinhos razoáveis de prata e de bronze neste lugar.

³ De fato, essa estrada que vedes passar entre o rio Jordão e esta aldeia, é a estrada pela qual regressou o santo Abraão, voltando a Sodoma, depois da matança do povo do rei Codorlaomor, e na qual correu ao seu encontro o honrado Melquisedec, rei de Salém.

15 Tunc ergo quia retinebam scriptum esse baptizasse sanctum Iohannem in Enon iuxta Salim, requisivi de eo, quam longe esset ipse locus. Tunc ait ille sanctus presbyter: ecce hic est in ducentis passibus; nam si uis, ecce modo pedibus duco uos ibi. Nam haec aqua tam grandis et tam pura, quam uidetis in isto uico, de ipso fonte uenit.

² Tunc ergo gratias ei agere coepi et rogare, ut duceret nos ad locum, sicut et factum est. Statim ergo coepimus ire cum eo pedibus totum per uallem amoenissimam, donec perueniremus usque ad hortum pomarium ualde amoenum, ubi ostendit nobis in medio fontem aquae optimae⁸¹ satis et purae, qui a semel⁸² integrum fluuium dimittebat. Habebat autem ante se ipse fons quasi lacum, ubi parebat fuisse operatum sanctum Iohannem baptistam.

³ Tunc dixit nobis ipse sanctus presbyter: in hodie hic hortus aliter non appellatur graeco sermone nisi ceptos tu agiu iohanni, / id est quod uos dicitis latine hortus sancti Iohannis. Nam et multi fratres sancti monachi de diuersis locis uenientes tendunt se, ut lauentur in eo loco.

⁴ Denuo ergo et ad ipsum fontem, sicut et in singulis locis, facta est oratio et lecta est ipsa lectio, dictus etiam psalmus competens et singula, quae consuetudinis nobis erant facere, ubicumque ad loca sancta ueniebamus, ita et ibi fecimus.

⁵ Illud⁸³ etiam presbyter sanctus dixit nobis, eo quod⁸⁴ usque in hodierna die semper cata pascha, quicumque essent baptizandi in ipso uico, id est in ecclesia, quae appellatur opus Melchisedech, omnes in ipso fonte baptizarentur, sic redirent mature ad candelas cum clericis et monachis dicendo⁸⁵ psalmos uel antiphonas et sic a fonte usque ad ecclesiam sancti Melchisedech deducerentur mature omnes, qui fuissent baptizati.

⁶ Nos ergo accipientes de presbytero eulogias, id est de pomario sancti Iohannis baptistae, similiter et de sanctis monachis, qui ibi monasteria habebant in ipso horto pomario, et gratias semper Deo agentes profecti sumus iter nostrum, quo ibamus.

15 Então, porque eu lembrava de ter sido escrito que são João batizou em Enon, próximo a Salim, perguntei-lhe quão longe era esse lugar. Disse então o santo presbítero: eis que este fica a duzentos passos; se de fato desejas, vos conduzo agora mesmo a pé nesse lugar. Na verdade, esta água tão abundante e tão pura que vedes neste povoado vem dessa fonte.

² Com isso, portanto, comecei a agradecer a ele e a pedir que nos conduzisse àquele lugar, e assim também foi feito. Sem demora, pois, começamos a ir a pé, com ele, através de todo um vale ameníssimo, até que chegamos a um jardim de árvores frutíferas bastante ameno, onde nos mostrou, no meio, uma fonte de água bastante ótima e pura, que de um jato formava um rio puro. Havia também diante dessa fonte como que um lago, onde parecia ter exercido o seu ministério São João Batista.

³ Então nos disse esse santo presbítero: hoje em dia este horto não se chama de outro modo no idioma grego a não ser “ceptos tu agiu Iohanni”, isto é, o que vós dizeis em latim “Jardim de São João.” Com efeito, ainda, muitos irmãos, monges santos, vindo de diversos lugares, acampam a fim de se purificarem neste lugar.

⁴ De novo, pois, ainda perto desta fonte, assim como também em cada um dos lugares, foi feita uma oração, foi lido o texto apropriado e dito também um salmo apropriado, e cada uma das coisas que era nosso costume fazer, em toda parte que chegávamos aos lugares santos, assim também aí fizemos.

⁵ O santo presbítero nos disse também que, até o dia de hoje, sempre em cada Páscoa, todos que fossem se batizar nesta aldeia, isto é, na igreja que se chama obra de Melchisedec, todos são batizados nessa fonte, assim voltam depressa, até as velas, com os clérigos e monges, recitando salmos ou antífonas, e assim são levados prontamente desde a fonte até a igreja do santo Melchisedec, todos que foram batizados.

⁶ Nós, portanto, recebendo oferendas do presbítero, isto é, do pomar de São João Batista, e igualmente dos santos monges que ali nesse jardim de árvores frutíferas tinham seus mosteiros, e dando sempre graças a Deus, partimos pelo nosso caminho que percorríamos.

16 Ac sic ergo euntes aliquandiu per uallem Iordanis super ripam fluminis ipsius, quia ibi nobis iter erat aliquandiu, ad subito uidimus ciuitatem sancti prophetae Heliae, id est Thesbe, unde ille habuit nomen Helias Thesbites. Inibi est ergo usque in hodie spelunca, in qua sedit ipse sanctus, et ibi est memoria sancti Gethae, cuius nomen in libris Iudicum legimus.

² Ac sic ergo et ibi gratias Deo agentes iuxta consuetudinem perexiimus iter nostrum. Item euntes in eo itinere uidimus uallem de sinistro nobis uenientem amoenissimam, quae uallis erat ingens mittens torrentem in Iordanem infinitum, et ibi in ipsa ualle uidimus monasterium cuiusdam fratris nunc id est monachi.

³ Tunc ego, ut sum satis curiosa, requirere coepi, quae esset haec uallis, ubi sanctus monachus nunc monasterium sibi fecisset; non enim putabam hoc sine causa esse. Tunc dixerunt nobis sancti, qui nobiscum iter faciebant, id est loci notores: haec est uallis Corra, ubi sedit sanctus Helias Thesbites temporibus Achab regis, qua famis fuit, et iusso Dei coruus ei escam portabat et de eo torrente aquam bibebat. Nam hic torrens, quem uides de ipsa ualle percurrentem in Iordanem, hic est Corra.

⁴ Ac sic ergo nichilominus Deo gratias agentes, qui nobis non merentibus singula, quae desiderabamus, dignabatur ostendere, itaque ergo ire coepimus iter nostrum sicut singulis diebus. Ac sic ergo facientes iter singulis diebus ad subito de latere sinistro, unde e contra partes Fenicis uidebamus, apparuit nobis mons ingens et altus infinitum, qui tendebatur in longo

Unum folium excisum est

⁵ qui sanctus monachus uir ascitis necesse habuit post tot annos, quibus sedebat in heremum, mouere se et descendere ad ciuitatem Carneas, ut commoneret episcopum uel clericos temporis ipsius, iuxta quod ei fuerat reuelatum, ut foderent in eo loco, qui ei fuerat ostensus, sicut et factum est.

⁶ Qui fodientes in eo loco, qui ostensus fuerat,

16 E assim, pois, indo durante algum tempo pelo vale do Jordão, sobre a ribanceira do mesmo rio, porque aí era nosso caminho por algum tempo, de súbito vimos a cidade do santo profeta Elias, isto é, Tisbe, nome a partir do qual ele obteve o nome Elias Tesbita. Neste mesmo lugar está até hoje a gruta na qual permaneceu esse santo, também aí está a sepultura do santo Jefté, cujo nome lemos nos Livros dos Juizes.

² E assim, pois, também ali dando graças a Deus, conforme o costume, saímos para o nosso caminho. Assim, indo neste caminho, vimos se apresentando à nossa esquerda um vale ameníssimo, e esse vale era enorme, lançando no Jordão um torrente infinito e aí, no mesmo vale, vimos agora o mosteiro de um certo irmão, isto é, monge.

³ Então eu, que sou bastante curiosa, comecei a perguntar que vale era esse, onde o santo monge tinha feito atualmente para si um mosteiro; pois que não pensava isto ser sem motivo. Então nos disseram os monges que faziam o caminho conosco, isto é, os conhecedores do lugar: este é o vale de Corra, onde permaneceu o santo Elias Tesbita nos tempos do rei Acab, em que houve fome, e um corvo, por ordem de Deus, lhe trazia o alimento; e ele bebia água desta torrente. De fato, esta torrente que vês percorrendo desde este vale até o Jordão, este é o Corra.

⁴ E assim, pois, dando não menos graças a Deus, que a nós, não merecedores, dignava-se a mostrar cada uma das coisas que desejávamos, desse mesmo modo começamos a percorrer nosso caminho, como todos os dias. E assim, pois, fazendo o caminho dia após dia, de súbito, do lado esquerdo, onde víamos defronte as regiões da Fenícia, apareceu para nós um monte enorme e infinitamente alto, que se estendia em comprimento.

Uma folha foi cortada

⁵ e esse santo monge, homem asceta, teve necessidade, depois de tantos anos que morava no deserto, de se mover e descer até a cidade de Carneas, para que avisasse o bispo e os clérigos desse tempo, acerca do que lhe fora revelado, que cavassem naquele lugar que lhe tinha sido mostrado, assim como foi feito.

⁶ Esses cavando naquele lugar que tinha sido mostrado,

inuenerunt speluncam, quam sequentes fuerunt forsitan per passus centum, quo ad subito fodientibus illis adparuit lapis, quem lapidem cum perdiscoperuissent, inuenerunt sculptum in coperculo ipsius Iob. Cui Iob ad tunc in eo loco facta est ista⁸⁶ ecclesia, quam uidetis, ita tamen ut lapis cum corpore non moueretur in alio loco, sed ibi, ubi inuentum fuerat corpus, positus esset et ut corpus subter altarium iaceret. Illa autem ecclesia, quam tribunus nescio qui faciebat, sic fuit imperfecta usque in hodie.

⁷ Ac sic ergo nos alia die mane rogauimus episcopum, ut faceret oblationem, sicut et facere dignatus est, et benedicens⁸⁷ nos episcopus profecti sumus. Communicantes ergo et ibi, gratias agentes Deo semper regressi sumus in Ierusalimam iter facientes per singulas mansiones, per quas ieramus tres annos.

17 Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalimam uenissem, uisus etiam omnibus locis sanctis, ad quos orationis gratia me tenderam, et ideo iam reuertendi ad patriam animus esset, uolui iubente Deo etiam et ad Mesopotamiam Syriae accedere ad uisendos sanctos monachos, qui ibi plurimi et tam eximia uitae esse dicebantur, ut uix referri possit, nec non etiam et gratia orationis ad martyrium⁸⁸ sancti Thomae apostoli, ubi corpus illius integrum positum est, id est apud Edessam, quem se illuc missurum, postea quam in caelis ascendisset, Deus noster Iesus testatus est per epistolam, quam ad Aggarum regem per Ananiam cursorem misit, quaeque epistola cum grandi reuerentia apud Edessam ciuitatem, ubi est ipsud martyrium, custoditur.

² Nam mihi credat uolo affectio uestra, quoniam nullus christianorum est, qui non se tendat illuc gratia orationis, quicumque tamen usque ad loca sancta, id est in Ierusalimis accederit: et hic locus de Ierusalima uicesima et quinta mansione est.

³ Et quoniam de Antiochia propius est Mesopotamiam, fuit mihi iubente Deo oportuno satis, ut quemadmodum reuertebat Constantinopolim, quia per Antiochiam iter erat, inde ad Mesopotamiam ire, sicut et factum est Deo

encontraram uma gruta, a qual foram seguindo por cem passos talvez, até que de repente, aos que cavavam, apareceu uma pedra, e quando descobrimos essa pedra, encontramos esculpido na cobertura da mesma Jó. Em homenagem a este naquela ocasião foi construída esta igreja que vedes neste lugar, de maneira, contudo, que a pedra com o corpo não fosse removida para outro lugar, mas aí, onde o corpo fora encontrado, fosse colocada e que o corpo repousasse debaixo do altar. Essa igreja, que não sei que tribuno fazia, ainda até hoje não foi concluída.

⁷ E assim, pois, no outro dia de manhã, nós pedimos ao bispo que fizesse a oferenda, como também se dignou a fazer e, abençoando-nos o bispo, partimos. Comungando, pois, também ali, sempre dando graças a Deus, regressamos a Jerusalém, fazendo o caminho por cada uma das pousadas pelas quais fomos três anos (atrás).

17 Novamente, em nome de Deus, decorrido bastante tempo, quando já fazia três anos inteiros desde que chegara em Jerusalém, vistos também todos os lugares santos a que me dirigira para orar, e sendo já minha intenção voltar à pátria, eu quis ainda, por ordem de Deus, ir também à Mesopotâmia da Síria para visitar os santos monges que aí diziam ser numerosos e de vida tão exímia, que mal se pode contar, mas ainda também para orar perto do túmulo do santo apóstolo Tomé, onde o corpo dele foi sepultado inteiro, isto é, perto de Edessa, que Jesus Cristo, nosso Deus, atestou por carta que enviou ao rei Abgar, através do mensageiro Anania que o mandaria para lá após subir aos céus. Carta essa que é guardada com grande respeito perto da cidade de Edessa, onde está o túmulo do mártir.

² Efetivamente, quero que me creia, Vossa Caridade, que não há nenhum dentre os cristãos que não almeje ir para lá para orar, pelo menos todo aquele que tenha se dirigido aos lugares santos, isto é, a Jerusalém: e este lugar fica na vigésima-quinta pousada desde Jerusalém.

³ E já que de Antioquia é mais perto para ir à Mesopotâmia, me foi bastante oportuno, por ordem de Deus, conforme eu voltava a Constantinopla, porque o caminho era por Antioquia, de lá ir a Mesopotâmia, como assim foi feito, por ordem de

iubente.

18 Itaque ergo in nomine Christi Dei nostri profecta sum de Antiochia ad Mesopotamiam habens iter per mansiones seu ciuitates aliquot prouinciae Siriae Celen, quae est Antiochiae, et inde ingressa fines prouinciae Augusto fratensis, perueni ad ciuitatem Gerapolim, quae est metropolis⁸⁹ ipsius prouinciae⁹⁰, id est Augustofratensis. Et quoniam haec ciuitas ualde pulchra et opulenta est atque abundans omnibus, necesse me fuit ibi facere statuiam, quoniam iam inde non longe erant fines⁹¹ Mesopotamiae.

² Itaque ergo proficiscens de Ierapolim in quintodecimo miliario in nomine Dei perueni ad fluuium Eufraten, de quo satis bene scriptum est esse *flumen magnum Eufraten*, et ingens, et quasi terribilis est; ita enim decurrit habens impetum, sicut habet fluuius Rodanus, nisi quod adhuc maior est Eufrates.

³ Itaque ergo quoniam necesse erat eum nauibus transire, et nauibus nonnisi maioribus, ac sic immorata sum ibi forsitan plus media die; et inde in nomine Dei transito flumine Eufraten, ingressa sum fines Mesopotamiae Siriae.

19 Ac sic denuo faciens iter per mansiones aliquot, perueni ad ciuitatem, cuius nomen in scripturis positum legimus, id est Batanis, quae ciuitas usque in hodie est. Nam et ecclesia cum episcopo uere sancto et monacho et confessore habet, et martyria aliquanta. Ipsa etiam ciuitas habundans multitudine hominum est, nam et miles ibi sedet cum tribuno suo.

² Vnde denuo proficiscens, peruenimus in nomine Christi Dei nostri Edessam. Vbi cum peruenissemus, statim perreximus ad ecclesiam et ad martyrium sancti Thomae. Itaque ergo iuxta consuetudinem factis orationibus et cetera, quae consuetudo erat fieri in locis sanctis, nec non etiam et aliquanta ipsius sancti Thomae ibi legimus.

³ Ecclesia autem, ibi quae est, ingens et ualde pulchra et noua dispositione, ut uere digna est esse domus

Deus.

18 E portanto, em nome de Cristo, nosso Deus, parti de Antioquia em direção à Mesopotâmia, indo por acampamentos ou algumas cidades da província da Celessíria, que é a província de Antioquia, e daí após entrar no território da província Augustofratense, cheguei à cidade de Hierápolis, que é capital dessa província, isto é, a província Augustofratense. E porque essa cidade é muito bonita e rica e abundante em tudo, me foi necessário aí fazer uma parada, porque não estavam tão longe daí as fronteiras da Mesopotâmia.

² Assim, pois, partindo de Hierápolis, em nome de Deus, cheguei na décima-quinta milha, ao rio Eufrates, do qual foi muito bem escrito ser *o grande rio Eufrates*, é enorme, e quase horrendo; de fato, corre exibindo rapidez, assim como o Ródano exibe, com a diferença de que o Eufrates é ainda maior.

³ E portanto, porque era necessário atravessá-lo por meio de navios e navios ainda maiores, e assim fiquei aí talvez mais de meio-dia; e daquele lugar, em nome de Deus, atravessado o rio Eufrates, entrei no território da Mesopotâmia Síria.

19 E assim, novamente percorrendo o caminho por algumas pousadas, cheguei à cidade cujo nome lemos, dado nas escrituras, isto é, Batânis, cidade que existe até hoje. De fato tem não só uma igreja com um bispo verdadeiramente santo, monge e confessor, mas também alguns túmulos de mártires. Essa mesma cidade é abundante no número de homens, de fato também está aí instalado um soldado com o seu tribuno.

² Partindo, pois, outra vez dali, chegamos, em nome de Cristo, nosso Deus, a Edessa. E quando aí chegamos, sem demora saímos para a igreja e para o túmulo de São Tomé. E portanto, conforme o costume, feitas as orações e o restante, que era costume fosse feito nos lugares santos, lemos também aí algumas coisas do próprio São Tomé.

³ Além disso, a igreja que lá está, é grande e muito bonita, e com novo arranjo, e é como verdadeiramente

Dei; et quoniam multa erant, quae ibi desiderabam uidere, necesse me fuit ibi statiuam triduana facere.

⁴ Ac sic ergo uidi in eadem ciuitate martyria plurima nec non et sanctos monachos, commanentes alios per martyria, alios longius de ciuitate in secretioribus locis habentes monasteria.

⁵ Et quoniam sanctus episcopus ipsius ciuitatis, uir uere religiosus et monachus et confessor, suscipiens me libenter ait michi: quoniam uideo te, filia, gratia religionis tam magnum laborem tibi imposuisse, ut de extremis porro terris uenires ad haec loca, itaque ergo, / si libenter habes, quaecumque loca sunt hic grata ad uidendum christianis, ostendimus tibi: tunc ergo gratias agens Deo primum et sic ipsi rogauimus plurimum, ut dignaretur facere, quod dicebat.

⁶ Itaque ergo duxit me primum ad palatium Aggari regis et ibi ostendit michi archiotepam ipsius ingens simillimam, ut ipsi dicebant, marmoream, tanti nitoris, ac si de margarita esset, in cuius Aggari uultu parebat de contra uere fuisse hunc uirum satis sapientem et honoratum. Tunc ait mihi sanctus episcopus: ecce rex Aggarus, qui antequam uideret Dominum, credidit ei, quia esset uere filius Dei. Nam erat et iuxta archiotipa similiter de tali marmore facta, quam dixit filii ipsius esse Magni, similiter et ipsa habens aliquid gratiae in uultu.

⁷ Item perintrauimus in interiori parte palatii; et ibi erant fontes piscibus pleni, quales ego adhuc nunquam uidi, id est tantae magnitudinis uel tam perlustres aut tam boni saporis. Nam ipsa ciuitas aliam aquam penitus non habet nunc nisi eam, quae de palatio exit, quae est ac si fluuius ingens argenteus.

⁸ Et tunc retulit michi de ipsa aqua sic sanctus episcopus dicens: quodam tempore, posteaquam scripserat Aggarus rex ad Dominum⁹² et Dominus rescripserat Aggario per Ananiam cursorem, sicut scriptum est in ipsa epistola: transacto ergo aliquanto tempore superueniunt Persae et girant ciuitatem istam.

(fosse) digna de ser a casa de Deus; e como eram muitas as coisas que eu desejava ver ali, foi necessário eu fazer uma parada de três dias neste lugar.

⁴ E assim, pois, vi naquela mesma cidade numerosos túmulos de mártires, e também santos monges, morando uns por entre os túmulos de mártires, outros mais longe da cidade, tendo os mosteiros em lugares afastados.

⁵ E porque o santo bispo dessa cidade, homem verdadeiramente religioso, monge e confessor, acolhendo-me com agrado, me disse: pois que vejo, filha, que, por causa da religião, tu te impuseste tão grande fadiga, que dos confins da terra chegaste a este lugar, portanto (lacuna) se o fazes com prazer, mostramos a ti todos aqueles lugares que aqui são agradáveis de ver para um cristão: então, pois, dando graças a Deus em primeiro lugar, e também a ele pedi muitíssimo para que se dignasse a fazer o que dizia.

⁶ E assim, portanto, conduziu-me primeiramente ao palácio do rei Abgar e ali me mostrou uma grande estátua muito semelhante a ele, de mármore, como eles mesmos diziam, de tanto brilho, como se fosse pérola, em cujo rosto de Abgar, parecia, de frente, ter sido este homem verdadeiramente muito sábio e honrado. Então me disse o santo bispo: eis o rei Abgar, o qual, antes que visse o Senhor, acreditou nele porque era realmente filho de Deus. De fato, havia também muito perto uma estátua igualmente feita de tal mármore, que disse ser do filho dele - Magno, do mesmo modo, semelhantemente, esta tendo algo de atrativo no rosto.

⁷ Assim, penetramos na parte interior do palácio, e aí havia fontes cheias de peixes, tais como eu até hoje nunca vi, isto é, tão grandes nem tão puras, nem de sabor tão agradáveis. Na verdade, a própria cidade agora não tem absolutamente outra água, a não ser essa, que sai do palácio, que é como que um imenso rio de prata.

⁸ E então o santo bispo contou-me sobre essa água, dizendo assim: algum tempo depois que o rei Abgar escreveu ao Senhor e o Senhor respondeu a Abgar pelo mensageiro Ananias, assim como está escrito na própria carta: decorrido, pois, bastante tempo, chegam inesperadamente os persas e cercam esta cidade.

⁹ Sed statim Aggarus epistolam Domini ferens ad portam cum omni exercitu suo publice orauit. Et post dixit: Domine Iesu, tu promiseras nobis, ne aliquis hostium ingrederetur ciuitatem istam, et ecce nunc Persae inpugnant nos: quod cum dixisset, tenens manibus leuatis epistolam ipsam apertam rex, ad subito tantae tenebrae factae sunt, foras ciuitatem tamen ante oculos Persarum, cum iam prope plicarent ciuitati, ita ut usque tertium miliarium de ciuitate essent: sed ita mox tenebris turbati sunt, ut uix castra ponerent et pergirarent in miliario tertio totam ciuitatem.

¹⁰ Ita autem turbati sunt Persae, ut nunquam uiderent postea, qua parte in ciuitate ingrederentur, sed custodirent ciuitatem per giro clusam hostibus in miliario tamen tertio, quam tamen custodierunt mensibus aliquot.

¹¹ Postmodum autem, cum uiderent se nullo modo posse ingredi in ciuitatem, uoluerunt siti eos occidere, qui in ciuitate erant. Nam monticulum istum, quem uides, filia, super ciuitate hac, in illo tempore ipse huic / ciuitati aquam ministrabat. Tunc uidentes hoc Persae auerterunt ipsam aquam a ciuitate et fecerunt ei decursum contra ipso loco, ubi ipsi castra posita habebant⁹³.

¹² In ea ergo die et in ea hora, qua auerterant Persae aquam, statim hii fontes, quos uides in eo loco, iusso Dei a semel eruperunt; ex ea die hi fontes usque in hodie permanent hic gratia Dei. Illa autem aqua, quam Persae auerterant, ita siccata est in ea hora, ut nec ipsi haberent uel una⁹⁴ die quod biberent, qui obsedebant ciuitatem, sicut tamen et usque in hodie apparet; nam postea nunquam nec qualiscumque humor ibi apparuit usque in hodie.

¹³ Ac sic iubente Deo, qui hoc promiserat futurum, necesse fuit eos statim reuerti ad sua, id est in Persida. Nam et postmodum quotienscumque uoluerunt uenire et expugnare hanc ciuitatem hostes, haec epistola prolata est et lecta est in porta, et statim nutu Dei expulsi sunt omnes hostes.

¹⁴ Illud etiam retulit sanctus episcopus, eo quod hii fontes ubi eruperunt, ante sic fuerit campus intra

⁹ Mas imediatamente Abgar trazendo a carta do Senhor à porta da cidade, rezou publicamente, com todo seu exército. E depois disse: Senhor Jesus, tu nos prometeras que nenhum inimigo entraria nesta cidade, e eis agora que os persas nos atacam: e depois que o rei disse isso, tendo nas mãos erguidas essa carta aberta, fizeram-se subitamente tão grandes trevas mas fora da cidade, diante dos olhos dos persas, quando já chegavam perto da cidade, a ponto de estarem a apenas três milhas da cidade. Mas de tal sorte foram logo perturbados pelas trevas que mal estabeleceram acampamento e circularam a cidade toda a uma distância de três milhas.

¹⁰ Pois os persas ficaram tão perturbados que não viam, em seguida, por onde entrariam na cidade, mas mantiveram a cidade cercada, porém, a três milhas dos inimigos, que contudo a mantiveram cercada por alguns meses.

¹¹ Em seguida, porém, quando viram que de modo nenhum poderiam entrar na cidade, quiseram matar de sede os que estavam na cidade. Pois este montículo que vês, filha, sobre esta cidade, naquele tempo ele servia a água para essa cidade. Então vendo isso, os persas desviaram essa água da cidade e fizeram-na descer de frente o próprio lugar onde eles haviam estabelecido acampamento.

¹² Naquele dia, pois, e naquela hora que os persas desviaram a água, imediatamente estas fontes que vês neste lugar, por ordem de Deus, saíram de um jato; desde aquele dia até hoje estas fontes permanecem aqui pela graça de Deus. Além disso, aquela água que os persas desviaram secou naquela hora, de modo que nem eles mesmos tiveram, por um só dia, o que beber, os que sitiavam a cidade, assim como também até hoje se apresenta; de fato não apareceu jamais até hoje qualquer líquido aí.

¹³ E assim, ordenando Deus, que havia prometido que assim seria, foi-lhes necessário voltar imediatamente à sua pátria, isto é, à Pérsia. Efetivamente, todas as vezes ainda depois que os inimigos quiseram vir e subjugar esta cidade, esta carta foi exibida e lida à porta, e imediatamente, por um sinal de Deus, todos os inimigos foram expulsos.

¹⁴ Também isto me contou o santo bispo: que onde estas fontes brotaram, anteriormente havia uma

ciuitatem subiacens palatio Aggari. Quod palatium Aggari quasi in editiori loco positum erat, sicut et nunc paret, ut uides. Nam consuetudo talis erat in illo tempore, ut palatia, quotiensque fabricabantur, semper in editioribus locis fierent.

¹⁵ Sed postmodum quam hii fontes in eo loco eruperunt, tunc ipse Aggarus filio suo Magno, id est isti, cuius archiotipa uides iuxta patre posita, hoc palatium fecit in eo loco, ita tamen ut hii fontes intra palatium includerentur.

¹⁶ Postea ergo quam haec omnia retulit sanctus episcopus, ait ad me: eamus nunc ad portam, per quam ingressus est Ananias cursor cum illa epistola, quam dixeram. Cum ergo uenissemus ad portam ipsam, stans episcopus fecit orationem et legit nobis ibi ipsas epistolas et denuo benedicens nos facta est iterata oratio.

¹⁷ Illud etiam retulit nobis sanctus ipse dicens, eo quod ex ea die, qua Ananias cursor per ipsam portam ingressus est cum epistolam Domini, usque in praesentem diem custodiatur, ne quis immundus, ne quis lugubris per ipsam portam transeat, sed nec corpus alicuius mortui eiciatur per ipsam portam.

¹⁸ Ostendit etiam nobis sanctus episcopus memoriam Aggari uel totius familiae ipsius ualde pulchra⁹⁵, sed facta more antiquo. Duxit etiam nos et ad illum palatium superiorem, quod habuerat primitus rex Aggarus, et si qua praeterea loca erant, monstrauit nobis.

¹⁹ Illud etiam satis mihi grato fuit, ut epistolas ipsas siue Aggari ad Dominum, siue Domini ad Aggarum, quas nobis ibi legerat sanctus episcopus, acciperem michi ab ipso sancto. Et licet in patria exemplaria ipsarum haberem, tamen gratius mihi uisum est, ut et ibi eas de / ipso acciperem, ne quid forsitan minus ad nos in patria peruenisset; nam uere amplius est, quod hic accepi. Vnde si Deus noster Iesus iusserit et uenero in patria, legitis⁹⁶ et uos, dominae animae meae.

20 Ac sic ergo facto ibi triduo necesse me fuit adhuc in ante accedere usque ad Charris, quia modo

planície no interior da cidade, que ficava abaixo do palácio de Abgar. E esse palácio de Abgar estava situado como que num lugar mais elevado como ainda agora aparece, como vês. De fato, o costume era tal, naquele tempo, que os palácios todas as vezes que eram construídos, eram feitos nos lugares mais elevados.

¹⁵ Mas depois que estas fontes irromperam neste lugar, então o próprio Abgar fez este palácio neste lugar para seu filho Magno, isto é, para este cuja estátua vês colocada ao lado da do pai, mas de modo que estas fontes ficassem encerradas dentro do palácio.

¹⁶ Logo depois que o santo bispo me contou todas essas coisas, me disse: vamos agora à porta pela qual entrou o mensageiro Ananias com aquela carta que eu disse. Quando pois chegamos àquela porta, o bispo fez, em pé, uma oração e leu para nós ali as próprias cartas e outra vez nos abençoando, fez-se nova oração.

¹⁷ Também isto nos contou esse santo bispo, dizendo que desde aquele dia em que o correio Ananias entrou por aquela porta com a carta do Senhor, até o presente dia está guardada, a fim de que ninguém impuro ou de luto passe por esta porta, e que o corpo de nenhum morto seja retirado por essa porta.

¹⁸ Mostrou-nos também o santo bispo o túmulo de Abgar e de toda a família dele, muito bonito, mas ainda feito do modo antigo. Couduziu-nos também ainda ao palácio superior, que o rei Abgar possuía primeiro, e, se havia mais lugares além desse, mostrou-nos.

¹⁹ Também foi muito agradável para mim que eu recebesse desse santo tanto as próprias cartas de Abgar ao Senhor, como as do Senhor a Abgar, as quais nos lera ali o santo bispo. E, ainda que tivesse na (minha) pátria cópia das mesmas, contudo me pareceu mais agradável recebê-las dele (lacuna), para que nada chegasse a menos até nós, na pátria: na verdade, é bem maior esta que recebi aqui. E se Jesus, nosso Deus, ordenar e eu voltar desse lugar à pátria, vós também a lereis, senhoras da minha alma.

20 E assim, pois, passados aí três dias, foi-me necessário ainda prosseguir até Carra, que agora assim

sic dicitur. Nam in scripturis sanctis dicta est Charra, ubi moratus est sanctus Abraam, sicut scriptum est in Genesi, dicente Domino ad Abraam: *Exi de terra tua de domo patris tui et uade in Charram* et reliqua.

² < Ibi > ergo cum uenissem, id est in Charra, ibi statim fui ad ecclesiam, quae est intra ciuitate ipsa, uidi etiam mox episcopum loci ipsius uere sanctum et hominem Dei, et ipsum et monachum et confessorem, qui mox nobis omnia loca ibi ostendere dignatus est, quae desiderabamus.

³ Nam duxit nos statim ad ecclesiam, quae est foras ciuitatem in eo loco, ubi fuit domus sancti Abrahae, id est in ipsis fundamentis et de ipso lapide, ut tamen dicebat sanctus episcopus. Cum ergo uenissemus in ipsa ecclesia, facta est oratio et lectus ipse locus de Genesi, dictus etiam unus psalmus, et iterata oratione et sic benedicens nos episcopus egressi sumus foras.

⁴ Item dignatus est nos ducere ad puteum illum, unde portabat aquam sancta Rebecca. Et ait nobis sanctus episcopus: ecce puteus, unde potauit sancta Rebecca camelos pueri sancti Abrahae, id est Elezari; et singula ita nobis dignabatur ostendere.

⁵ Nam ecclesia, quam dixi foras ciuitatem, dominae sorores uenerabiles, ubi fuit primitus dominus Abrahae, nunc et martyrium ibi positum est, id est sancti cuiusdam monachi nomine Helpidi. Hoc autem nobis satis gratum euenit, ut pridie martyrium die ibi ueniremus, id est sancti ipsius Helpidii, nono k. maias, ad quam diem necesse fuit undique et de omnibus Mesopotamiae finibus omnes monachos in Charra descendere, etiam et illos maiores, qui in solitudine sedebant, quos ascites uocant, per diem ipsum, qui ibi satis granditer attenditur, et propter memoriam sancti Abrahae, quia domus ipsius fuit, ubi nunc ecclesia est, in qua positum est corpus ipsius sancti martyris.

⁶ Itaque ergo hoc nobis ultra spem grate satis euenit, ut sanctos et uere homines Dei monachos mesopotamenos ibi uideremus, etiam et eos, quorum fama uel uita longe audiebatur, quos tamen non aestimabam me penitus posse uidere, non quia

se diz. De fato, nas santas escrituras foi chamada Carra e ali morou o santo Abraão, assim como está escrito no Gênesis, dizendo Deus a Abraão: *Sai de tua terra e da casa de teu pai e vai para Carra, etcetera.*

² Portanto, quando cheguei aí, isto é, em Carra, fui imediatamente à igreja que fica dentro dessa cidade, vi também, logo depois, o bispo deste lugar, verdadeiramente santo e homem de Deus, ele próprio também monge e confessor, que, sem demora, dignou-se a nos mostrar ali todos os lugares que desejávamos.

³ Com efeito, conduziu-nos imediatamente à igreja que está fora da cidade, naquele lugar onde foi a casa do santo Abraão, isto é, nos mesmos alicerces e da mesma pedra, que também segundo como nos dizia o santo bispo. Quando, pois, chegamos nessa igreja, foi feita uma oração e lido o mesmo passo do Gênesis, dito ainda um salmo, e uma nova oração, e assim nos abençoando o bispo, saímos para fora.

⁴ Novamente dignou-se a nos conduzir àquele poço de onde a santa Rebeca trazia água. E nos disse o santo bispo: eis o poço de onde a santa Rebeca deu de beber aos camelos do escravo do santo Abraão, isto é, de Eleazar. E assim dignava-se a mostrar-nos cada uma das coisas.

⁵ Na verdade, a igreja que disse estar fora da cidade, senhoras, veneráveis irmãs, onde foi primitivamente a casa de Abraão, aí agora também foi construído um templo dedicado a um mártir, isto é, de um certo santo monge de nome Elpídio. Também resultou para nós grande satisfação que chegássemos ali na véspera do dia do martírio, isto é, do mesmo santo Elpídio, dia nove das calendas de maio, dia em que foi necessário de todos os lados e de todo o território da Mesopotâmia todos os monges e também aqueles mais velhos, que moravam em solidão, que chamam de ascetas, descer até Carra para esse dia que é grandemente considerado aí, e também pela memória do santo Abraão, porque a casa dele foi onde agora há uma igreja, na qual foi sepultado o corpo desse santo mártir.

⁶ E, portanto, isto nos aconteceu com prazer além do esperado, que víssemos aí os monges da Mesopotâmia e verdadeiramente homens de Deus, inclusive aqueles dos quais ouvia-se a fama ou vida longe, aqueles que, ao contrário, eu não pensava de modo algum poder

impossibile esset Deo etiam et hoc praestare michi, qui omnia praestare dignabatur, sed quia audieram eos, eo quod extra diem paschae et extra diem hanc, non eos descendere de locis suis, quoniam tales sunt, ut et uirtutes faciant multas, et quoniam nesciebam, quo mense / esset dies hic martyrii, quem dixi. Itaque Deo iubente sic euenit, ut ad diem, quem nec sperabam, ibi uenirem.

⁷ Fecimus ergo et ibi biduum propter diem martyrii et propter uisionem sanctorum illorum, qui dignati sunt ad salutandum libenti satis animo me suscipere et alloqui, in quo ego non merebar. Nam et ipsi statim post martyrii diem nec uisi sunt ibi, sed mox de nocte petierunt heremum et unusquisque eorum monasteria sua, qui⁹⁷ ubi habebat.

⁸ In ipsa autem ciuitate extra paucos clericos et sanctos monachos, si qui tamen in ciuitate commorantur, penitus nullum christianum inueni, sed totum gentes sunt. Nam sicut nos cum grandi reuerentia attendimus locum illum, ubi primitus domus sancti Abrahae fuit, pro memoria illius, ita et illae gentes forte ad mille passus de ciuitate cum grandi reuerentia attendunt locum, ubi sunt memoriae Naor et Bathuhelis.

⁹ Et quoniam episcopus illius ciuitatis ualde instructus est de scripturis, requisui ab eo dicens: rogo te, domine, ut dicas michi, quod desidero audire. Et ille ait: dic, filia, quod uis, et dicam tibi, si scio⁹⁸. Tunc ego dixi: sanctum Abraam cum patre Thara et Sarra uxore et Loth fratris filio scio per scripturas in eo loco uenisse; Naor autem uel Bathuheim non legi, quando in isto loco transierint, nisi quod hoc solum scio, quia postmodum puer Abraae, ut peteret Rebeccam filiam Bathuhelis filii Nahor filio domini sui Abraae, id est Ysaac, in Charra uenerit.

¹⁰ Tunc ait michi sanctus episcopus: uere, filia, scriptum est, sicut dicis, in Genesis sanctum Abraam hic transisse cum suis: Nachor autem cum suis uel Bathuheim non dicit scriptura canonis, quo tempore transierint. Sed manifeste postmodum hic transierunt et ipsi, denique et memoriae illorum hic sunt forte ad mille passus de ciuitate. Nam uere scriptura hoc testatur, quoniam ad accipiendam sanctam Rebeccam

ver, não porque fosse impossível a Deus me oferecer mais isso, pois ele se dignava a dar tudo, mas porque ouvira que eles, exceto neste dia da Páscoa e salvo neste dia, eles não desciam dos seus locais para lá, visto que são tais que não só praticam muitas virtudes mas também porque não sabia em qual mês seria esse dia do martírio, que referi. E, por ordem de Deus, assim aconteceu que chegasse aí, perto desse dia que nem esperava.

⁷ Permanecemos, pois, ali por dois dias pelo dia do martírio, e por causa da visita daqueles santos, que se dignaram com disposição bastante favorável a me saudar e dirigir a palavra, o que eu não merecia. Na verdade, eles também não foram mais vistos aí imediatamente após o dia do martírio, mas, logo depois, de noite, dirigiram-se para o deserto e cada um deles para seu mosteiro, para onde possuía.

⁸ Todavia, nessa cidade exceto os poucos clérigos e santos monges, se é que porventura alguns moram na cidade, não encontrei quase nenhum cristão, mas tudo são gentios. De fato, assim como nós, com grande respeito, dirigimo-nos àquele lugar onde foi pela primeira vez a casa do santo Abraão em honra à sua memória, assim também aqueles gentios, com grande respeito, dirigem-se talvez a mil passos da cidade, ao lugar onde estão as sepulturas de Naor e Batuel.

⁹ E, já que o bispo daquela cidade é bastante instruído nas Escrituras, pedi a ele, dizendo: peço-te, senhor, que me digas o que eu desejo ouvir. E ele disse: dize, filha, o que queres e eu te direi, se souber. Então eu disse: eu sei, pelas escrituras, que o santo Abraão chegou neste lugar com o seu pai Taré e com a esposa Sara e o filho do irmão Lót; porém não li quando passaram por este lugar Naor e Batuel, contudo só sei que, pouco depois, o escravo de Abraão, chegou em Carra, para buscar Rebeca, filha de Batuel, filho de Naor, para o filho de seu senhor, Abraão, isto é Isaac.

¹⁰ Neste momento me disse o santo bispo: na verdade, filha, está escrito, assim como dizes, no Gênesis, que o santo Abraão passou por aqui com os seus; porém a Escritura de cânone não diz em que momento passaram Nahor e Batuel. Mas, evidentemente, pouco depois passaram aqui também eles, afinal ainda as sepulturas deles aqui estão, talvez a mil passos da cidade. E a Escritura de fato atesta isto, que para

huc uenerit puer sancti Abraae, et denuo sanctus Iacob hic uenerit, quando accepit filias Laban Syri.

¹¹ Tunc ego requisii, ubi esset puteus ille, ubi sanctus Iacob potasset pecora, quae pascebat Rachel filia Laban Syri. Et ait mihi episcopus: in sexto miliario est hinc locus ipse iuxta uicum, qui fuit tunc uilla Laban Syri; sed cum uolueris ire, imus tecum et ostendimus tibi, nam et multi monachi ibi sunt ualde sancti et ascites et sancta ecclesia est ibi.

¹² Illud etiam requisii a sancto episcopo, ubinam esset locus ille Chaldaeorum, ubi habitauerant primo Thara cum suis. Tunc / ait mihi sanctus episcopus: locus ille, filia, quem requiris, decima mansione est hinc intus in Persida. Nam hinc usque ad Nisibin mansiones sunt quinque et inde usque ad Hur, quae fuit ciuitas Chaldaeorum, aliae mansiones sunt quinque; sed modo ibi accessus Romanorum non est; totum enim illud Persae tenent. Haec autem specialiter orientalis appellatur, quae est in confinium Romanorum et Persarum uel Chaldaeorum.

¹³ Et cetera plura referre dignatus est, sicut et ceteri sancti episcopi uel sancti monachi facere dignabantur, omnia tamen de scripturis Dei uel sanctis uiris gesta, id est monachis, siue qui iam recesserant, quae mirabilia fecerint, siue etiam qui adhuc in corpore sunt, quae cotidie faciant, hi tamen, qui sunt ascites. Nam nolo aestimet affectio uestra, monachorum aliquando [aliquando] alias fabulas⁹⁹ esse nisi aut de scripturis Dei aut gesta monachorum maiorum.

21 Post biduo autem, quam ibi feceram, duxit nos episcopus ad puteum illum, ubi adaquauerat sanctus Iacob pecora sanctae Rachel; qui puteus sexto miliario est a Charris; in cuius putei honorem fabricata est ibi iuxta sancta ecclesia¹⁰⁰ ingens ualde et pulchra. Ad quem puteum cum uenissemus, facta est ab episcopo oratio, lectus etiam locus ipse de Genesi, dictus etiam unus psalmus competens loco atque iterata oratione benedixit nos episcopus.

² Vidimus etiam loco iuxta puteum iacentem lapidem

buscar a santa Rebeca aqui veio o escravo do santo Abraão, e ainda teria vindo aqui o santo Jacó, quando recebeu as filhas do Sírio Labão.

¹¹ Então eu perguntei onde seria aquele poço onde o santo Jacó tinha matado a sede dos rebanhos que apascentava Raquel, filha do sírio Labão. E o bispo me disse: A seis milhas daqui fica esse lugar, ao lado do povoado que foi naquele tempo propriedade do sírio Labão; mas como tiveste vontade de ir, vamos contigo e mostramos a ti; pois há muitos monges ali, grandemente santos e ascetas, e ali há ainda uma igreja consagrada.

¹² Também perguntei para o santo bispo onde era aquele lugar dos caldeus, onde moraram primeiramente Taré com os seus. Então me disse esse santo bispo: esse lugar, filha, que perguntas, fica no décimo acampamento daqui para dentro da Pérsia. De fato, daqui até Nisibis há cinco pousadas e daí até Ur, que foi a cidade dos caldeus, há outras cinco pousadas, mas agora não há, aí, acesso dos romanos; na verdade os persas ocupam tudo aquilo. Além disso, esta (região) é chamada, em particular, de oriental, a qual fica na divisa comum dos romanos, persas e caldeus.

¹³ E muito mais dignou-se a contar, assim como também os outros santos bispos e monges dignavam-se a fazer; sempre todas ações tiradas das Escrituras de Deus ou de homens santos, isto é, de monges, ou os que já se foram, que ações admiráveis realizaram, ou ainda os que até agora estão vivos, que obram diariamente, que são os ascetas. Na verdade, não quero que julgue, Vossa Caridade, ser alguma vez outros os assuntos dos monges, a não ser ou das Escrituras de Deus ou os atos dos monges mais velhos.

21 Mas, depois de dois dias que passei ali, o bispo nos conduziu àquele poço onde o santo Jacó dera de beber aos rebanhos da santa Raquel; esse poço fica na sexta milha de Carra, e em honra desse poço foi construída ali ao lado uma igreja consagrada, bastante grande e bonita. E quando chegamos a esse poço, foi feita uma oração pelo bispo, lido também o mesmo passo do Gênesis, dito ainda um salmo competente ao lugar e, feita nova oração, abençoou-nos o bispo.

² Vimos também no lugar próximo ao poço a pedra

illum infinitum nimis, quem mouerat sanctus Iacob a puteo, qui usque hodie ostenditur.

³ Ibi autem circa puteo nulli alii commanent nisi clerici de ipsa ecclesia, quae ibi est, et monachi habentes iuxta monasteria sua, quorum uitam sanctus episcopus nobis retulit, sed uere inauditam. Ac sic ergo facta oratione in ecclesia accessi cum episcopo ad sanctos monachos per monasteria ipsorum et Deo gratia agens et ipsis, qui dignati sunt me per monasteria sua, ubicumque ingressa sum, libenti animo suscipere et alloqui illis sermonibus, quos dignum erat de ore illorum procedere. Nam et eulogias dignati sunt dare michi et omnibus, qui mecum erant, sicut est consuetudo monachis dare, his tamen, quos libenti animo suscipiunt in monasteriis suis.

⁴ Et quoniam ipse locus in campo grandi est, de contra ostensus est michi a sancto episcopo uicus ingens satis forte ad quingentos passos de puteo, per quem uicum iter habuimus. Hic autem uicus, quantum episcopus dicebat, fuit quondam uilla Laban Syri, qui uicus appellatur Fadana. Nam ostensa est michi in ipso uico memoria Laban Syri, / soceri Iacob; ostensus est etiam michi locus, unde furata est Rachel idola patris sui.

⁵ Ac sic ergo in nomine Dei peruisis omnibus faciens uale sancto episcopo et sanctis monachis, qui nos usque ad illum locum deducere dignati fuerant, regressi sumus per iter uel mansiones, quas ueneramus de Antiochia.

22 Antiochia autem cum fuissem regressa, feci postmodum septimana, quousque ea, quae necessaria erant itineri, pararentur. Et sic proficiscens de Antiochia faciens iter per mansiones aliquot perueni ad prouinciam, quae Cilicia appellatur, quae habet ciuitatem metropolim Tharso, ubi quidem Tharso et eundo Ierusalimam iam fueram.

² Sed quoniam de Tharso tertia mansione, id est in Hisauria, est martyrium sanctae Teclae, gratum fuit satis, ut etiam illuc accederem, praesertim cum tam in proximo esset.

deitada, demasiadamente grande, que o santo Jacó retirou do poço, que até hoje se mostra.

³ Porém, ali ao redor do poço ninguém mora, a não ser os clérigos da própria igreja que existe aí e monges que têm seus mosteiros ao lado, cuja a vida o santo bispo nos contou, mas verdadeiramente inaudita. E assim, pois, feita uma oração na igreja, dirigi-me com o bispo até os santos monges, pelos seus mosteiros e, dando graças a Deus e a eles, que se dignaram a me receber de bom grado em qualquer lugar que entrei pelos seus mosteiros, e a falar com aqueles assuntos eram dignos de sair de sua boca. De fato, também dignaram-se a me dar oferendas, e a todos que estavam comigo, assim como é costume os monges darem ainda àqueles que de boa vontade acolhem em seus mosteiros.

⁴ E porque este lugar fica em uma grande planície, foi mostrado a mim, em frente, pelo santo bispo, um povoado muito grande, talvez a quinhentos passos do poço; por essa aldeia fizemos o caminho. Pois, este povoado, como dizia o bispo, foi antigamente propriedade do sírio Labão; e esse povoado se chama Fadana. Com efeito, foi mostrada a mim, nesta aldeia, a sepultura do sírio Labão, sogro de Jacó; me foi mostrado também o lugar onde Raquel roubou os ídolos de seu pai.

⁵ E assim, pois, em nome de Deus, contempladas todas as coisas, dizendo adeus ao santo bispo e aos santos monges que tinham se dignado a nos conduzir até aquele lugar, voltamos pela estrada e pelas pousadas pelas quais viéramos de Antioquia.

22 Todavia, como eu tivesse voltado a Antioquia, passei em seguida uma semana até que fossem preparadas as coisas que eram necessárias para a viagem. E assim, partindo de Antioquia, fazendo o caminho por alguns acampamentos, cheguei à província que se chama Cilícia, que tem como capital a cidade de Tarso, Tarso onde na verdade já estivera, indo para Jerusalém.

² Mas, visto que a três acampamentos de Tarso, isto é, em Isáuria, fica o túmulo de santa Tecla; me aprouve que também me dirigisse para lá, sobretudo porque era tão próximo.

23 Nam proficiscens de Tharso perueni ad quandam ciuitatem supra mare adhuc Ciliciae, quae appellatur Pompeiopolin. Et inde iam ingressa fines Hisauriae mansi in ciuitate, quae appellatur Corico, ac tertia die perueni ad ciuitatem, quae appellatur Seleucia Hisauriae. Vbi cum peruenissem, fui ad episcopum uere sanctum ex monacho, uidi etiam ibi ecclesiam ualde pulchram in eadem ciuitate.

² Et quoniam inde ad sanctam Teclam, qui locus est ultra ciuitatem in colle sed plano, habebat de ciuitate forsitan mille quingentos passus, malui ergo perexire illuc, ut statiuam, quam factura eram, ibi facerem. Ibi autem ad sanctam ecclesiam nichil aliud est nisi monasteria sine numero uirorum ac mulierum.

³ Nam inueni ibi aliquam amicissimam michi, et cui omnes in oriente testimonium ferebant uitae ipsius, sancta diaconissa nomine Marthana, quam ego aput Ierusalimam noueram, ubi illa¹⁰¹ gratia orationis ascenderat; haec autem monasteria aputactitum seu uirginum regebat. Quae me cum uidisset, quod gaudium illius uel meum esse potuerit, nunquid uel scribere possum?

⁴ Sed ut redeam ad rem, monasteria ergo plurima sunt ibi per ipsum collem et in medio murus ingens, qui includet ecclesiam, in qua est martyrium, quod martyrium, satis pulchrum est. Propterea autem murus missus est ad custodiendam ecclesiam propter Hisauros, quia satis mali sunt et frequenter latrunculantur, ne forte conentur aliquid facere circa monasterium, quod ibi est deputatum.

⁵ Ibi ergo cum uenissem in nomine Dei, facta oratione ad martyrium nec non etiam et lectus omnis actus sanctae Teclae, gratias Christo Deo nostro egi infinitas, qui mihi dignatus est indignae et non merenti in omnibus desideria complere.

⁶ Ac sic ergo facto ibi biduo / uisus etiam sanctis monachis uel aputactitis, tam uiris quam feminis, qui ibi erant, et facta oratione et communionem reuersa sum Tharso ad iter meum, ubi facta statiuam triduana in nomine Dei profecta sum inde iter meum. Ac sic perueniens eadem die ad mansionem, quae appellatur Mansocrenas, quae est sub monte Tauro, ibi mansi.

23 Partindo pois de Tarso, cheguei a uma certa cidade acima do mar, ainda na Cilícia, que se chama Pompeiópolis. E daí, entrando já no território de Isáuria, fiquei na cidade que se chama Corico; e no terceiro dia cheguei à cidade que se chama Selêucia da Isáuria. E aí chegando, fui até o bispo, verdadeiramente santo, antigo monge; vi também aí na mesma cidade uma igreja muito bonita.

² E já que daí até Santa Tecla, que é um lugar além da cidade, numa colina, mas na planície, havia da cidade talvez mil e quinhentos passos, preferi, pois, prosseguir até lá para fazer lá a parada que eu ia fazer. Porém, neste lugar, junto à igreja consagrada não há nada a não ser um sem número de mosteiros de homens e mulheres.

³ Com efeito, aí encontrei uma grande amiga minha, e de quem todos no oriente davam testemunho de sua vida, uma santa diaconisa de nome Martana, que eu conhecera perto de Jerusalém, onde ela subira para orar; ela dirigia conventos de Apotáctitas ou virgens. Acaso posso escrever qual podia ser minha alegria ou dela quando me viu?

⁴ Mas, voltando ao assunto, existem, pois, numerosos mosteiros aí por esta colina e, no meio, um muro enorme que cerca a igreja na qual está o túmulo do mártir; santuário esse que é muito bonito. Por isso, também foi construído um muro para guardar a igreja por causa dos Isáurios, que são muito maus e freqüentemente salteiam, para que não tentem fazer nada com relação ao mosteiro que aí foi estabelecido.

⁵ E aí, pois, quando cheguei, em nome de Deus, feita uma oração no túmulo do mártir, e também lido todo o ato de santa Tecla, dei infinitas graças a Cristo, nosso Deus, que se dignou a satisfazer a mim, indigna e não merecedora, em todos os desejos.

⁶ E assim, pois, passados dois dias aí, visitados ainda com os santos monges ou apotácticos, tanto homens quanto mulheres que havia ali, e feita também uma oração e comunhão, voltei ao meu caminho em Tarso, onde, feita uma parada por três dias, em nome de Deus, parti daí para o meu caminho. E assim, chegando no mesmo dia ao acampamento que se chama Mansocrenas, que fica na base do monte Tauro, aí fiquei.

⁷ Et inde alia die subiens montem Taurum et faciens iter iam notum per singulas prouincias, quas eundo transiueram, id est Cappadociam, Galatiam, et Bithiniam, perueni Calcedona, ubi propter famosissimum martyrium sanctae Eufimiae ab olim michi notum iam, quod ibi est, mansi loco.

⁸ Ac sic ergo alia die transiens mare perueni Constantinopolim agens Christo Deo nostro gratias, quod michi indignae et non merenti praestare dignatus est tantam gratiam, id est, ut non solum uoluntatem eundi, sed et facultatem perambulandi, quae desiderabam, dignatus fuerat praestare et reuertendi denuo Constantinopolim.

⁹ Vbi cum uenissem, per singulas ecclesias uel apostolos nec non et per singula martyria, quae ibi plurima sunt, non cessabam Deo nostro Iesu gratias agere, qui ita super me misericordiam suam praestare dignatus fuerat.

¹⁰ De quo loco, domnae, lumen meum, cum haec ad uestram affectionem darem, iam propositi erat in nomine Christi Dei nostri ad Asiam accendendi, id est Efesum, propter martyrium sancti et beati apostoli Iohannis gratia orationis. Si autem et post hoc in corpore fuero, si qua praeterea loca cognoscere potuero, aut ipsa praesens, si Deus fuerit praestare dignatus, uestrae affectioni referam aut certe, si aliud animo sederit, scriptis nuntiabo. Vos tantum, dominae, lumen meum, memores mei esse dignamini, siue in corpore, siue iam extra corpus fuero.

⁷ E daí, no outro dia, subindo o monte Tauro e percorrendo o caminho já conhecido por cada uma das províncias, as quais atravessara na ida, isto é, Capadócia, Galácia e Bitínia, cheguei à Calcedônia, onde, por causa do famosíssimo santuário de santa Eufêmia, por mim já conhecido anteriormente e que ali se situa, permaneci nesse lugar.

⁸ E assim, pois, no outro dia, atravessando o mar cheguei à Constantinopla, dando graças a Cristo, nosso Deus, que a mim, indigna e não merecedora dignou-se conceder tão grande graça, isto é, que se dignou a dar não só vontade de ir, mas também a possibilidade de visitar sucessivamente o que desejava e de voltar novamente a Constantinopla.

⁹ E quando aí cheguei, por cada uma das igrejas e apóstolos, e não só, mas também por cada um dos túmulos de mártires que aí são vários, não cessava de dar graças a Jesus, nosso Deus, que assim sobre mim dignara-se a mostrar sua misericórdia.

¹⁰ E desse lugar, senhoras, minha luz, quando entregasse esta narrativa à vossa Bondade, já era propósito, em nome de Cristo nosso Deus, dirigir-me à Ásia, isto é, a Éfeso para orar no martírio do santo e bem-aventurado apóstolo João. Se, contudo, após isto ainda estiver neste corpo e ainda puder conhecer outros lugares, se Deus se dignar a me oferecer, relatarei certamente à vossa Caridade de viva voz ou, se me decidir noutra pensamento, anunciarei por escrito. Vós, senhoras, minha luz, dignai-vos lembrar-vos de mim, quer eu esteja neste corpo quer já fora do corpo (desencarnada).

2.2 Notas de tradução

As notas que apresento são na verdade parte da tradução. Nelas encontrar-se-ão esclarecimentos sobre a escolha de uma determinada tradução e também informações de cunho lexical-filológico e gramatical. As primeiras tornam-se necessárias já que palavras como *monasterium*, *sanctus*, *tabernaculum* não podem ser traduzidas diretamente pelas palavras que delas derivam, via evolução fonética. As notas de caráter gramatical, comentam a sintaxe e a morfologia, sobretudo quando esta se distancia do latim clássico ou quando apontam para alguma inovação que depois fará parte das línguas românicas. As notas são importantes para o leitor, no mínimo, pelos esclarecimentos que apresentam sobre o texto, incluindo a relação que certas passagens estabelecem com histórias do Antigo Testamento.

Tanto a redação das notas como a tradução do texto propriamente dita foram para mim um fator de aprendizado do latim vulgar. Assim, o fato de constarem desta dissertação está relacionado, na verdade, à necessidade de dominar a língua do texto como um todo, e não apenas o aspecto da língua que será tematizado como objeto desta pesquisa. Não há como negar que a análise do texto latino que fiz com a tradução, juntamente com o trabalho de elaboração dessas notas, foi de fato uma parte substancial desta dissertação.

Capítulo 1

- ¹ *quo*: na sintaxe clássica a preposição *in* viria precedendo este *quo* (ablativo do pronome relativo *qui* - *no qual*).
- ² *memoriae*: além do sentido de ‘memória’, ‘lembrança’, *memoria* pode significar ‘túmulo de um mártir’, ‘santuário contendo as relíquias de um mártir’, ‘santuário em geral’, ‘sepulcro’.
- ³ *sancti*: fiéis servidores de Deus, cristãos. Os cristãos são chamados “santos” porque pelo batismo foram consagrados a Cristo (Rm 1,7; 1Cor 1,2) para viver uma vida nova (Rm 6,3-14).
- ⁴ *dicentes*: este particípio presente retoma uma idéia que está implícita no verbo que vem antes *commonuerunt*, mas sua presença não é sintaticamente necessária na oração.
- ⁵ *Habebat*: esse é um uso do verbo *habere* com o valor impessoal de *existir*. Além desta, há outras ocorrências de *habere* impessoal na *Peregrinatio*, como em (23,2) *habebat de ciuitate forsitan mille quingentus passus (...)*
- ⁶ *illa*: pronome demonstrativo. *Ille, illa, illud* é empregado com muita freqüência na *Peregrinatio*, a mostrar que seu emprego não pode ser interpretado como o clássico *aquele, aquela, aquilo*, mas o de artigo definido das línguas românicas que, como sabemos, teve aí sua origem.

Capítulo 2

- ⁷ *ipsa*: neste emprego, o sentido de *ipse* não é o do latim clássico “ele mesmo”, “ela mesma”, mas do nosso “esse” (tal como em muitas outras ocorrências no texto), um equivalente de *iste* e às vezes de *hic* e às vezes de um artigo. *Ipsa* torna-se um demonstrativo de sentido menos enfático do que na língua clássica, tendendo a substituir o antigo *iste*.

Ipse, ipsa, ipsum em latim clássico é um dos seis pronomes demonstrativos. *Hic, iste, ille, is, idem* são os outros. A língua vulgar só conservou três desses seis demonstrativos: *iste, ipse e ille*. Esse sistema substituiu o clássico *hic, iste e ille* com as funções de 1ª pessoa (proximidade da pessoa que fala), 2ª pessoa (pessoa a quem se fala) e 3ª pessoa (posição remota). No latim vulgar, o demonstrativo *ipse, ipsa, ipsum* passou a ser usado como artigo definido em algumas poucas línguas (em uma região da Sardenha, em alguns pontos da Catalunha, da Gasconha e ilhas Baleares) sendo *ille, illa, illud* a forma geral adotada como pronome pessoal de terceira pessoa e também como artigo definido.

⁸ *appellabant* não foi traduzido.

⁹ *trauersare habebamus*: perífrase formada com o infinitivo de um verbo e o indicativo de *habere* em substituição à perifrástica ativa com o verbo auxiliar no imperfeito do indicativo (*trauersaturi eramus*). O futuro tal como era empregado no latim clássico não passou para as línguas românicas, sendo esta perífrase uma das formas que o latim vulgar transmitiu ao romance e que originou, posteriormente, a criação propriamente dita do futuro românico. Note-se que esta inovação românica respeita a regra clássica na ordem das palavras: *laudare hayo* originou em port. *louvar-hei*, esp. *loar-é*, fr. *je louer-ai*, prov. *lauzar-ai*, it. *lauder-ò*. Com base na ordem vulgar esperar-se-ia *hayo laudare*.

Além do auxiliar *habere*, utilizado na maior parte da România Ocidental na formação dessa perífrase de futuro, temos *uolo* no romeno (*uoi lauda*) e *debeo* no logudorês (*depo Kantare*).

O futuro na língua vulgar além de ser expresso por essa(s) perífrase(s), confundia-se frequentemente com o presente como pode-se ver na nota nº 96.

¹⁰ *quod*: no latim clássico usaria-se *cum* para introduzir uma oração subordinada temporal.

¹¹ *iter*: pode ser tanto um caminho concreto (uma estrada) como nesta passagem, quanto um caminho espiritual. O termo também aparece nos autores cristãos no sentido metafórico da vida do homem, sua conduta e seus hábitos. Indica também o modo de agir de Deus para com o homem (“os caminhos de Deus”), ou as normas que ele traçou para o modo de agir do ser humano, isto é os mandamentos. No Novo Testamento a doutrina Cristã é chamada “caminho” (At 16,17).

¹² *qua*: acreditamos que este *qua* é o nominativo feminino singular do pronome relativo *qui*, que em latim clássico seria *quae* (forma que é igual a do plural) e que portanto foi escrito sem o *e* final. Uma outra alternativa seria a de ser este *qua* um advérbio de lugar (“lugar por onde”), mas aqui faz mais sentido a primeira interpretação.

¹³ *orationem*: palavra, prece, pedido, oração.

¹⁴ *maiestas*: majestade, grandeza, divindade (em oposição à humanidade).

¹⁵ *fratribus*, ablativo plural de *frater* que significa provavelmente aqui “irmão, de mesma religião”. Os cristãos entre si se chamavam de “irmãos” (*fratres*) e “irmãs” (*sorores*).

Capítulo 3

¹⁶ *monasteria*: *monasterium* é qualquer lugar que servisse de habitação para um monge, eremita. Não é o que conhecemos por “mosteiro”. Nesta ocorrência, *monasteria* foi traduzido no singular *mosteiro* em vez de *mosteiros* porque aqui não parece tratar-se de mais de um mosteiro. Aliás, no latim clássico, as habitações às vezes são indicadas por palavras no plural, como *aedes* (“casa”), que indica o conjunto de quartos que compõe uma casa.

¹⁷ *humane*: advérbio derivado do adjetivo *humanus*, -a, -um. Literalmente quer dizer 'humanamente' mas, por extensão, refere-se aos sentimentos próprios do homem a que o cristianismo deu ênfase: clemência, benevolência, bondade. Daí a tradução "com bondade". O significado deste termo para os escritores cristãos não é o mesmo usado nos autores clássicos. Aqui "humanamente" incorpora os valores do cristianismo. Entre os cristianismos semânticos podemos ainda citar: *salus* "saúde, "bem-estar", mas no latim cristão "a salvação da alma" (e daí *salvator* "salvador", correspondente ao grego *sotér*); *spiritus*, correspondente ao grego *pneuma* "sopro", mas no latim cristão com sentido imaterial; *peccare*, não com o sentido profano de "cometer erro", mas sim no religioso de "ofender a Deus". *Sanctus*, *virtus* e *dominus* são também reinterpretadas no contexto dos valores cristãos, e não correspondem em sentido ao latim clássico.

¹⁸ *monachí*: *monachus* pode ser monge, eremita, solitário. Vivia só, mas sua cabana podia ser vizinha a outras. No oriente talvez a palavra evocasse a idéia de celibato (o mesmo que "asceta", em português e em latim).

¹⁹ *presbytero*: o mesmo que "ancião", chefe de uma comunidade cristã.

²⁰ *hora quarta*: por volta das 10 horas da manhã.

²¹ *ecclesia*: assembléia do povo, congregação, sinagoga; assembléia dos primeiros cristãos, igreja, comunidade de fiéis, lugar de reunião dos fiéis, templo.

²² *gratiam*: *gratia* pode significar, graça, beleza, benevolência de Deus, luz, benefício, o dom gracioso de hospitalidade.

²³ *ascitis*: asceta, monge ou leigo que vivia na solidão.

²⁴ *facta oblatione ordine suo*: o latim clássico empregava *suus*, pronome reflexivo, para indicar co-referência ao sujeito da oração em oposição a *is* e *ipse* para indicar referência distinta. Nesta ocorrência da *P.A.* - *facta est oratio ordine suo* - temos um uso não clássico de *suus* já que o referente está fora da oração. O latim clássico exigiria o genitivo de *is*, ou seja, *eius* (*Facta est oratio ordine eius*).

Ainda que não apresentemos uma explicação completa sobre o tratamento que o modelo chamado de "Regência e Ligação" da gramática gerativa dá àquilo que a tradição gramatical latina denomina "pronome possessivo" e "pronome recíproco", gostaríamos de lembrar que, nos termos da Teoria da Ligação (*Binding Theory*) da gramática gerativa, onde a questão é mais claramente colocada, *suus* em latim clássico seria uma *anáfora* e *is* um *pronome*.

Neste exemplo da *Peregrinatio*, *suus* não é mais uma *anáfora* (reflexivo possessivo), porque uma das condições mínimas para tal seria a de ter co-referência com o sujeito da oração, podendo assim ser co-indexado a ele. A *anáfora* é um elemento que precisa de um antecedente referencial no âmbito da oração. Trata-se aqui de um *pronome possessivo* com referência fora da oração pois seu antecedente não é *oblatio* (sujeito mais próximo):

**Facta est oblatio_i ordine suo_i*,

Facta est oblatio_i ordine suo_j

²⁵ *hac*: por aqui. Parece que este *hac* não é o advérbio de lugar, mas o pronome *haec* em acusativo, dependendo de *communicantibus nobis*, ou seja, *trocando nós estas coisas*. A interpretação faz sentido se pensarmos no que vinha a ser a "oblação": "troca", "oferenda", "sacrifício". Ver nota nº 31.

²⁶ *eulogias*: *eulogia* em grego significa "benção" e pode ser qualquer oferta em forma de presente como nesta ocorrência da *Peregrinatio* - *de pomis* - "algumas frutas". Aliás, a construção *de pomis* parece demonstrar a origem da construção partitiva do francês, do tipo *Je*

mange du pain. No latim clássico teria-se *poma* (acusativo, neutro, plural), em vez de *de pomis*.

Eulogia pode ser também parte da hóstia - corpo ou sangue de Jesus -, ou ainda pão bento (distribuído ao povo em sinal de comunhão ou caridade, ou enviado aos amigos em sinal de afeição).

²⁷ *orationes*: na edição de onde foi extraído o texto da *Peregrinatio* (H. Pétré) há uma nota de rodapé sobre essa palavra. De acordo com essa nota dois latinistas (Löfstedt e Heraeus) interpretam aí *aratio*, *-onis* (ação de lavar, campo lavrado, lavoura), acreditando num erro do copista. Certamente é esse o vocábulo que faz sentido no contexto e não *oratio*, *-onis*.

²⁸ *iuxta sibi monasteria*: *iuxta* é ora preposição ora advérbio em latim clássico. Como preposição rege acusativo, que poderia ser aqui, por hipótese, *monasteria*. Ao adotarmos *iuxta* como preposição, teríamos a tradução “os monges fazem hortas perto de suas habitações”. Parece mais apropriado entender *iuxta* como advérbio, valendo *sibi* por um “dativo de interesse”, daí a tradução “os monges estabelecem pomares e lavouras e aí por perto fazem habitações para si”.

²⁹ *sorores*: ver nota nº 15.

Capítulo 4

³⁰ *qua*: No latim vulgar, *qua* (na origem “por onde”) toma muitas vezes o sentido temporal de *cum* em latim clássico, como nesta ocorrência.

³¹ *oblacionem*: *oblatio* é derivado de *offero*, ação de oferecer, de dar voluntariamente; oferenda (de pão e vinho, elementos do santo sacrifício oferecidos para os fiéis). Pode ser também o sacrifício eucarístico - a hóstia -, e Missa, tal como a concebemos hoje. No Antigo Testamento, a oblação era o sacrifício incruento à base de produtos vegetais cultivados pelo homem, destinada à manutenção dos sacerdotes (Lv 2,1-14).

³² *senioribus*: *senior* é ‘ancião’. No período tribal de Israel, a autoridade era exercida pelos chefes das tribos, em geral os mais velhos. Aos anciãos cabia a chefia em tempos de guerra e o poder judicial em tempos de paz. Nas primeiras comunidades cristãs os anciãos (=presbíteros) governavam as igrejas locais.

³³ *hora octava*: duas horas.

³⁴ *hora decima*: quatro horas.

³⁵ *loco*: temos aqui um ablativo de lugar cuja presença não acrescenta nada, pois bastava a monja ter dito *gustauimus in horto ante rubum* (merendamos no jardim diante da sarça) e não *gustauimus nobis loco in horto ante rubum* (merendamos estando nós no lugar, no jardim diante da sarça). A menos que *loco* já tenha aqui o sentido temporal do português *logo* e espanhol *luego*.

³⁶ *mansionem*: *mansio* relaciona-se com o verbo *maneo*, *mansi*, *mansum*, *manere*. Ação de permanecer, de se demorar, de morar (derivam-se daí *maison* e *ménage* em francês). Na *Peregrinatio* esse verbo é sempre usado no sentido de passar uma noite, fazer pousada, acampar. *Mansio*, *mansionis* é o próprio local - a “pousada”.

Capítulo 5

³⁷ *castra*: campo e aldeia fortificados. Pode significar também a Igreja militante a serviço de Deus (cf. Tert. *castra ecclesiae* e Cípr. *Dei castra*).

- ³⁸ *ille*: neste caso é interpretado à maneira do latim clássico, como pronome enfático, “o famoso bezerro”, “o célebre bezerro”, tal como em Cíc. *Pomp.* 22: *Medea illa*, “a célebre Medéia”.
- ³⁹ *abitationes*: por *habitationes*. *habitatio* é ação de habitar, lugar onde se habita, habitação; a grafia parece atestar a perda da aspiração do *h*, fenômeno que afetou toda a România.
- ⁴⁰ *ubi ... uiri*: ao ler na Bíblia Nm 11 - a tradução “onde os setenta anciãos receberam de Moisés o seu espírito” faz sentido. O fato está relacionado ao descontentamento dos judeus ao saírem do Egito. Queixavam-se eles de estarem morrendo à míngua porque só comiam “maná” (semente parecida com a do coentro que o povo moía para fazer broas) mas tinham vontade de comer carne. Moisés orou ao Senhor pedindo auxílio, porque não estava suportando o fardo de conduzir um povo queixoso. Por isso Deus interferiu na mente de setenta anciãos, inculcando-lhes um pouco do espírito de Moisés, de modo que eles pudessem entender o quanto estava sofrendo Moisés. Para satisfazer a ânsia carnívora do povo judeu, Deus fez soprar um vento que trouxe um bando de codornas e as fez pousar sobre o acampamento. Os judeus comeram tanta carne, que Deus irado, lançou sobre eles uma grande epidemia. Por causa dessa epidemia, o nome do lugar passou a se chamar “Cemitério da Gula” (*memoria concupiscentiae*), porque ali foi sepultado o povo glutão, ou seja, o povo que teve “a cobiça dos alimentos” (*concupiscentia escarum*).
- ⁴¹ *tunc qua*: no latim clássico apareceria *tunc cum*.
- ⁴² *affectio vestra*: forma de tratamento. Outras formas de tratamento aplicadas à mesma autoridade eclesiástica são *Caritas Vestra* e *Dilectio Vestra*, conforme C. Mohrmann, em *Die altchristliche Sondersprache in den Sermones des hl. Augustin* - citação de Pétré (1948).
- ⁴³ *tabernaculum*: tenda, cabana. Pode significar também a habitação eterna de Deus.
- ⁴⁴ *in montem*: notar o acusativo indicando um *locus ubi*.
- ⁴⁵ *visa loca sancta omnia*: conforme Herrero (1965), trata-se de um *nominativo absoluto*, um arcaísmo empregado tal como o ablativo de mesmo nome, com o valor de uma proposição autônoma. Mas, levando-se em consideração o ablativo absoluto *uisis etiam et sanctis uiris* que vem coordenado, pode-se pensar que não se trata de um arcaísmo, mas uma confusão no emprego dos casos.
- ⁴⁶ *in Faran*: a preposição *in* pode parecer necessária para indicar um lugar “para onde” com um nome indeclinável de origem semita.

Capítulo 6

- ⁴⁷ *Faran*: contrariamente ao que era de se esperar, aqui não foi usada a preposição, conforme acabamos de comentar na nota acima.
- ⁴⁸ *arenosae*: para concordar com *totum* deveria ser *arenosum*. Uma outra interpretação é pensar que há elipse de *terrae*. De qualquer modo, fica inexplicado o plural do verbo.
- ⁴⁹ *de inter*: note-se a preposição *de* reforçando o advérbio de lugar (também passível de ser usado como preposição) *inter*, em português *dentre*. O reforço de um grande número de advérbios de tempo e de lugar e de certas preposições pela anteposição de uma preposição é um fenômeno comum do latim vulgar. Além de *de*, partícula de reforço por excelência destas duas categorias gramaticais, ocorrem ainda nesta função *ab*, *ad*, e *per*. *Ab* aparece em *abante* (rom. ant. *a-inte*, it. *avanti*, fr. *avant*, prov. *avan*, etc). *Ad* encontra-se em *ad satis*, *ad trans*, *ad post*, (rom. *apoi*, it. ant. *appo*, log. ant. *appus*, port. *após*; *afforas* em rom. *afara*, it. ant. *affuori*, fr. ant. *afors*, esp. *afuera*, port. *afora*. *Per* encontramos em *perante* e *per ad* (port. e esp. *para*, cat. / port. arc. *pera*, etc.).

⁵⁰ *heremi* por *eremi*: *genitivo* de *eremus* - deserto. Etéria constantemente confunde o uso ou não uso do *h*, o que mostra que este não era mais aspirado na sua época.

Capítulo 7

⁵¹ *Gesse*: este é um topônimo de origem semita, que os dicionários apontam como indeclinável e terminado em *n*. Aqui esse nome, usado como um aposto a um acusativo, foi declinado como se estivesse no ablativo latino. Ocorrências desse tipo, bastante comuns na *Peregrinatio*, mostram a verdadeira miscelânea que existe no uso das terminações casuais.

⁵² *ciuitas*: não é necessariamente a “cidade” encarada do ponto de vista urbanístico, equivalente à palavra “*urbs*”. Pode significar também “sociedade de homens”, “comunidade” (cp. em Santo Agostinho *Civitas Dei* que é um recorte da humanidade).

⁵³ *cata*: é um novo indefinido distributivo que aparece, como neste exemplo, no lugar dos indefinidos latinos *singuli, ae, a* ou *quisque* (cf. *cata mane* na Vulgata (Ezequiel, 46, 14)). Segundo Maurer Jr. (1959:118), “origina-se da preposição grega *κατά* e devia pertencer já ao latim vulgar do Império, disseminando-se, porém, sobretudo no ocidente, conforme o português, o espanhol e o catalão *cada*, e o o francês meridional *cade*. Não existe no romeno”. Este indefinido mostra ainda uma das influências do grego no vocabulário do latim vulgar.

⁵⁴ *praepositis*: *praepositus* é comandante, pode ser também o governador do lugar. Causa estranheza o uso no singular.

⁵⁵ *milite* (*miles, -itis*): aqui soldado na acepção militar.

⁵⁶ *praesidet*: 3ª pessoa do singular do verbo *praesideo, es, sedi, sessum, sidere* (de *prae* e *se-deo*). Estar sentado diante, adiante. Ter o primeiro lugar, ter a presidência, presidir. Aqui ‘governa’, ‘preside’, ‘comanda’, ‘guarda’. A esse verbo relaciona-se *praesidium* (“presídio”) = força incumbida de guardar ou defender; guarnição, local de segurança) e também “presidiário” e “presidente”.

⁵⁷ *come*: *come macra* em grego significa “vila grande”, e segundo alguns *comarca* em português tem aí sua origem. A monja Etéria traduz nesta passagem a palavra *come* pelo termo latino *uicus* (*Heroum ciuitas (...) nunc est come (...) quod nos dicimus uicus*), o que mostra, mais uma vez, a difusão do grego no Mediterrâneo oriental.

⁵⁸ *Unde*: de onde. Aqui o sentido locativo de origem é suplantado pela idéia de razão ou causa. Daí a tradução “é por isto, porque”.

Capítulo 8

⁵⁹ *fabricas*: estrutura, composição; construção. *Fabrica ecclesiae* designa às vezes o Conselho ou diretoria de uma igreja (cf. Blaise, 1954, pág. 341).

⁶⁰ *dicent*: futuro imperfeito que se confunde com o presente *dicunt*.

⁶¹ *patriarchis*: *patriarcha* é o chefe da raça (entre os Judeus).

⁶² *episcopo*: *episcopus* significa etimologicamente “supervisor”. O bispo é o supervisor de uma comunidade cristã, chefe.

⁶³ *peregrinos*: (*peregrinus*) estrangeiro.

- ⁶⁴ *eo*: este *eo* não é o advérbio de lugar “para onde”, mas o ablativo neutro singular do pronome demonstrativo *is* que, junto com *quod*, forma uma única expressão, substituindo, ao lado de *quod*, *quia*, *quoniam*, a oração infinitiva usada no latim clássico após verbos declarativos.

Capítulo 9

- ⁶⁵ *ager*: trata-se aqui não da palavra *ager* que significa “campo”, “território”, mas da palavra *agger*, simplificada na grafia, que tem, entre outros sentidos, o de “estrada”, tal como nesta ocorrência.

Capítulo 10

- ⁶⁶ *possessionem*: *possessio* é possessão, o fato de possuir. Domínio, posse, propriedade. Aqui *possessionem* significa colônia (lugar onde um grupo de migrantes se estabelece em terra estranha).

- ⁶⁷ *se*: reflexivo de terceira pessoa no ablativo. O reflexivo *sui*, *sibi*, *se* é usado para se referir ao sujeito da própria oração em que se encontrar, ou, se estiver numa oração subordinada, para se referir a uma palavra (que designe uma pessoa) da oração principal e cujo pensamento seja representado pela oração subordinada.

- ⁶⁸ *diaconibus*: *diaconus* significa ‘assistente’, alguém que serve à mesa (Jo 2,5,9). Foram chamados “diáconos” os cristãos escolhidos pelos apóstolos para servirem aos pobres da Igreja de Jerusalém (At 6,1-7). Mas logo esses diáconos começaram a dedicar-se à pregação do Evangelho. São eles os auxiliares dos bispos na direção das jovens comunidades cristãs.

Quanto à morfologia, cabe lembrar aqui que *Etéria* se confunde na declinação de *diaconus*. Este nome pertence à segunda declinação e foi declinado como se fosse de terceira. Esperar-se-ia a forma *diaconis* em vez de *diaconibus*.

- ⁶⁹ *unus*: este é um exemplo de *unus* que não parece indicar unicidade como o numeral do latim literário, funcionando como artigo indefinido.

- ⁷⁰ *camsemus*: este é o verbo *campare*, de origem grega, daí a bilabial nesta ocorrência da *Peregrinatio*.

Capítulo 12

- ⁷¹ *ipsa*: *ipsa* é um exemplo do demonstrativo *ipse* interpretável no sentido clássico de - “o próprio”. Para um confronto com outros empregos ver nota nº 7.

- ⁷² *memoriam*: a ocorrência deste acusativo em lugar de nominativo parece sugerir uma total confusão entre os casos. Vale lembrar que Ernout e Thomas (1964:25) menciona um acusativo usado na função de sujeito (*accusatif proleptique*) como nestes exemplos: (Ter., *Eu.* 610,1: *metuo fratrem // ne intus sit* v. 657-8: *illum nescio // qui fuerit*. Tal como explica o autor (*op. cit* p.25), “le sujet de cette dernière se trouve parfois exprimé, comme par anticipation, à l’accusatif, dans la principale, où il sert de complément d’objet au verbe de cette dernière.” Entretanto, este não seria o caso de *memoriam* porque não pode servir de objeto direto com o verbo na voz passiva (*ostenditur*).

- ⁷³ *hostium*: pode-se dizer que aqui temos um fenômeno de hipercorreção da autora, que escreve *ostium* (“porta”) com *h*. Isto mostra que o *h* não era mais aspirado no latim vulgar, pois a monja não sabe mais quando usá-lo.

- ⁷⁴ *titulus*: além de título (de um livro, por exemplo), significa epitáfio, pedra monumental, obelisco, monumento.

Capítulo 13

⁷⁵ *homo*: pode ter o sentido de homem e mulher (ser humano) e também o sentido indefinido de “a gente”, que fica melhor aqui neste contexto, tal como *on* do francês e *homem* do português arcaico.

Sobre o emprego de *homem* com o sentido indefinido, temos vários exemplos fornecidos por J.J. Nunes (1967), entre os quais este de um texto do século XIV (*Batalha do Salado*):

(...) “Os mouros nõ se lhis oluidaua aquelo porque ali ueerã, ca eles refrescauã cada uez dos mogotes que estauã folgados e feriã os portugueses a destro e seestro, asi que o aficamẽto era tamanho de todas partes que *home* não poderia mostrar”. (...)

⁷⁶ *hostias*: *hostia* é vítima, oferenda de seu corpo (o que faz um mártir); oferenda espiritual; a hóstia.

Capítulo 14

⁷⁷ *clerici*: nominativo plural de *clericus*: clérigo. Aparece geralmente no plural, designando os membros do clero: padres, diáconos e subdiáconos.

⁷⁸ *suso*: existe de forma não atestada na literatura clássica *susum*, um advérbio que significa “para cima, acima”, como mostra Ausônio em *Jusum uis facere Deum, et te susum* (“Queres abaixar a Deus e elevar-te a ti”). No latim literário a forma é *sursum*, de *sus* e *versum* (cf. M. Terentius Varro *Qui sursum colunt* “Os que moram nos lugares altos” e Cíc. *Nares sursum sunt* “as narinas estão na parte superior (do corpo)”).

Parece que aqui *suso* foi declinado a partir de *susum*. De qualquer forma um advérbio, palavra indeclinável.

⁷⁹ *aduenientem sanctum Abraam*: “acusativo absoluto”, construção equivalente ao “ablativo absoluto”.

⁸⁰ *ecce ista*: é o demonstrativo *iste, ista, istud* com o reforço do antigo advérbio (também chamado de partícula epidítica) *ecce*. Conforme o port. arc. *aqueste*, esp. ant. *aqueste*, cat. *aqest*, prov. *cest*, fr. ant. *(i)cist*, it. *questo*, engadino *quaist*, logudorês *kuste*, romeno *acest*.

Uma outra partícula de reforço é *eccu(m)*, formada do mesmo advérbio *ecce* com o demonstrativo *(h)un(c)*, acusativo de *hic*. Ao lado dessas duas formas, algumas línguas românicas (cf. Maurer Jr. 1959:110) têm a partícula de reforço **accu*, sobre cuja origem há duas hipóteses: ou pelo cruzamento de *ecce* com *atque* ou simplesmente de *atque*. Alguns estudiosos sustentam a provável origem através de *atque* em ocorrências como esta: *Ubi cenamus, inquam? Atque illi abnuunt* (Plauto, *Captivi*, 481). Em português, *accu + ille*, *accu + illa*, *accu + illu(m)*, originaram *aquele*, *aquela*, *aquilo* e *accu + ipse* *aquele* no português arcaico, e em catalão *aqueix*.

Na România temos, em linhas gerais, a seguinte distribuição das partículas de reforço: a Ibéria e a Dácia têm **accu* e a Gália do norte conserva *ecce*. O italiano, o rético e o sardo não apresentam geralmente a vogal inicial, assim torna-se difícil a reconstrução latina, cf. ital. *questo* e *quello*, engad. *quaist* e *quel*, sardo *kuste*, *kusse* e *kudde*. Entretanto, como no sardo antigo existia *ekuste*, é provável que *eccu* seja a forma primitiva dessas três línguas.

Capítulo 15

⁸¹ *optimae satis*: o advérbio *satis* está modificando *optimae*, mostrando que *optimus* não é mais o superlativo de *bonus*.

⁸² *a semel*: preposição + advérbio, lit. “de uma só vez”, que traduzo “de um jato”.

⁸³ *illud*: é o nominativo ou acusativo neutro do pronome demonstrativo *ille, illa, illud* (aquele, aquela, aquilo). Aqui funciona como pronome catafórico que vai anunciar um termo que vem depois.

⁸⁴ *quod*: este *quod* (conjunção causal em latim clássico), seguida de verbo no subjuntivo, introduz uma oração subordinada substantiva em substituição à construção clássica de “acusativo com infinito”, na qual o sujeito aparecia em acusativo e o verbo no infinitivo.

Há outros exemplos na *Peregrinatio* de substituição do “acusativo com infinito” em que *quia*, outra conjunção causal, introduz uma subordinada substantiva: (12,7) *Sed mihi credite, domine uenerabiles, quia columna ipsa iam non paret, locus autem ipse tantum ostenditur (...)*

É sabido que os textos tardios, como este, continuam os procedimentos de coordenação e subordinação, mas simplificam a sintaxe com o uso de pronomes relativos e conjunções. Este modelo sintático é o que prevaleceu no latim falado, e o que se observa nas línguas românicas. Todavia, segundo Maurer Jr. (1959), todas as línguas provenientes do latim conservam alguma coisa da construção infinitiva, e fornece os exemplos a seguir: port. *vi-o chegar, fi-lo sair*; fr. *il me voit entrer, je l'ai fait entrer*; it. *mi vede arrivare, l'abbiamo lasciato partire*; rum. *sa-i lase pândi si ei = deixe-os espiar também*.

⁸⁵ *dicendo*: a forma esperada seria a do particípio presente (*dicentes*) e não a do gerúndio em ablativo, a mostrar que mais um sincretismo de construções afeta o latim da *Peregrinatio*.

Capítulo 16

⁸⁶ *ista*: o emprego deste demonstrativo, juntamente com a expressão *quam uidetis*, mostra claramente que substituiu o clássico *haec* na função de 1ª pessoa (proximidade da pessoa que fala).

⁸⁷ *benedicens nos episcopus*: morfologicamente é um “nominativo absoluto”, construção equivalente ao “ablativo absoluto”. Etéria usa com a mesma função de “ablativo absoluto” o que parecem ser os arcaicos “acusativo absoluto” e “nominativo absoluto”. Sobre esta questão ver também as notas 45, 79.

Capítulo 17

⁸⁸ *martyrium*: santuário dedicado a um mártir, denominação mais comumente empregada no oriente; no ocidente, *memoria*.

Capítulo 18

⁸⁹ *metropolis*: metrópole, mas também capital e sede de região ou província.

⁹⁰ *provinciae*: pode ser traduzido por “país”, “região”. O termo, de toda maneira, remete à organização administrativa romana.

⁹¹ *finis*: *finis* é limite, contorno, daí “fronteira”.

Capítulo 19

⁹² *ad Dominum*: na passagem *posteaquam scripseram Aggarus rex ad Dominum et Dominus rescripserat Aggaro* destacamos, nas expressões sublinhadas, a convivência lado a lado de duas variantes do latim: *ad* + acusativo e *dativo* como complementos de *scribere*.

É interessante que aqui *ad* + acusativo não substituiu o dativo, fenômeno tantas vezes citado como característico do latim vulgar, mas, como se pode observar, na língua da *Peregrinatio* existem ainda as duas construções. Note-se também que a regência clássica de *scribere*, o dativo, está relacionada a um complemento com papel temático de *meta* ou *alvo* no plano mental. A construção de *ad* + acusativo também está relacionada a um papel temático de *alvo*, porém, no plano concreto. O que vemos acontecer com o uso de *ad* + acusativo em vez de dativo, neste caso, é o fato de uma construção que era usada originalmente para exprimir um movimento “concreto” está sendo usada com o sentido de um movimento “mental”.

⁹³ *posita habebant*: os tempos compostos das línguas românicas não existiam no latim clássico. Esse exemplo da *Peregrinatio* nos mostra terem sido uma criação do latim vulgar. No entanto, o ponto de partida dessa inovação se encontra no latim clássico. Neste, distinguia-se entre um passado (perfeito) simples e um composto: *scripsi epistulam* era um pretérito denotando uma ação inteiramente passada e *habeo scriptam epistulam* uma ação realizada (e portanto passada), mas que se prolongava no presente através de suas conseqüências. A diferença está no que tradicionalmente se distingue entre tempo e aspecto verbal. Muito brevemente podemos dizer que a categoria de *tempo* diz respeito às relações temporais que são expressas por contrastes gramaticais sistemáticos: “passado”, “presente” e “futuro”. Esses contrastes foram reconhecidos pelos gramáticos tradicionais na análise do grego e do latim. A característica essencial da categoria tempo é que ela relaciona o tempo da ação, do acontecimento ou do estado referidos na frase ao momento do enunciado que é “agora”. O tempo gramatical é, pois, uma categoria “dêitica” que faz parte tanto da frase quanto do enunciado.

O termo *aspecto* foi usado primeiro para referir-se à distinção entre o “perfeito” ou “perfectivo” e o “imperfeito” ou “imperfectivo” no russo e em outras línguas eslavas. Em russo essa distinção entre o perfectivo e o imperfectivo pode ser ilustrada por duas frases: 1) *Ja procital roman*; 2) *Ja cital roman*. Embora as duas frases estejam no passado e possam ser traduzidas por “Li um romance”, na primeira, o *perfectivo* é usado quando se quer dizer que a ação de ler tinha se completado, isto é, que se acabara de ler o livro. Na segunda, o *imperfectivo* não diz se a ação de ler se completara ou não; apenas diz que levou-se algum tempo lendo um romance. O aspecto verbal envolve outras noções que não discutiremos aqui: *iterativo* (ou freqüentativo), *pontual* (ou momentâneo), *habitual*, *incoativo* (ou inceptivo), etc. Além disso, deixaremos de lado nessa exposição bastante simplificada, a intersecção entre *tempo* e *modo* e entre *tempo* e *aspecto*. Para concluir, o *aspecto*, diferentemente do tempo, não é uma categoria dêitica.

Silvio Elia (1979) ilustra essa diferença entre tempo e aspecto no latim com um exemplo de César (*B.G.* I,15): *equitatum ... quem ex omni prouincia ... coactum habebat*. O sentido deste passado composto não é simplesmente “reunira” (como seria a de *coegerat*) mas de “tinha então reunida” (um sentido mais de adjetivo do que de verbo). A aproximação de *habere* + particípio passado, em latim, teria um valor aspectual, indicando não só uma ação completamente realizada e, portanto, passada, mas ainda o fato de que seus efeitos se prolongam no presente. Assim, uma forma verbal como *habeo occupatum* (“tenho ocupado”) é simultaneamente passado (pelo tempo) e durativo (pelo aspecto).

A tendência analítica que predominou no latim vulgar levou progressivamente à preferência por *habeo scriptum* em desfavor do clássico *scripsi*. Esse processo estendeu-se aos demais tempos do *perfectum*. Daí *posita habebant* na *Peregrinatio*, que constitui o mais-que-perfeito românico. Note-se o português que, à maneira latina, continua a dispor de um passado na forma simples: *posui* (pus, fixei, estabeleci), *posuerant* (puseram, etc).

⁹⁴ *una*: temos aqui o uso clássico de *unus* (“único, um só”), que não é o de artigo.

⁹⁵ *pulchra*: este adjetivo refere-se ao substantivo *memoriam*; por este se encontrar distante,

a monja “esquece” a concordância no acusativo. Mais uma vez o “erro” mostra a pouca vitalidade das desinências de caso.

⁹⁶ *legitis*: em vez de *legitis* seria esperada a forma normal de futuro *legetis*.

A confusão que aparece aqui entre o presente *legitis* e o futuro *legetis*, deve-se a um fenômeno que afetou o latim vulgar: a perda da duração das vogais.

As vogais do latim clássico *a*, *e*, *i*, *o*, *u* possuíam uma característica fonológica capaz de distinguir morfemas gramaticais: a *duração* ou *quantidade*. De acordo com a duração, as vogais (tanto as tônicas quanto as átonas) podiam ser *longas* ou *breves*. Pela quantidade, *os* (*o* breve) era *osso* e *os* (*o* longo) era boca. Também não se confundiam, por exemplo, *rosa* em nominativo (*a* breve) de *rosa* no ablativo (*a* longo).

É certo, no entanto, que essa oposição quantitativa se perdeu no latim vulgar. Meyer-Lübke¹ afirma que a quantidade foi substituída pela qualidade ou timbre durante o séc. I d.C.. Ou seja, as vogais longas (com exceção de *a*) pronunciavam-se como fechadas e as breves como abertas.

A pronúncia das breves como abertas e das longas como fechadas, associado ao fenômeno da perda da quantidade, levou a uma aproximação entre o *e* (longo) de *legetis* e *i* (breve) de *legitis*, pois esses dois fonemas convergiram a um som de *e* fechado. Paralelamente, o *u* breve e *o* longo confluíram no latim vulgar para *o* fechado. Todavia essa situação, ainda que seja a mais extensa de todas (pois compreende a Ibero-România (português, espanhol, catalão) a Galo-România (dialetos réticos), a Ítalo-România (com exceção da Sardenha e do sul e leste da Lucânia) e a antiga Dalmácia), não ocorreu em toda România. Segundo alguns estudiosos, entre os quais Lausberg, em toda a România distinguem-se quatro sistemas vocálicos, segundo outros, três. Seja como for, o fenômeno que encontramos neste exemplo da *Peregrinatio* faz parte do sistema vocálico mais abrangente, chamado “itálico” ou do latim vulgar”.

Capítulo 20

⁹⁷ *qui ubi habebat*: com base no sentido que tem aqui, interpretamos este *qui* como *quisque*, *quaque*, *quidque* ou *quicque* - “cada um”, “cada uma”. Corrobora esta análise o fato de sabermos que no latim vulgar, *quisque* perdeu a enclítica *que*. Possivelmente isto se deve ao fato de que no latim clássico *quisque* declinava-se como *quis*, ficando a enclítica invariável.

⁹⁸ *si scio*: em latim, o emprego do verbo nas orações condicionais varia de acordo com o grau de possibilidade de acontecer o que é expresso pela oração condicional. Isto é, ao fato de exprimir um “caso real”, um “caso potencial” ou um “caso irreal”. No “caso real” enuncia-se a condição e a conseqüência como *reais*. Emprega-se qualquer tempo do modo indicativo na condicional e na principal, como em *si hoc dicis, erras* (“se dizes isto, erras”). No caso potencial, a condição e a conseqüência exprimem uma possibilidade. O tempo da condicional e da principal neste caso é o presente do subjuntivo e, mais raramente, o perfeito do subjuntivo - *Si hoc dicas, erres* (“Se disseres isto, errarás”). No “caso irreal” a condição é expressa como *não sendo real*, e por isso a conseqüência não o é. O tempo empregado na condicional e na principal é o imperfeito do subjuntivo, quando se trata do presente, o mais-que-perfeito do subjuntivo, quando se trata do passado - *Si hoc diceres, errares*: (“Se dissesses isto, errarias”); *Si hoc dixisses, erravisses* (“se tivesses dito isto, terias errado”).

No período *Et ille ait: dic filia, quod uis, et dicam tibi, si scio*, a oração *si scio* é uma condicional potencial, em que a condição e a conseqüência são indicadas como possíveis ou prováveis. Ambas as orações *condicional* ou *protase* e *condicionada* (*principal*) ou *apódose*

¹ *apud* Silvio Elia *op. cit.* pp. 157-8.

deveriam estar, à maneira do latim clássico, no presente do subjuntivo. Etéria usa na principal o futuro do indicativo (*dicam*) e o presente do indicativo na subordinada condicional (*scio*).

⁹⁹ *fabulas*: *fabula* é um termo do latim popular, relacionado ao verbo *fabulari* do latim clássico, que no latim vulgar deixou de ser de ponte e se tornou *fabulare*, com morfologia de voz ativa. Em português, derivam respectivamente de *fabula* e *fabulare* o substantivo *fala* e o verbo *falar*.

Capítulo 21

¹⁰⁰ *sancta ecclesia*: igreja santa ou igreja tornada sagrada (= consagrada).

Capítulo 23

¹⁰¹ *illa*: temos aqui um exemplo do demonstrativo *illa* sendo usado como pronome pessoal, *ela*.

Capítulo 3

Descrição e classificação das construções que exprimem lugar

Este capítulo é uma tentativa de classificação morfossintática do *corpus* das construções de lugar na *Peregrinatio*. A classificação não visa a um trabalho exaustivo: restringe-se aos quatro primeiros capítulos da obra. Porém, é razoavelmente abrangente, cobrindo a maior parte das construções de lugar encontradas ao longo de todo o texto.

Para que seja compreendido o trabalho de análise, convém definirmos que termos serão tratados por *pronome relativo*, *pronome demonstrativo* e *pronome indefinido*.

Seguindo a tradição da didática do latim, assumimos que existem seis pronomes demonstrativos: os demonstrativos propriamente ditos 1) *hic, haec, hoc* (“este”, “esta”, “isto”); 2) *iste, ista, istud* (“esse”, “essa”, “isso”); 3) *ille, illa, illud* (“aquele”, “aquela”, “aquilo”) e os pronomes 4) *is, ea, id* (“o”, “a”, “aquele, aquela, aquilo ... que”), que é um pronome anafórico; 5) *idem, eadem, idem* (“o precisamente ... que”, “aquele mesmo ... que”), que é propriamente um pronome de identidade, e 6) *ipse, ipsa, ipsum* (“o mesmo, o próprio”), que é um pronome intensivo.

O pronome relativo latino é *qui, quae, quod* (“que”, “qual”, “quem”), dele derivando-se os indefinidos (citados somente os que aparecem no *corpus*) *aliquis, aliqua, aliquid/aliquod* (“alguém”, “alguma coisa”) e *quidam, quaedam, quiddam/quoddam* (“um certo”, “algum”) e etc.

Definimos como adjetivos pronominais *alius, alia, aliud*, (“outro” e etc); *alter, altera, alterum* (“um dos dois”, “outro” e etc); *totus, tota, totum* (“todo”, “inteiro” e etc) e *nullus, nulla, nullum* (“nenhum”, “nada” e etc).

3.1 Classificação morfológica e sintática

3.1.1 Classificação dos locativos pela sua estrutura interna

Sintagmas Preposicionais [P + SN]

- P + [Adj + N]
 - (2,7) nisi ad propriam radicem illius [scilicet: montis] ueniris (...)
 - (4,1) (descendere) in alio monte (...)
- P + [N + Adj]
 - (15) (...) ubicumque ad loca sancta ueniebamus (...)
 - (3,1) (...) donec peruenias ad radicem propriam illius mediani [scilicet: montis]
- P + [N]
 - (1,1) trans uallem apparebat mons sanctus Dei Syna.
 - (2,1) (uallis) iacens subter latus montis Dei
 - (2,2) locutus est ei Deus de rubo (...)
 - (2,3) (...) et inde totum per media uallem ipsam, qua iacet in longo, rediremus ad iter cum hominibus Dei
 - (2,4) plecaremus nos ad montem Dei
 - (2,3) descendentes a monte Dei
 - (2,1) Moyses ascendit in montem Domini
 - (2,4) locus ubi uenientes a Faran feceramus orationem
 - (2,5) (mons) (...) per giro quidem unus esse uidetur (...)
 - (2,6) (montes) qui per girum sunt (...)
 - (3,2) quia prorsus nec in sella ascendi poterat (...)
 - (3,7) (Moyse) ascendisset in montem Dei
 - (3,4) et peruenissemus ad hostium ipsius ecclesiae (...)
 - (3,6) iam ut exiremus de ecclesia (...)
 - (3,6) (montes) qui per giro sunt (...)
 - (3,7) egressi sumus foras hostium ecclesiae (...)
 - (4,2) spelunca ubi latuit sanctus Helias inde in hodie ibi ostenditur ante hostium ecclesiae
 - (4,4) (locus) in medio ibi quasi altarium de lapidibus factum habet.
 - (4,5) Necesse erat (...) ad uallis illius caput exire
 - (4,7) peruenimus ad rubum (...)
 - (4,8) facta est oratio in ecclesia et in horto ad rubum (...)
 - (4,8) gustauimus nobis in horto ante rubum
- Preposição incorporada ao verbo + N]
 - (2,4) (...) iter sic fuit, ut per medium transuersarem caput ipsius uallis (...)

- P + [N + demonstrativo]
 - (1,2) Habebat autem de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia tantum per ualle illa (...)
 - (2,3) et inde totum per mediam uallem ipsam (...) rediremus
 - (3,2) peruenimus in summitatem illam
 - (3,4) monachi qui commorabantur iuxta montem illum
- P + [N + pro. indef.]
 - (3,1) (...) et peruenientes ad monasteria quaedam
- P + [pro. indef. + N]
 - (1,1) Interea ambulantes peruenimus ad quendam locum
- P + [dem. + N]
 - (1,2) In eo ergo loco cum uenitur (...)
 - (1,2) quando de eo loco primitus uidetur mons Dei
 - (1,2) Habebat autem de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia tantum per ualle illa
 - (2,2) (lapis) ... stat in ipso loco
 - (2,2) Nobis ita erat iter ut (...) ad illud caput uallis descenderemus
 - (2,3) singula loca (...) per ipsam uallem ostendebant
 - (2,4) Nobis ergo euntibus ab eo loco
 - (3,2) in eo id est loco, ubi descendit maiestas Domini
 - (3,2) in eo ergo loco est nunc ecclesia
 - (3,4) cum (...) persubissemus in ipsa summitate
 - (3,4) presbyter (...) integer (...) et qualis dignus est esse in eo loco
 - (3,5) in ipsa summitate (...) nullus commanet (...)
 - (3,6) (poma) quae in ipso monte nascuntur (...)
 - (3,6) quasi ex ipsius montis terra aliquos fructus capiant (...)
 - (3,8) quia de eo loco, ubi stabamus (...) infra nos uidebantur esse illi montes (...)
 - (4,1) descendere ab ipsa summitate (...)
 - (4,4) accessimus (...) ad eum loco (...)
 - (4,4) In eo ergo loco, licet et tectum non sit (...) tamen petra ingens est
 - (4,6) (erant) monasteria plurima in eo loco (...)
 - (4,7) (rubus) qui est in eo loco (...)

(4,7) ante ipsam (autem) ecclesiam (...) hortus est gratissimum

(4,8) Et in eo ergo loco cum peruenissemus (...)

- P + [demonstrativo]

(2,6) (mons) (...) ut cum subissemus in illo (...)

(3,6) prope radicem montium ipsorum, id est seu circa [sc.radicem] illius, qui medianus est, seu circa [sc.radicem] illorum, qui per giro sunt, modica terrola est

- P + [relativo + N]

(2,2) in cuius capite locus est

(4,7) in quo horto ipse rubus est

- P + [N + pronome possessivo]

(3,4) ecce et occurrit presbyter ueniens de monasterio suo (...)

- P + [pronome pessoal]

(2,6) tanto altior est omnibus illis, ut cum subissemus in illo, prorsus toti illi montes, quos excelsos uideramus, ita infra nos essent ac si colliculi per modici essent.

(3,8) subter nos uidebamus esse illi montes

(3,8) infra nos uidebantur esse illi montes

- P + [pronome reflexivo]

(4,4) (In eo ergo loco) habens planitiem supra se

- P + [relativo]

(1,1) (montes) inter quos ibamus

(2,9) (mons) (...) in quo descendit maiestas Dei (...)

(3,4) (uallis) in qua factus est uitulus

(4,4) (planitie) in qua stetisse dicuntur ipsi sancti (...)

(4,7) (rubus) de quo locutus est Dominus (...)

Sintagmas Nominais (SN) não preposicionados

- N

(4,8) gustauimus nobis loco in horto

Relativos

(1,2) (locus) quo sunt memoriae concupiscentiae.

(4,5) (...) sed non ipsa parte exire habebamus, qua intraueramus

Relativo + preposição incorporada ao verbo

(4,5) perexiremus montes ipsos, quos ingressi fueramus pridie sera

P + advérbio

(2,7) (...) de contra illum uides (...)

Advérbios

(1,1) ubi se tamen montes illi (...) aperiebant (...)

(1,2) ubi se montes aperiebant (...)

(2,3) Et quoniam nobis ita erat iter, ut prius montem Dei ascenderemus, qui hinc paret, quia unde ueniebamur melior ascensus erat, et illinc denuo ad illud caput uallis descenderemus, id est ubi rubus erat, quia melior descensus montis Dei erat inde: itaque ergo hoc placuit, ut uisis omnibus quae desiderabamus, descendentes a monte Dei, ubi est rubus ueniremus, et inde totum per mediam uallem ipsam (...)

(2,4) Nobis euntibus ab eo loco, ubi uenientes a Faran feceramus orationem

(2,5) (locus) ubi descendit maiestas Dei (...)

(2,7) (...) descenderis inde (...)

(2,7) et postquam ibi perueni (...)

(3,1) (...) susceperunt nos ibi satis humane monachi, qui ibi commorabantur (...) nam et ecclesia ibi est cum presbytero. Ibi ergo mansimus (...) et inde (...) cum ipso presbytero et monachis, qui ibi commorabantur (...)

(3,2) peruenimus in summitatem illam montis Dei sancti Syna, ubi data est lex, in eo id est loco, ubi descendit maiestas Domini (...)

(3,4) (monachi) qui ibi commorabantur (...)

(3,5) nichil enim est ibi aliud nisi sola ecclesia et spelunca, ubi fuit sanctus Moyses.

(3,7) (...) ubi fuit sanctus Moyses (...)

(3,8) (...) quia de eo loco, ubi stabamus (...)

(3,8) (...) subter nos inde uidebamus (...)

(4,1) (...) ibi enim est ecclesia.

(4,2) Nam hic est locus Choreb, ubi fuit sanctus Helias propheta, qua fugit a facie Achab regis, ubi ei locutus est Deus dicens: *quid tu hic Helias?* (...) Nam et spelunca, ubi latuit sanctus Helias, in hodie ibi ostenditur ante hostium ecclesiae, quae ibi est; ostenditur etiam ibi altarium lapideum (...)

(4,3) Fecimus ergo et ibi oblationem

(4,4) Facta ergo et ibi oblatione accessimus denuo ad alium locum non longe inde ostendentibus presbyteris uel monachis, id est ad eum locum, ubi steterat sanctus Aaron (...) nam et in medio ibi quasi altarium de lapidibus factum habet. Lectus est ergo et ibi ipse locus de libro Moysi (...) ac sic facta oratione descendimus inde.

(4,5) (...) loca omnia sancta ambulare et monasteria, quaecumque erant ibi (...)

(4,6) (...) quoniam ibi erant monasteria plurima sanctorum hominum et ecclesia in eo loco, ubi est rubus (...)

(4,7) (...) qui est in eo loco, ubi monasteria sunt plurima (...)

(4,8) Locus etiam ostenditur ibi iuxta, ubi stetit sanctus Moyses (...)

(4,8) ac sic ergo fecimus ibi mansionem. Et alia die maturius uigilantes rogauimus presbyteros, ut et ibi fieret oblatio (...)

Neste capítulo, de caráter tipicamente distribucional e descritivo, apresentam-se sublinhados os elementos que indicam lugar. Alguns deles são advérbios, como *ubi*, *ibi*, *hinc*, *inde*, mas a maioria são sintagmas preposicionais (os nomes, quando já referidos, aparecem como pronomes demonstrativos e relativos).

Como pode ser observado, o que há de comum entre as diferentes estruturas dos sintagmas preposicionais é que o seu núcleo, a preposição, observa a sua propriedade de requerer um sintagma nominal como complemento.

Algumas construções preposicionais da *Peregrinatio* se destacam porque poderiam ser encaradas como variações dentro desse esquema básico:

(I) sintagmas nominais sem núcleo realizado lexicalmente:

(3,6) *prope radicem montium ipsorum, id est seu [circa illius], qui medianus est, seu [circa illorum], qui per giro sunt, modica terrola est*

onde, nos sintagmas preposicionais *circa illius* e *circa illorum*, há elipse de *radicem*, nome que é semanticamente núcleo dos sintagmas nominais (*illius radicem / illorum radicem*);

(II) sintagmas em que a preposição está incorporada ao verbo:

(2,4) *iter sic fuit, ut per medium transuersarems caput ipsius uallis;*

(4,5) *perexiremus montes ipsos;*

onde caberia a pergunta se a presença da preposição junto ao verbo pode assegurar, como nestes exemplos, o uso do caso regido pela preposição.

Repare-se que em (2,4) há interpolação do verbo dentro do sintagma nominal.

(III) sintagma em que funciona um adjetivo relativo:

(4,7) [*in quo horto*] *ipse rubus est.*

Confusão no emprego dos casos e preposições

As preposições mais usadas nas circunstâncias de lugar são *ad*, *in*, *a*, *de*, *per*, *trans*, *iuxta*. *Ad*, *per*, *trans*, *iuxta* e *circa* regem somente acusativo; *in* rege acusativo e ablativo e *de* e *a* só ablativo.

Etéria sabe quais preposições regem acusativo e quais regem ablativo, só que às vezes aparecem algumas confusões. Vejamos algumas:

Em (2,5) temos *per giro* e um pouco depois, em (2,6), *per girum*.

Na confusão entre essas construções, *giro* e *loco* possivelmente não são o que aparentemente demonstram ser, ou seja, ablativos, mas acusativos sem o *m* final, conforme Väänänen (1937:205) e Maurer Jr. (1959:89).

De um modo geral, podemos dizer que Etéria sabe declinar os nomes, sejam eles regidos por verbos ou preposições. O sistema casual da *Peregrinatio* ainda está bem firme, assim como o da morfologia verbal. Porém, ela comete alguns enganos, sugerindo que a língua está passando por um período de mudança, de convivência de duas variantes (ou talvez ainda possamos dizer que ela tem uma língua (no sentido de gramática) interiorizada que difere da gramática do latim clássico.

Os nomes em grego, transplantados para o alfabeto latino, como *Moyses*, Etéria sabe decliná-los. Mas existem outros de origem semita que nem sempre fica claro em que caso morfológico se encontram. Destes sabemos só quando Etéria usa ou não a preposição. São eles: *Faran*, *Salem*, *Gessen*, *Ramessen*, *Enon*. Trataremos novamente deste problema em 4.2.1.

Confusão no emprego dos advérbios

Merece comentário o advérbio *ibi* tal como está sendo usado nas orações abaixo.

(2,7) *et postquam ibi perueni*

(3,4) (*monachi*) qui ibi commorabantur

Em (2,7), *ibi*, advérbio que responde à pergunta *ubi*, está no lugar de *eo*, que responde à pergunta *quo*.

A ampliação do uso de *ibi* abrangendo também verbos de movimento e desta forma tomando o lugar de *eo*, deve-se grandemente ao fato de que muitos advérbios possuem o inconveniente de apresentarem a mesma morfologia que o ablativo dos pronomes dos quais derivam. Isso tem lugar não só com *eo*, mas também com *ea*, *eodem*, *eadem*, *hac* e *quo*. Podemos acrescentar ainda o advérbio *hic*, que se confunde com o nominativo do pronome do qual deriva.

Problema semelhante será comentado em 4.1, onde veremos que não há nenhum substantivo latino que se distinga morfologicamente quando declinado em cada um dos *casos*.

A confusão entre as questões *ubi* e *quo* interessa também à sintaxe e será retomada em 4.2.2.

O objetivo deste capítulo foi assinalar as diversas possibilidades de estruturação dos constituintes que exprimem lugar. Cabe, porém, ressaltar que as ocorrências de (1,2) e (4,5), repetidas abaixo, admitem uma interpretação diferente da que lhes foram atribuídas.

Em (1,2)

habebat autem de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia tantum per ualle illa

illa foi classificado como pronome demonstrativo. Todavia, nesta ocorrência, *illa* não pode ser interpretado como o demonstrativo do latim clássico *aquela*, *aquela*, *aquilo*. Percebe-se que o seu uso aqui é o de artigo definido, o mesmo das línguas românicas, que, de fato, tem aí sua origem.

Em (4,5)

sed non ipsa parte exire habebamus, qua intraueramus

qua comporta duas interpretações: a de relativo - “na qual” (classificação atribuída), e a de advérbio - “por onde”.

Ao finalizarmos este capítulo, cabe levantar uma pergunta, que, aliás o leitor poderá ter-se feito: há recursos morfológicos que possam tornar visível a função sintática e semântica dos adjuntos de lugar?

Como resposta a esta pergunta, poderíamos pensar no papel dos casos e das preposições como possíveis candidatos. Mas, como no emprego dos casos e das preposições, a

tradicional separação de morfologia e sintaxe em áreas distintas é, até certo ponto, um recurso didático. o papel desses elementos será retomado na sintaxe. Agora, se os casos e as preposições poderão definir na sintaxe o caráter de complemento ou adjunto de lugar, só vendo.

Capítulo 4

Descrição contrastiva: latim clássico versus latim da *P.A.*

4.1 Sintaxe do complemento de lugar no latim clássico

Antes de iniciarmos o tema deste capítulo, retomaremos os casos e as declinações do latim clássico.

O latim exprime a função do nome na frase por meio de *casos*, termo derivado do verbo *cadere*, que traduz ou decalca a palavra grega “ptôsis” e significa “queda” ou “desvio”.

A variação de formas de um nome de acordo com a sintaxe da língua foi vista como um desvio de sua forma “normal”, representada pelo nominativo. Cada um dos *casos*, de que em latim tradicionalmente se reconhecem seis (*nominativo, acusativo, genitivo, dativo, ablativo e vocativo*), exprime um conjunto de funções sintáticas do nome na frase e representa desse modo noções ou relações semânticas.

Insuficiências da flexão casual

Os paradigmas tradicionais de declinação estabelecem seis casos porque este é o número mínimo de distinções morfológicamente relevantes para que se possam estabelecer regras de formação capazes de dar conta de todos os paradigmas nominais, tanto no singular como no plural. No entanto, não há nenhum substantivo latino que se distinga morfológicamente em todos os casos. Excetuados apenas os nomes em *us* e *ius* da segunda declinação, que tem o vocativo diverso do nominativo, e isso apenas no singular (cf. *lupus, lupe*), os demais nomes dessa e das outras declinações têm o vocativo e o nominativo iguais, no singular e no plural. Se todos os nomes se declinassem como *templum*, seria desnecessário estabelecer diferença entre o nominativo, o vocativo e o acusativo ou se todos se declinassem como *vir*, não seria necessário estabelecer distinção entre o ablativo e o dativo. Mas como não é assim, dentro do esquema tradicional de classificação torna-se possível fazer generalizações como: “o caso da posse” é o genitivo (*puellae, viri*); o objeto indireto se constrói com o dativo (*puellae, viro*); a preposição *a* rege o ablativo (*a puella, a viro*), etc. Contudo, esse princípio não se

aplica ao “lugar onde”, porque ele pode ser construído com a preposição *in* + o ablativo, com o antigo caso locativo, e com o ablativo sem preposição. Isso mostra claramente que construções sintáticas equivalentes na função podem ser realizadas por palavras ou sintagmas que se classificam diferentemente. Nem sempre este fato não é dito claramente na didática tradicional do latim.

Os advérbios latinos e as expressões de lugar

As expressões de lugar no latim clássico correspondem (e respondem) aos quatro advérbios *ubi* (onde), *unde* (de onde), *quo* (para onde) e *qua* (por onde).

● LUGAR DE ONDE = UNDE

O *lugar de onde* em latim clássico é expresso pelo caso *ablativo*, que em latim, engloba três antigos casos do indo-europeu: o ablativo propriamente dito, o instrumental e o locativo.

Responde à pergunta *unde* o *ablativus casus*, que é o *ablativo propriamente dito*, derivado do verbo *auferre* que significa “levar”, “tirar”, “tomar”, etc, cuja função primordial é indicar o ponto de partida, mas também a extensão e a separação.

Ligam-se ao ablativo propriamente dito as preposições *ab*, *de* e *ex*.

● *A* ou *ab* + ablativo

Expressa em geral o afastamento de um lugar, em oposição a *ad*. Mais especificamente, *a* e *ad* indicam um movimento onde a direção é a mesma, mas os sentidos são diferentes.

A designa um movimento que parte das cercanias de um lugar ou objeto como em: *a signo Vortumni uenire* (Cíc., *Ver.* I, 154) “vir (de perto) da estátua de Vertumno.”

● *Ex* ou *e* + ablativo

Caracteriza um movimento que parte de um lugar ou do próprio objeto:

e castris erumpere (Cés., *B.G.* 3, 5, 3) “sair violentamente fora do acampamento.”

Ab e *ex* opõem-se da mesma maneira que *ad* e *in*, como veremos adiante.

● *De* + ablativo

Caracteriza um movimento de cima para baixo, mas também proveniência, afastamento, tal como em

decidere de lecto (Plauto) “cair da cama”

e

(...) *ut de finibus suis exirent* (B.G. 1,2,2) “a que saíssem de suas fronteiras”

Dentre as construções de ablativo preposicionado com *ab*, *ex*, *de*, a construção com *de* foi a mais resistente, por sua inicial consonântica, cobrindo as outras formas com *ab* e *ex*. De fato, o estudo do latim vulgar da *Peregrinatio* revela uma maior incidência de *de* sobre *ab* e *ex*. Sabe-se que, na língua falada, *de* suplantou as duas outras preposições (cf. Ernout-Thomas (1964:80)). O testemunho das línguas românicas, onde apenas *de* sobreviveu, comprova que esta preferência se manteve.

Sendo o complemento um nome de cidade ou ilha pequena, usa-se o ablativo sem preposição:

Dionysius, postquam Syracusis expulsus est, Corinthum se contulit.

Caesar Roma profectus est.

Seguem a regra dos nomes de cidades os substantivos *humus*, *rus*, e *domus*, podendo-se a este último acrescentar o genitivo do possuidor ou um adjetivo, que indica o possuidor. Exemplos:

Humo se tollere.

Rure uenit.

Domo Ciceronis, domo mea venio.

• LUGAR ONDE = UBI

O lugar *onde* quase sempre vem expresso pelo ablativo (também chamado “ablativo-locativo”) com as preposições *in* e *sub*, sem a idéia de movimento, em oposição ao acusativo.

Cíc., *Ver.* 5, 27: *coronam habere in capite.*

Cíc., *N.D.* 2, 95: *sub terra habitare.*

Cés., *B.G.* 1, 21, 1: *sub monte consedere.*

Na expressão do lugar *ubi* existem ainda resquícios do antigo caso locativo, quase sempre indicando topônimos. Os principais exemplos são com nomes de cidades e também de pequenas ilhas. Apresenta desinências em *ae* e *i*, que se confundem com o genitivo, para os nomes que pertencem à primeira e segunda declinação: *Romae*, *Tarenti*. Porém, se o nome é plural e da primeira ou segunda declinação, como *Athenae*, o lugar “onde” corresponde ao ablativo em preposição: *Athenis*. Nas demais declinações, a desinência é igual a do ablativo, como por exemplo, *Carthagine*.

Existem ainda palavras isoladas no caso locativo que sobreviveram: *domi*, *humi*, *ruri*, *duelli* (= *belli*), *militiae*, *uiciniae*.

Virg. *Ae.* 5, 481: *procumbit humi.*

- **LUGAR PARA ONDE (QUO)**

- **Acusativo de movimento**

É com o *acusativo de movimento* que se responde à pergunta *para onde*. Designa o termo sobre o qual se dirige o movimento e, se bem que usualmente venha acompanhado de preposição, quando o complemento é um nome de *cidade* ou de *ilha pequena* este vai para o acusativo sem preposição:

Cíc. *Navigare Syracusas*: navegar para Siracusa.

Seguem essa regra os nomes de cidades e os substantivos *rus* e *domus*.

Exemplos:

Rus, domum ibo: irei para o campo, para casa.

Eo domum Pompei, domum meam, alienam: vou à casa de Pompeu, à minha casa, à casa alheia.

- **Acusativo preposicionado**

- *IN* + ACUSATIVO indica movimento com entrada no lugar.

- *AD* + ACUSATIVO indica movimento às cercanias de um lugar - movimento *até*.

Exemplos:

Cés., *B.G.* 5, 50, 4: *equitatus ad castra accedit*: “a cavalaria se aproximou do acampamento.”

Cés., *B.G.* 1, 10: *(Caesar) ipse in Italiam magnis itineribus contendit*: “(César) ele próprio se dirige à Itália com marchas forçadas.”

- **LUGAR POR ONDE = QUA**

O lugar por onde se passa é construído com acusativo e vem geralmente acompanhado da preposição *per*.

Cés., *B.G.* (1,11): *Helvetii iam per angustias et fines Sequanorum suas copias transduxerant* “Já os helvécios tinham feito passar as suas tropas pelos desfiladeiros e pelos territórios dos séquanos”.

As determinações de lugar que se podem também considerar como designação de meio ou de causa, exprimem-se pelo simples ablativo. Isso tem lugar, principalmente, quando se fala de *caminho, rio, ponte, porta, etc.*, onde ou por onde se executa um movimento. Na verdade, este é o *ablativo instrumental*, que indica meio de passagem. Exemplos:

Tiberi Romam uenire: “vir a Roma pelo Tibre”.

Mari Aegaeo nauigare: “navegar no mar Egeu”.

Lupus Esquilina porta Romam ingressus est: “um lobo entrou em Roma pela porta Esquilina”.

Diversis itineribus ire: “ir por diversos caminhos”.

Via Appia profectus est: “saiu pela via Ápia”.

Com os nomes de cidades, usa-se igualmente o ablativo sem preposição, tal como já vimos acontecer em outras questões de lugar.

Exemplo:

Patauio iter facere: “passar por Pádua”.

Talvez seja oportuno apresentar em tabelas, para fins de melhor visualização e compreensão do conjunto, os tipos de construções que exprimem lugar que respondem às perguntas *ubi*, *unde*, *quo* e *qua*.

Na tabela 4.1 temos as referidas questões de lugar expressas por meio de casos e preposições¹. Na tabela 4.2 encontram-se as mesmas questões de lugar respondidas por meio de advérbios².

¹Esta tabela foi adaptada a partir da que se encontra em Ernout-Thomas (1964:106).

²Esta tabela foi retirada de Faria (1945:236).

Perguntas	Construções empregadas
<i>ubi</i> : onde? - sem movimento	-locativo: <i>domi, Romae, Tarenti</i> . -ablativo-locativo: <i>Athenis, Formiis, loco aperto; in urbe esse, sub colle consedere</i> . -ablativo-instrumental: <i>continere aliquem castris</i> . -preposições empregadas com o ablativo ou o acusativo sem consideração de valor desse último: <i>apud Caesarem cenare; ad exercitum manere; stare prae (pro) castris; ante portas; etc.</i>
<i>quo</i> : para onde? - com movimento	-acusativo: <i>Romam, domum ire. ad exercitum, in urbem proficisci; sub noctem</i> . -dativo: <i>appropinquare urbi. it clamor caelo</i> (poético).
<i>unde</i> : de onde?	-ablativo propriamente dito: <i>Roma, domo, venire; ab urbe discedere, ex urbe proficisci, de muro deicere</i> .
<i>qua</i> : por onde?	-ablativo instrumental: <i>via Appia profectus est</i> . -per + acusativo: <i>per fines Sequanorum iter facere</i> .

Tabela 4.1: Questões de lugar expressas por meio de casos e preposições

Os advérbios de lugar em latim podem ser divididos em dois grupos: os que se derivam de pronomes demonstrativos, e os que não se derivam de pronomes.

Na tabela que se segue daremos os pronomes e ao lado os advérbios deles derivados:

Demonstrativos	<i>ubi</i>	<i>unde</i>	<i>quo</i>	<i>qua</i>
<i>hic</i>	<i>hic</i> : aqui	<i>hinc</i> : daqui	<i>huc</i> : para cá	<i>hac</i> : por aqui
<i>iste</i>	<i>istic</i> : aí	<i>istinc</i> : daí	<i>istuc</i> : para aí	<i>istac</i> : por aí
<i>ille</i>	<i>illic</i> : lá	<i>illinc</i> : de lá	<i>illuc</i> : para lá	<i>illac</i> : por lá
<i>is</i>	<i>ibi</i> : aí	<i>inde</i> : daí	<i>eo</i> : para aí	<i>ea</i> : por aí
<i>idem</i>	<i>ibidem</i> : aí mesmo	<i>indidem</i> : daí mesmo	<i>eodem</i> : para aí mesmo	<i>eadem</i> : por aí mesmo
<i>alius</i>	<i>alibi</i> : em outro lugar	<i>aliunde</i> : de ou- tro lugar	<i>alio</i> : para outro lugar	<i>alia</i> : por outro lugar
<i>aliquis</i>	<i>alicubi</i> : em al- gum lugar	<i>alicunde</i> : de al- gum lugar	<i>aliquo</i> : para al- gum lugar	<i>aliqua</i> : por al- gum lugar
<i>quisquis</i>	<i>ubiubi</i> : em qq. lugar que	<i>undique</i> : de qq. lugar	<i>quouis</i> : para qq. lugar	<i>quavis</i> : por qq. lugar
<i>siquis</i>	<i>sicubi</i> : se em al- gum lugar	<i>sicunde</i> : se de algum lugar	<i>siquo</i> : se para algum lugar	<i>siqua</i> : se por algum lugar
<i>nequis</i>	<i>necubi</i> : para que em lu- gar nenhum	<i>necunde</i> : para que de nenhum lugar	<i>nequo</i> : para que para nenhum lugar	<i>nequa</i> : para que por nenhum lugar

Tabela 4.2: Questões de lugar expressas por meio de advérbios

Passaremos a mencionar os advérbios de lugar que não se derivam de pronomes, dos quais alguns aparecem na *Peregrinatio*:

cominus “de perto”, *deorsum* “para baixo”, *dextra* “à direita”, *eminus* “de longe”, *foras* “para fora”, *foris* “fora”, *intro* “dentro”, *introrsum* “para dentro”, *nequaquam* “por nenhum lado”, *obuiam* “ao encontro”, *procul* “longe”, *prope* “perto”, *prorsum* “para diante”, *quaquam* “por qualquer lugar”, *retrorsum* “para trás”, *retro* “atrás”, *sursum* “para cima”, *sinistra* “à esquerda”, *ubiuis* “em qualquer lugar”, *ubique* “em toda a parte”, *undique* “de toda parte”, *utrinque* “de ambas as partes”.

Algumas observações devem ser feitas no fechamento desta seção:

As questões *ubi* (lugar onde se está) e *quo* (lugar para onde se vai) são duas noções distintas mas que acabaram se confundindo. Encontramos não só no latim vulgar da *Peregrinatio*, como veremos adiante, mas também no latim dos comediógrafos, chamado de “latim arcaico” (que também apresenta vulgarismos)³ e até mesmo nos clássicos, dificuldades no

³Veja-se o cap. I desta dissertação.

reconhecimento dessas distinções.

Confusão entre os lugares *ubi* e *quo*

A gramática do latim clássico admitia, em certos contextos, em particular com *totus*, o uso do ablativo com verbos de movimento:

Cícero, *Ph.* II,6: *tota Asia uagatur (=per totam Asiam)*.

Inversamente, admitia o acusativo de direção com verbos de repouso:

esse in potestatem, esse in mentem (Pl. *Am.* 180; Ter. *Haut.* 986; *Ad.* 528).

A hesitação da língua se marca sobretudo junto aos verbos que indicam um estado resultante de um movimento. Com verbos do tipo *ponere, locare, collocare, figere, statuere, constituere, etc.*, e mesmo *abicere, eicere* em latim, usualmente constróem-se com ablativo precedido da preposição *in*:

Ter., *Eu.* 593: *eam in lecto illae conlocarunt*;

Cíc., *De Or.* I, 28: *ut se abiceret in herba*.

Com outros verbos, ao contrário, é o movimento em si mesmo ou o trajeto que é visado, e o complemento aparece em acusativo:

Cíc., *Sest.* 26: *cum incredibilis in Capitolium multitudo ... conuenisset*;

Cés., *B.G.* 2,5,4: *copias in unum locum coactas*.

Para confundir mais ainda as questões *ubi* e *quo*, certos verbos admitem uma grande diversidade de construções. Por exemplo, *condere*:

in + acusativo: Pl., *Au.* 347: *in puteum condite*;

in + ablativo: Pl., *Ps.* 941: *in pectore condita sunt*;

in + ablativo: Virg., *G.* 4,473: *in foliis auium se milia condunt*;

ablativo instrumental: En., *A.* 139: *condebant membra sepulcro*;

locativo: Virg., *Ae.* 10,558: *condet humi*.

Temos ainda um emprego do locativo com verbo de movimento:

Plauto, *Ep.* 361: *adueniens domi*.

Em face de todos esses exemplos que mostram a intersecção das questões *ubi* e *quo* no latim clássico e arcaico, não é de se estranhar o que a mesma confusão exista na *Peregrinatio*, só que em proporções bem maiores.

Em 4.1 falamos que o ablativo latino é o resultado de três casos do indo-europeu: o ablativo propriamente dito, o locativo e o instrumental. Dissemos também que nesta fusão,

que se costuma denominar “sincretismo”, as preposições ocupam um papel de destaque. Tal afirmação se liga à concepção de que as preposições especificam os casos, oposta à outra concepção de que as preposições regem os casos.

Nos sintagmas preposicionais do latim estão presentes duas marcas funcionais ou relacionais: a terminação do caso e a preposição. Conseqüentemente, as preposições não podem ser consideradas com o mesmo estatuto tal como quando aparecem em línguas sem casos morfológicos. Nessa discussão, como dissemos, duas hipóteses estão presentes: ou (i) as preposições regem os casos, ou (ii) as preposições especificam os casos. Seja como for, esse é um problema que continua em aberto. Nele ainda se encontra embutido um outro, igualmente em aberto: as preposições possuem ou não conteúdo semântico dentro do sintagma preposicional?

Existem alguns poucos trabalhos voltados a esses problemas, entre os quais os de Luraghi (1989) e Pinkster (1972), sobre o latim clássico, e Demonte (1990), sobre o espanhol europeu. Estes trabalhos não serão explorados aqui, mas a relação entre os casos e as preposições será retomada na próxima seção.

4.2 Sintaxe do complemento de lugar na *P.A*

No tratamento das flexões casuais muitas vezes se estabelece uma distinção entre as funções “gramaticais” e as funções “locativas”. Essa distinção está formulada na oposição que tradicionalmente se admite entre as funções mais “abstratas” ou “gramaticais” e as funções mais “concretas” ou “locativas” dos casos particulares.

Em latim as relações “concretas” (espaciais ou temporais) são expressas pelos casos acusativo e ablativo, acompanhados ou não de preposição. As funções “abstratas” ou “gramaticais” são expressas em latim, assim como outras línguas de flexões casuais, pelo nominativo (função “subjéctiva”), acusativo (função “objéctiva”), dativo (função “objéctiva indireta”), e genitivo (função “possessiva adnominal”).

Deve-se considerar que, em geral, não se pode substituir uma flexão casual “abstrata” ou uma preposição por outra, sem causar alterações importantes na sintaxe (gramaticalidade) e semântica (condições de verdade) da frase. Em latim, por exemplo, não se pode substituir um “nominativo” por um “acusativo”. Isso esclarece o que vem a ser uma função “gramatical” ou “abstrata”.

Embora a categoria de caso se restrinja à variação flexional, tanto as funções “gramaticais” como as “locativas” são independentes da maneira pela qual se realizam nas diversas línguas. Por exemplo, no latim, o caso instrumental é o “ablativo”, no grego o “dativo”, no russo o “instrumental”. Isso significa que a categoria de caso não pode ser discutida apenas do ponto de vista morfológico.

As funções “gramaticais” e “locativas” podem realizar-se, numa mesma língua, em

parte pelas flexões de caso e em parte pelas preposições. Isso é de importância particular no contexto da nossa discussão sobre a redução dos casos do latim clássico ao latim vulgar e deste para as línguas românicas.

4.2.1 A relação entre os casos e as preposições

Tradicionalmente os casos latinos são divididos em dois grupos: a) *caso reto*: nominativo (a que se pode acrescentar o vocativo); b) *casos oblíquos*: genitivo, dativo, acusativo e ablativo.

Ernout e Thomas (1964:8) menciona a questão da perda dos casos como uma tendência geral no desenvolvimento das línguas indo-européias. Parece oportuno que destaquemos aqui esse trecho:

Cette réduction du nombre (ou *synchrétisme*) de cas est un fait général du développement des langues indo-européennes. Outre ceux qui viennent d'être mentionnés [a saber os casos do latim clássico], la flexion primitive avait encore l'instrumental et le locatif, qui subsistent en sancrit, en lituanien et dans les langues slaves, mais qui en latin sont fondus avec l'ablatif proprement dit, avant l'époque historique; seules quelques formes de locatif (*belli, domi*, etc) ont conservé un emploi distinct, du rest restreint. Le grec est allé encore plus loin dans cette voie, puisqu'il a perdu également l'ablatif, de sorte que les fonctions de ablatif proprement dit, de l'instrumental et du locatif y sont réparties entre le génitif et le datif.

No latim, o caso sincrético por excelência é pois o ablativo, que agrupou três antigos casos do indo-europeu: o ablativo propriamente dito, o instrumental e o locativo. Assim, mesmo no latim clássico as preposições eram bastante utilizadas para exprimir as diversas circunstâncias que antes podiam ser expressas pela morfologia dos antigos casos instrumental e locativo (cf. 4.1).

As gramáticas do latim são unânimes em afirmar que as preposições são antigos advérbios que quando fazem parte de um sintagma nominal dão mais “precisão” e maior clareza àquilo que poderia ser dito por um simples caso ou por um sintagma nominal não preposicionado. Diz-se também nessas gramáticas que as preposições, como reforçadores casuais, intensificam as relações de complemento, mas não se esclarece o que seja uma “intensificação das relações de complemento”.

Ernout e Thomas (1964:9) trata historicamente as preposições como partículas ou advérbios *autônomos*⁴ que tornavam mais precisas as relações exprimidas pelas formas casuais⁵. Pouco a pouco, por causa de seu caráter acessório, se colocaram diante dos verbos, formando os préverbos: *ad-fero* ‘levar para’, *ex-co* ‘sair de’/‘ir de/desde’, *in-pono* ‘pôr sobre’, *sub-mitto*

⁴Grifo dos autores.

⁵Esse fato ocorria em grego nos tempos de Homero (pelo menos), pois é dele o exemplo que fornecem.

'*meter/ mover por debaixo*', ou diante de nomes como preposições: *ad eum, ex urbe, in urbe* e *in urbem, sub montem e sub monte*.

É usualmente é afirmado que as preposições no latim vulgar passaram a ser usadas com muito mais freqüência porque houve enfraquecimento morfológico dos casos latinos e confusão entre eles na sintaxe⁶.

No latim vulgar, reduz-se o sistema de declinações e de casos. Os nomes de 5ª declinação são incorporados à 1ª e os nomes da 4ª à 2ª. Quanto aos casos, pouco a pouco foram se desintegrando, reduzindo-se primeiramente a três (o nominativo, o acusativo e o dativo), depois a dois (o nominativo e o acusativo) e finalmente a um único, o acusativo (nas línguas em que vem a ser o caso formador do léxico, como o português e o espanhol).

Com a "fusão" dos casos, que tradicionalmente se chama "sincretismo", cada vez mais a preposição se fazia necessária para substituir a flexão casual perdida. Repare-se o que diz Maurer Jr. (1959:176):

Perdida a maior parte da declinação antiga, o uso dos casos não tem importância especial no latim vulgar. Demais, seria difícil delinear funções de um sistema do qual as línguas românicas, por cujo testemunho sobretudo conhecemos esse latim, quase nada nos preservaram. (...) De um modo geral, as relações antes expressas pelos casos se enunciam cada vez mais por meio de preposições.

Essa afirmação é reforçada pelo testemunho de Ernout-Thomas(1964:10-11):

Les prépositions étaient appelées à recueillir le rôle qui échappait à la flexion du fait de ses insuffisances. (...) La préposition finissait par marquer plus que le cas lui-même la fonction du nom dans la phrase. L'élément flexionnel subsistait; mais il tendait à devenir un signe superflu, dont il serait facile de se passer, lorsque les désinences, sous l'effet d'actions analogiques et phonétiques, se seraient confondues ou effacées. Enfin, la préposition gagnait les cas abstraits eux-mêmes: des tours comme dare ad aliquem ou dimidium de praeda - bien qu'évités en général par la langue littéraire - apparaissent cependant de bonne heure.

O emprego das preposições tornou-se uma necessidade quando, no latim vulgar, a perda das consoantes finais e o enfraquecimento vocálico já não distinguiam o acusativo *arbore(m)* do ablativo *arbore*. De fato, muitas formas casuais apresentavam, desde a época antiga, o inconveniente de serem totalmente iguais entre si, fato que já nos reportamos em 4.1. Como diz Maurer Jr. (1959:85), "o recurso às preposições para a expressão das relações entre as palavras já seria comum [a saber no latim vulgar] pela maior clareza que davam à frase".

Maurer Jr. (1959, 205-11) fornece uma enorme documentação sobre o emprego de preposições com os complementos circunstanciais que antes eram expressos pela sintaxe dos

⁶Ver a respeito Maurer Jr. (1959, 1962).

casos ablativo e dativo.

No que tange à *Peregrinatio*, encontra-se, por exemplo, *ad* + acusativo em lugar do dativo (17,8): *posteaquam scripserat Aggarus rex ad Dominum*.

Como conseqüência do aumento no emprego das preposições, muitas destas passaram a ter mais abrangência semântica, talvez por incorporarem algumas o sentido de outras. Por exemplo, o complemento de “procedência” era formado em latim clássico com as preposições *de*, *ex* e *ab*. No latim da *Peregrinatio* aparece, com este valor, uma maior freqüência *de*, inclusive encobrando em alguns casos *ex* e *ab*, como nos seguintes exemplos:

(3,4) *ecce et occurrit presbyter ueniens de monasterio suo*, onde *de* está no lugar de *ab*,

e

(14,1) *descendimus de animalibus*, onde *de* está no lugar de *ex*.

Outros exemplos de preposições que ampliaram seu domínio semântico podem ser encontrados em Väänänen (1937:211-12), onde há ocorrências de *ad* por *apud* em inscrições de Pompéia (séc. I d.C.); e *ad* por *aduersus/contra* é encontrado em autores cristãos como Cipriano, Tertuliano, etc.

Confusão entre os casos

Na *Peregrinatio* ocorrem expressões, tal como

(2,6) *(mons) (...) ut cum subissemus in illo*,

onde o ablativo com *in*, usado com verbos de movimento, é na verdade o acusativo sem o *m* final, conforme Väänänen (1937:205): *les ablatifs avec in impliquant l'idée de mouvement ne sont en partie qu'apparents: ce sont des accusatifs avec chute de m finale*.

Além da confusão entre o emprego dos casos ablativo e acusativo pela queda do *m* final do acusativo, por serem estes os únicos casos que admitiam regência de preposição, usar-se-ia facilmente um pelo outro (cf. Maurer Jr. (1959:86). Conseqüência desta confusão está na hesitação entre as questões de lugar *ubi* e *quo*: *la chute de m finale, ont amené une certaine confusion casuelle, ce qui aura contribué à la confusion des notions 'ubi' et 'quo'* (Väänänen, 1937:204).

Os documentos epigráficos, bem como o testemunho das línguas românicas, mostram claramente que na confusão entre o ablativo e o acusativo, este último prevaleceu. Veja-se Ernout-Thomas (1964:121):

la construction de certaines prépositions avec deux cas - laquelle n'était plus d'ailleurs qu'une survivance - tendit assez vite à être éliminée par la langue parlée. C'est le plus souvent l'accusatif qui été généralisé, apparaissant dès inscriptions de Pompéi pour *ab, cum, sine, pro: a puluinar* (C.I.L. IV, 2155), *cum discentes suos* (*ibid.*, 698), *sine dulcissimam Philote* (*ibid.*, 3710), *pro ferrum* (*ibid.*, 4603).

De fato, a documentação epigráfica apresenta o acusativo plural, com preposições que pediriam ablativo no latim clássico. Além dos exemplos supracitados, temos: *roga pro nos*, em uma inscrição cristã no cemitério de Calisto; *roga pro fratres et soldales tuos* em um cemitério de Giordano, na via Latina; *pete pro parentes tuos*, no cemitério Lateranense⁷. Sabemos com certeza que estas construções se generalizam em textos posteriores⁸.

Em breve teremos oportunidade de verificar uma grande quantidade no emprego de sintagmas preposicionais, muitos deles representando uma inovação em comparação com o latim clássico, quando da análise da sintaxe dos complementos de lugar na *Peregrinatio*. Além disso, poder-se-á ver a pertinência do estudo do complementos de lugar dentro do problema geral que envolve a sintaxe do latim vulgar.

A propósito do tema que vem sendo desenvolvido nesta seção, cabe-nos apresentar alguns exemplos de expressões de lugar que oscilam entre a presença ou não da preposição e também do caso que vem regido pela preposição.

(2,4) *locus ubi uenientes a Faran feceramus orationem.*

(5,11) *in nomine Dei regressi sumus in Faran.*

(6,1) *Ac sic ergo cum peruenissemus Faran.*

(9,4) *Proficiscentes ergo inde totum per terram Gessen iter fecimus.*

(9,5) *Ac sic ergo ab Arabia ciuitate iter facientes per bibuo totum per terra Gessen.*

(9,7) *regressa sum in Helia, id est in Ierusalimam.*

Nas frases (2,4), (5,11), (6,1) o complemento de lugar é *Faran*, nome de lugar indeclinável. Esperaria-se que fosse acompanhado sempre por preposição, como nos exemplos (2,4) e (5,11), para indicar um complemento de lugar *para onde*, usado com verbos de movimento.

Os exemplos (9,4) e (9,5) contrastam-se pelo caso que acompanha a preposição *per*. Ambos são complementos de *iter facere*: em (9,4) *per terram Gessen* e em (9,5) *per terra Gessen*. Esse problema já foi levantado anteriormente, isto é, a possibilidade de dupla in-

⁷Os exemplos vem de Marucchi, *Epigrafia Cristiana*, Milão, 1910, pp.147-8, *apud* Maurer Jr. (1959: 88)

⁸Cabe citar quanto a isso um trabalho metuculoso, feito por Parera (1953), sobre os cartulários espanhóis dos séculos VIII ao XI, onde o caso predominante nos sintagmas preposicionais é o acusativo. Neles aparece *de*, a todo momento, regendo acusativo e, por outro lado, há alguns exemplos de *ad* e *per* regendo ablativo (talvez por hipercorreção): *ad multis diebus, per singulis annis*.

terpretação. Ou temos um acusativo sem o *m* final ou um ablativo. Optamos pela primeira alternativa.

Em (9,7), *in Helia* e *in Ierusalimam* demonstram claramente a homofonia de ablativo e acusativo que se reflete na confusão morfossintática entre esses dois casos.

4.2.2 Com que verbos aparecem os complementos de lugar na *P.A.*

As circunstâncias que exprimem lugar aparecem com os seguintes tipos verbais: (i) verbos que têm a semântica de movimento, (ii) verbos de estado, os quais “referem-se ao estado das coisas e não à ação, ao acontecimento ou processo” (Lyons (1979, 331)).

Os verbos de movimento, os quais selecionam um argumento direcional, são comumente classificados como dinâmicos, dentro de uma noção cinética mais geral, que os opõe aos verbos que selecionam um locativo (lugar onde), classificados como estáticos.

A partir dos exemplos encontrados na *Peregrinatio*, podemos estabelecer uma divisão entre as circunstâncias de lugar que estão associadas a verbos de estado (relações espaciais estáticas) e a verbos de ação/movimento (relações espaciais dinâmicas).

Considerem-se os exemplos:

(2,2) *lapis grandis ibi fixus stat in ipso loco.*

(3,2) *in eo id est loco est nunc ecclesia.*

(3,4) *monachi qui commorabantur iuxta montem illum.*

(4,6) *erant monasteria plurima in eo loco.*

Os verbos das orações acima, *stare*, *esse*, *commorare* são tipicamente verbos de estado. Contudo, é necessário que se diga que frases existenciais como a do exemplo (3,2), construída com o verbo *esse*, podem ser vistas como implicitamente locativas, porque para serem devidamente interpretadas, a afirmação de que algo “existe” ou “existiu” requer conceitualmente uma complementação locativa ou temporal (cf. Lyons, 1977:410).

Verbos de movimento

A maior parte das expressões de lugar na *Peregrinatio* aparecem como verbos de movimento. Selecionamos cinco verbos bem significativos dentro do contexto da narrativa.

Em 23 capítulos (do 1 ao 23) na *Peregrinatio*, encontramos as seguintes construções com os verbos *ascendere*, *descendere*, *uenire*, *peruenire*, *aduenire*:

	<i>Venire</i>	<i>Pervenire</i>	<i>Advenire</i>	<i>Descendere</i>	<i>Ascendere</i>
absoluto	5 (15,6%)		2 (100%)	1 (5,5%)	2 (12,5%)
acusativo	1 (3,1%)	1			5 (31,25%)
<i>ad</i> + ac.	8 (25%)	15 (55,5%)		3 (16,6%)	
<i>usque ad</i> + ac.		4			
<i>in</i> + ac.	3 (9,3%)	1 (3,7%)			6 (37,5%)
<i>inter</i> + ac.		1 (3,7%)			
<i>per</i> + ac.	1 (3,1%)				
<i>post</i> + ac.	1 (3,1%)				
dativo		1 (3,7%)			
<i>in</i> + abl.	3 (9,3%)	2 (7,4%)		7 (38,9%)	2 (12,5%)
<i>de</i> + abl.	4 (12,5%)			2 (11,1%)	
<i>a</i> + abl.				2 (11,1%)	
<i>ubi, ubicumque</i>	3 (9,3%)	1 (3,7%)		1 (5,5%)	1 (6,2%)
<i>ibi</i>	2 (6,2%)	1 (3,7%)			
<i>unde</i>	1 (3,1%)				
<i>inde</i>				2 (11,1%)	
Total	32 (100%)	27 (100%)	2 (100%)	18 (100%)	16 (100%)

Tabela 4.3: Sintaxe do complemento de lugar com verbos de movimento

Várias construções com *uenire*, *peruenire*, *aduenire*, *descendere* e *ascendere* merecem ser comentadas. Especialmente as que aparecem representadas pelas porcentagens altas, que, não encontrar-se-iam no latim clássico nessa proporção.

Analisemos primeiramente o verbo *uenire*.

Com o verbo *uenire* no sentido de “vir” esperava-se um tipo de complemento que chamaremos de “básico”: o lugar de origem, lugar *de onde* se vem, que em latim clássico é usado com o ablativo, com ou sem preposição. Poderia aparecer em seguida o lugar para onde se vai (um complemento secundário), em acusativo, com ou sem preposição. Um exemplo típico em latim clássico é *Uenire Delum Athenis* “Vir de Atenas a Delos” (Cíc. *Att.* 5,12).

Um fato a destacar é a não ocorrência, com o verbo *uenire*, do lugar de origem com o simples ablativo⁹ (não preposicionado), que em latim clássico é usado para nomes de cidades, etc, já visto na seção 4.1. Este mesmo fato vemos ocorrer com o lugar “para onde”.

Uenire no sentido de “chegar” é empregado mais comumente no latim clássico com *in* + acusativo ou *ad* + acusativo, havendo determinações secundárias sobre o movimento conforme a preposição usada. O que se percebe claramente na *Peregrinatio* é que as distinções

⁹Embora seja bastante raro, há alguns usos com outros verbos.

quanto a entrar ou não entrar no lugar, usando-se as preposições *in*, para o primeiro caso, e *ad* para o segundo, não se verificam.

Também causa estranheza, à primeira vista, os casos de uso *absoluto* e de *in* + ablativo com verbos de movimento como esses. Nem os dicionaristas nem os gramáticos forneceriam tais regências. Entretanto, elas são perfeitamente justificáveis: quando usado sem complemento (absoluto) o locativo é recuperável pelo contexto. Já o ablativo com *in* usado com verbos de movimento, na verdade, é o acusativo com a perda do *m* final. De resto, fenômeno já comentado diversas vezes ao longo deste trabalho, e largamente defendido pelos estudiosos de latim clássico e vulgar.

Quanto aos empregos dos advérbios, *ubi*, *ibi*, vemos que abrangem as funções que no latim clássico eram expressas por *quo* e *eo*. Reforça essa afirmação a documentação epigráfica de Pompéia, conforme o testemunho de Väänänen (1937:203): *Les formes plenes ibi et ubi ont fini par supplanter eo et quo*.

O destaque de *peruenire* está na alta taxa de ocorrências de *ad* + acusativo (15 vezes dentre 27 empregos do verbo). Este emprego existe no latim clássico e contrasta com *in* + acusativo, que significa “chegar em um lugar e entrar nele”. Nota-se a preferência de *ad* + acusativo na expressão do lugar *para onde* quase que suplantando a construção de *in* + ablativo (com 2 ocorrências entre 27 empregos do verbo). Essa preferência vem demonstrar novamente, tal como apontado acima com *uenire*, que se perdeu a oposição semântica entre *in* + acusativo e *ad* + acusativo, pois quando a segunda construção é usada, não significa que não há entrada no lugar. Até porque muitas vezes a narrativa continua e fica claro que a monja “entrou na cidade”.

As expressões de lugar formadas com *inter*, *per*, *post*, que não seriam usualmente fornecidas pelos gramáticos e dicionaristas como empregos desses verbos no latim clássico, são facilmente entendidas como necessárias aqui pelo tipo de movimento descrito, já que a caminhada é “entre os montes”, “através dos montes”, etc.

Convém salientar, mais uma vez, o largo emprego de construções preposicionadas nas expressões de lugar. Ao que parece, isso está confirmando o fenômeno tantas vezes referido como característico do latim vulgar: o enfraquecimento morfológico dos casos e a necessidade do uso das preposições para suprir as deficiências da perda da morfologia e sintaxe de certos casos. Esse empobrecimento casual, além do uso mais freqüente das preposições, é acompanhado pela tendência de marcar a função sintática dos nomes pela sua ordem na frase.

O que fizemos até agora foi classificar as circunstâncias de lugar de acordo com o tipo de verbo com que aparecem.

Um outro recorte que podemos fazer para classificar as expressões que indicam lugar é pelas quatro tradicionais “questões de lugar” do latim, os *loci ubi, unde, quo, qua*. Vemos

novamente que nesta classificação o tipo de verbo em que se liga a circunstância de lugar é fundamental na classificação semântica (os tipos de *loci* - com movimento, sem movimento) e sintática (com que construções aparecem - ablativo, acusativo preposicionado, etc).

Vejamus então quais os tipos de construções que encontramos para as questões de lugar *ubi*, *unde*, *quo*, *qua*.

• **Locus ubi** (onde)

· advérbio:

(4,2) *Nam hic est locus Choreb, ubi fuit sanctus Helias propheta*

(4,3) *Fecimus ergo et ibi oblationem*

· *in* + ablativo:

(4,7) *in quo horto ipse rubus est*

(15,3) *Nam et multi fratres sancti monachi de diuersis locis uenientes tendunt se, ut lauentur in eo loco*

· *in* + acusativo:

(5,9) *(...) et perfecta sunt singula, quae iusserat Deus in montem Moysi, ut fierent*

• **Locus quo** (para onde)

· *in* + ablativo:

(1,1) *In eo ergo loco cum uenitur*

(3,4) *Cum ergo, iubente Deo, persubissemus in ipsa summitate*

(17,3) *postea quam in caelis ascendisset (sanctus Moyses)*

· advérbio:

(8,3) *Nam cuicumque incommoditas fuerit, uadent ibi*

· acusativo:

(6,1) *Ac sic ergo cum peruenissemus Faran*

· *ad* + acusativo:

(4,7) *Ac sic ergo perdescenso monte Dei peruenimus ad rubum*

· *in* + acusativo:

(13,1) *(...) multos enim sanctos monachos uidebam inde uenientes in Ierusalem*

(9,11) *(...) in nomine Dei regressi sumus in Faran*

• **Locus unde** (de onde)

· *a* + ablativo:

(2,3) *descendentes a monte Dei*

(4,1) *descendere ab ipsa summitate*

· *de* + ablativo:

(3,4) *ecce et occurrit presbyter ueniens de monasterio suo*

(2,2) *iterum locutus est ei Deus de rubo in igne*

· *ex* + ablativo:

(9,6) *(loca) quae ambulauerant filii Israhel profiscentes ex Ramesse*

• **Locus qua** (por onde)

· *per* + acusativo:

(5,1) *uenimus per ipsam totam uallem*

(9,6) *ambulans per iter iam notum perueni Pelusio.*

· *inter* + acusativo:

(6,1) *et euntes aliquantulum inter montes*

· ablativo:

(6,4) *nos autem eodem itinere et eisdem mansionibus, quas ieramus, reuersi sumus in Clesma.*

Embora a *Peregrinatio* seja um texto com características de latim vulgar, tanto na morfologia quanto na sintaxe, muitas das confusões que atribuímos à monja, entre os lugares *onde* e *para onde*, já estavam presentes no latim clássico, como foi visto na seção precedente.

Porém, os exemplos da *Peregrinatio* mostram que a confusão é muito mais freqüente do que alguns poucos exemplos encontrados em textos não vulgares. Vimos que na hesitação entre as questões *ubi* e *quo* no mínimo dois fatores estão presentes:

(i) a equivalência morfológica entre certos pronomes no ablativo e os advérbios que deles se derivam, como tivemos oportunidade de ver em 3.1.2¹⁰;

(ii) a perda do final do acusativo.

Os exemplos que destacamos para representar a sintaxe das questões de lugar da *Peregrinatio* manifestam todas as possibilidades com que podem ocorrer. Dentre elas merecem destaque:

¹⁰Para um melhor acompanhamento, consulte a tabela 4.2, pág. 81.

(5,9) *in montem* como complemento de um lugar *onde*;

(1,1), (3,4), (17,3) apresentam ablativo como complemento de lugar *para onde*, sendo que em (17,3) *in caelis*, ao contrário de (1,1) e (3,4) por ser plural, mostra que não pode ter havido confusão com o acusativo. Trata-se, realmente, de um lugar *onde* em vez de um lugar *para onde*. Em (8,3) *ibi*, advérbio estático, é usado por *eo*.

Reiteramos aqui, com outros exemplos, a confusão entre as perguntas de lugar.

Em (4,5) *sed non ipsa parte exire habebamus, qua intraueramus*, este *qua*, com base no sentido da frase, pode ter duas interpretações:

(i) a de ablativo (feminino, singular) do pronome relativo *qui*, um lugar onde (*ubi*), onde entenderíamos “parte na qual entráramos”;

(ii) a interpretação do advérbio *qua* “por onde” (“parte por onde entráramos”).

A mesma confusão se encontra no advérbio *eo* (“para lá”), e o ablativo do pronome demonstrativo *is* (*eo*), que vem geralmente acompanhado da preposição *in*, e indica um lugar *onde*. Na *Peregrinatio* não encontramos *eo* usado adverbialmente na indicação do lugar *para onde*. As ocorrências de *eo* são, na maioria das vezes, ablativos de *is*, variando a preposição conforme o tipo de expressão lugar: (3,2) *In eo ergo loco est nunc ecclesia* e (3,8) *de eo loco, ubi stabamus (...)*.

Aparece ainda *eo quod*, que na verdade é uma única expressão, onde *eo* não é advérbio, mas o pronome demonstrativo (neutro, singular) no ablativo, precedendo um *quod* causal. Essa expressão introduz orações declarativas, substituindo a oração infinitiva que apareceria no latim clássico.

Ao longo de todo texto notam-se repetições de *in eo loco*, *in eo ergo loco*, *in eo id est loco*, *in eo tamen loco*, *in eo autem loco* que parecem expressões cristalizadas, ou “frases feitas”. Quando Etéria precisaria usar o advérbio *eo*, com verbo de movimento, entra em seu lugar *ibi*: (2,7) *et postquam ibi perueni*; (8,3) *uadent (sc.uadunt) ibi*. Note-se que em (3,4) o mesmo advérbio *ibi*, usado tal como manda a regra clássica, é complemento de um verbo que não indica movimento, *commorare*: (*monachi*) *qui ibi commorabantur*.

Uma questão a ser levantada é o estatuto dos complementos em acusativo usados com verbos de movimento, como nestas ocorrências:

(3,1) *coepimus ascendere montes singulos (...)* (“começamos a subir os montes um a um.”)

(3,1) *ingressi sumus montem*. (“caminhamos para o monte”)

(3,1) *descendi necesse est singulos ipsos montes*. (“era necessário descer os montes

um a um.”)

(4,5) *perexiremus montes ipsos*. (“para que saíssemos daqueles montes” ou “para que atravessássemos aqueles montes.”)

(11,3) *ascendere montem Nabau*. (“subir o monte Nebo”).

Nos exemplos acima, o simples caso acusativo está sendo usado como complemento de verbos de movimento. Todavia, a marca morfológica de acusativo pode expressar um objeto direto e um complemento de lugar e isto torna difícil a classificação desses complementos. Aqui vamos considerá-los complementos de lugar, mas a dúvida sobre o que Etéria tinha em mente, ao construí-los com acusativo, vai permanecer.

Esta dúvida é reforçada ainda mais considerando-se que o português, por exemplo, admite duas construções para certos verbos de movimento:

Subimos os montes.

Subimos nos montes / aos montes.

A possível ordem SVO do latim da *P.A.* e a sua relação no uso dos casos, posições, complementos/adjuntos

É sabido que a ordem das palavras no latim clássico é relativamente livre (mas normalmente SOV), devido à riqueza flexional da língua. Quando se lê a *Peregrinatio*, percebe-se logo que a ordem de colocação dos constituintes é mais próxima das línguas românicas do que do latim clássico, vindo os elementos modificadores pospostos aos modificados e pondo-se regularmente juntas as palavras que se completam. Esta ordem mais “simples” e mais rígida do que o latim clássico, contudo, não chega a ser obrigatória e não é uniformemente empregada.

Quando se comparam as diversas línguas da família românica, descobre-se por toda a parte a mesma tendência na disposição dos membros principais da oração: *sujeito, verbo, complemento*. Esta era certamente a colocação usual do latim vulgar. Porém, ao lado desta concordância, há diversas discrepâncias que advêm de inovações posteriores de uma ou outra região, ou denunciam a existência de uma ordem mais livre no latim vulgar. Por exemplo, os possessivos e os demonstrativos admitiam a posposição ou anteposição numa época mais antiga como se pode ver pela diferença entre línguas da România Oriental e Ocidental (cp. o romeno *fratele meu*, o sardo *sus peccados meos* e, de outro lado, o português *meu irmão*, fr. *cet homme* e assim por diante).

Na *Peregrinatio*, podemos dizer que a ordem normal dos complementos de lugar, entendendo *normal* como de maior frequência, é à direita do verbo. Além disso, observa-se uma tendência a aparecerem os adjuntos à esquerda do verbo, grande parte como tópicos,

como nos seguintes exemplos:

(3,2) *in eo ergo loco est nunc ecclesia;*

(3,8) *quia de eo loco ubi stabamus;*

(4,4) *in eo ergo loco, licet et tectum non sit (...).*

Quanto aos complementos, a tendência é de aparecerem à direita do verbo, contrastando com a posição desses elementos no latim clássico¹¹.

No contexto da discussão sobre a mudança na sintaxe de colocação do latim clássico para o latim vulgar, o trabalho de Lisa Travis (1984) pode ser importante. Sua pesquisa é sobre a mudança da ordem sintática do chinês arcaico, basicamente SVO, e de dois estágios do mandarim moderno, SOV. A autora constatou que a mudança da ordem dos constituintes do chinês antigo para o mandarim moderno estava relacionada à mudança de posição dos sintagmas preposicionais. No mandarim moderno os sintagmas preposicionais aparecem em posição pré-verbal, ao passo que no chinês antigo, apareciam em posição pós-verbal. A mudança de posição desses sintagmas preposicionais locativos, por sua vez, (e aí entra uma explicação mais teórica) estava relacionada à mudança na direção de atribuição de papéis temáticos.

¹¹A comparação entre a mudança na sintaxe de colocação do latim clássico para o latim vulgar será tema de uma futura pesquisa. Entretanto, qualquer pessoa familiarizada com o latim clássico lembrará que a colocação dos complementos antecede o verbo. Em de *De Bello Gallico*, por exemplo, que por ser a descrição de uma viagem (porém com finalidade bem diferente da *Peregrinatio*, isto é, bélica), apresenta muitas expressões lugar, vê-se que a maioria delas aparece antes o verbo. Consulte os exemplos extraídos de César, *B.G.*, em 4.1

Capítulo 5

Complementos e adjuntos conforme a tradição gramatical latina e a gramática gerativa

5.1 Complemento *versus* adjunto na tradição dos dicionaristas do latim clássico e na tradição da didática do latim

5.1.1 Complemento *versus* adjunto na tradição dos dicionaristas do latim clássico

O resultado da conexão entre sujeito e verbo, verbo e complemento é a *predicação* ou *regência verbal*. Quando essa conexão se faz sem necessidade de complementos (objetos), diz-se que o verbo é de *predicação completa*. Se, pelo contrário, é indispensável o complemento, tem-se um verbo de *predicação incompleta*. A este se chama de *transitivo*, àquele de *intransitivo*.

O epíteto de *transitivo*, termo derivado do verbo *transire* “passar de um a outro lugar”, era dado, pela tradição gramatical greco-romana, aos verbos de predicação incompleta, porque tais verbos podem “passar” para a voz passiva, com o objeto (acusativo) transformado então em sujeito (nominativo). Já os *intransitivos* não permitiam essa “transição” ou “passagem”. Há uma outra interpretação para verbo *transitivo* na qual diz-se que a ação “passa” do sujeito para o objeto. Segundo Câmara Jr. (1964) essa é uma “etimologia” adaptada da primeira.

Na didática do latim clássico o objeto de um verbo transitivo (em *acusativo*) é o único constituinte obrigatório do predicado. Classificar um verbo como *transitivo* é o mesmo que dizer que ele se constrói com acusativo (objeto direto) e é também dizer que este constituinte é obrigatório na sentença. Por outro lado, classificar um verbo como *intransitivo* é dizer que ele se constrói com outros casos, diferentes do acusativo. Aí fica implícita a interpretação desses elementos como não-obrigatórios.

Na *Syntaxe latine* de Ernout-Thomas, de estilo mais lingüístico do que as gramáticas tradicionais, a distinção entre transitivo e intransitivo não é fundamental: depende unicamente do emprego que é feito do verbo e do sentido que ele exprime, já que, como ele próprio diz (*op.cit.*:18-9):

*nombre de verbes d'etat ou de sentiment et, d'une manière générale, de verbes considérés comme intransitifs reçoivent dès l'époque ancienne ou au cours du latin un accusatif d'object direct.*¹

Transitividade e intransitividade verbal segundo os dicionaristas do latim clássico

Esta seção pretende verificar que classificação é atribuída, pelos dicionaristas do latim clássico, (representando a tradição francesa Gaffiot e a inglesa Lewis - Short) a verbos de movimento do latim, responsáveis pela maior parte das expressões de lugar na *Peregrinatio*. Pela tradição gramatical latina, como vimos, esses verbos são *intransitivos*, pois não são construídos diretamente com acusativo (objeto direto). Conseqüentemente, para a mesma tradição gramatical, quando apresentam circunstâncias que exprimem lugar, estas são tratadas como constituintes facultativos em relação ao verbo (são os “adjuntos adverbiais de lugar”).

A título de exemplo vejamos o que dizem aqueles dicionaristas de *uenire* e *egredi*.

Gaffiot classifica *uenire*, conforme a tradição da didática do latim, como *intransitivo*. Vejamos com que tipo de construções aparece:

- (1) a. *Uenire in locum.* (Cíc. *Ver.*, 4, 72)
- b. *Uenire in Italiam.* (Virg. *Ae.*, 1, 2)
- c. *Uenire Delum Athenis.* (Cíc. *Att.*, 5, 12)
- d. *Uenire ad iudicium de contione.* (Cíc. *Clu.*, 93)
- e. *Auxilio, subsidio uenire.* (Virg. *Ae.*, 1, 528)
- f. *Contra rem alicuius uenire.* (Cíc. *Ph.*, 2,3)
- g. *Dunc tibi litterae meae veniant.* (Cíc. *ad Fam.*, 11, 24, 2)

Em que se sustenta a classificação de *uenire* como *intransitivo*? Por hipótese, podemos pensar no fato de que este verbo não apresenta nenhuma construção com acusativo que possa ser passivada, tal como o exemplo (c), em que um acusativo - *Delum* - não é objeto direto,

¹Vimos em 4.1 que muitas construções com acusativo junto a verbos que não expressam movimento levaram a uma confusão entre as questões de lugar *ubi* e *quo*.

mas complemento de lugar. Todavia, qual seria a função temática atribuída por um romano a este complemento? Repare-se que duas funções temáticas são expressas pelo acusativo: o objeto direto é um *tema* e o complemento de lugar é um *alvo* ou *meta*.

Lewis-Short, por outro lado, não se coloca o problema de classificar os verbos como *transitivos* ou *intransitivos*: apenas apresenta as construções com que podem aparecer, deixando em destaque as preposições e os casos.

Vejam, por exemplo, algumas acepções para *egredi*:

- (2) a. with *e* or *ex*: *ex oppido*, Cés. *B.G.* 2,13,2;
- b. with *a* or *ab*: *a nobis foras*, Ter. *Haut.* 3,2,50;
- c. with simple abl.: *domo*, Plaut. *Aul.*, 1,2,1;
- d. with adv.: *hinc*, Plaut. *Men.* 2,2,74;
- e. absol.: *placide egredere*, Plaut. *Curc.* 1,3,1.

Na seção 5.1.2 subsequente discutiremos mais a fundo a noção de *transitividade* e *intransitividade*, que se relaciona aos termos *integrantes* e *acessórios* da oração.

5.1.2 Complemento *versus* adjunto na tradição da didática do latim

O termo *complemento* para a gramática tradicional é qualquer palavra ou sintagma, diferente do verbo, que seja um constituinte obrigatório do predicado. Por exemplo, o objeto de um verbo transitivo: *João pegou a bola*. O complemento verbal é *sintaticamente* requerido para “completar” a estrutura do predicado, donde o termo *complemento*. O *adjunto*, por sua vez, é um *modificador* ligado a uma base (ou constituinte principal), da qual ele depende e da qual pode ser desligado sem causar nenhuma lacuna sintática na frase (cf. Lyons, 1975:364).

Na prática, quanto aos complementos e adjuntos de lugar esta distinção está longe de ser clara. Isto porque as definições “nocionais” (ou semânticas) da gramática tradicional são muitas vezes inadequadas na definição dos termos da oração. Veja-se, por exemplo, a afirmação de que “os verbos intransitivos não requerem complemento”. Nas frases *A manifestação foi na avenida Paulista* e *A manifestação ocorreu na avenida Paulista*, a relação semântica entre *A manifestação foi* e *A manifestação ocorreu*, nos leva a supor que *na avenida Paulista* é um complemento de lugar em ambos os casos. Porém, a gramática tradicional não reconhece o locativo do verbo *ocorrer* como complemento, porque este é intransitivo e “não necessita de complemento”.

Nas gramáticas do ensino de latim o termo *complemento* é ainda mais restrito: só é usado para o acusativo, ou seja, para o objeto direto. Os demais elementos que podem aparecer associados ao verbo (em genitivo, dativo e ablativo) são considerados adjuntos.

A partir desta concepção de transitividade só existe um tipo de “argumento” interno do verbo: o complemento em acusativo. Todas as outras construções são consideradas como elementos não-argumentais, isto é, como *adjuntos*.

Com o intuito de avaliar se a definição tradicional de constituinte *obrigatório* ou *facultativo* se justifica, bem como se os critérios usados para esta distinção são coerentes e justos, Happ (1979) desenvolve uma comparação detalhada sobre o conteúdo das gramáticas latinas escritas na tradição do humanismo alemão e francês.

Happ mostra que há diferenças entre as duas gramáticas e considera a francesa melhor do que a alemã porque (i) a gramática francesa apresenta um capítulo geral sobre os complementos; (ii) não insiste na “frase mínima” (composta de sujeito e predicado (sem objeto), que os alemães consideram como duas funções sintáticas primárias derivando-se destas todas as outras funções, consideradas como “expansões”) e (iii) reconhece que há complementos que são objetos e complementos que são circunstanciais (porém não fornece critérios de diferenciação entre eles).

Em seu estudo, o autor percebe que nem todos os complementos circunstanciais são acessórios numa frase latina, tal como dizem as gramáticas latinas escritas pelos alemães. Além disso, afirma que é ilusória a distinção entre complemento circunstancial e o objeto, feita por essas gramáticas, porque está fundamentada sobre o conceito de necessidade (semântica) e esse critério é um pouco vago.

Happ questiona por que a tradição gramatical latina não considera como objetos os sintagmas em ablativo, e cita o exemplo *uti aliqua re = fazer uso de alguma coisa* e nem os sintagmas em ablativo preposicionado, como por exemplo *recordari de aliquo = lembrar-se / recordar de alguma coisa*. E no caso de *admonere aliquem de aliqua re = advertir / aconselhar alguém de alguma coisa*, reconhece como objeto o acusativo, mas não o ablativo preposicionado. O autor argumenta que esses sintagmas em ablativo são tão necessários quanto os objetos em genitivo, dativo e acusativo. Não há nenhum motivo para não considerá-los objetos, posto que não existe nenhum critério para se distinguir os objetos dos constituintes adverbiais, exceto a noção da necessidade semântica (e não de necessidade sintática) para completar o sentido do verbo principal.

Também sob o rótulo de “complementos circunstanciais” estão os objetos em genitivo dos verbos *me piget, pudet* como em *fratris me pudet pigetque = tenho vergonha e pena do meu irmão*.

Na tentativa de solucionar algumas das incoerências que acabamos de ver no tratamento dos complementos, Happ propõe um modelo de análise sintática baseado na Gramática

de Valências, de Tesnière, onde *valência* é a fórmula da combinatória sintática de um verbo, na qual todos os complementos são tratados no mesmo pé de igualdade.

Lembremos, brevemente, de que consiste a Gramática de Valências.

A oração é poeticamente comparada por Tesnière (1969:102)² a um pequeno drama, onde há enredo (que é o verbo), personagens e circunstâncias. Numa linguagem especificamente gramatical, Tesnière estabelece uma hierarquia de relações sintáticas, em que o verbo ocupa o posto mais alto da oração. Em conexão imediata com ele estão os *actantes*, valores substantivos, e os *circunstantes*, valores adverbiais: aqueles, em número limitado (de zero a três); estes, em número teoricamente ilimitado. A frase “Jesus morreu”, por exemplo, com um só actante, é percebida pela intuição do falante como gramatical e completa. Mas pode ser ampliada com valores adverbiais: *Jesus morreu - na cruz - numa sexta-feira - sobre o monte Calvário - para salvar a humanidade...*

O número de actantes que se articulam com o verbo definem sua *valência*: o verbo do exemplo acima é monovalente, pois tem um só actante; outros serão divalentes, trivalentes, ou avalentes (os que não se relacionam com nenhum valor substantivo). Com os substantivos podem articular-se valores adjetivos, os *epítetos*, que se situam em um terceiro nível.

A partir da valência do verbo, Happ propõe que se distinga as funções sintáticas em dois grupos: (i) aquelas que são exigidas pela valência do verbo (previstas pelo plano estrutural do verbo) são os objetos (obrigatórios); (ii) aquelas que podem ou não aparecer - os circunstanciais (facultativos).

No que tange ao tema desta pesquisa, os sintagmas preposicionais, Happ distingue três tipos:

a) Objeto preposicional (“Objet prépositionnel”):

- *hae artes ad humanitatem pertinent* (Arch.2) = *Estas artes pertencem à humanidade.*
- *in eum non animadvertisti* (Deiot. 10) = *não o castigaste..*
- *copia cum egestate ... confligit* (Catil. 2, 25) = *abundância com penúria ... opõe-se.*

b) Objeto adverbial (“actant adverbial”)

O que o autor chama de “actant adverbial” é o sintagma adverbial que não tem função de circunstancial e que entra na valência do verbo. São os sintagmas que indicam lugar (e respondem às perguntas *unde*, *ubi*, *quo*) e os que designam uma situação ou um movimento. Exemplos em francês:

Il séjourne à Paris.

*Il séjourne.

Il met le livre sur la table.

²apud Carone, (1986).

*Il met le livre.

- *Romae Quinctius commoratur* (Quinct. 23) = *Quintio mora em Roma.*
- * *Quintius commoratur*
- *in castra M. Antonii pervenit* (Ph.. 9, 15) = *chegou aos acampamentos de M. Antonio.*
- * *pervenit*

c) Circunstanciais:

São todos os outros sintagmas adverbiais, exceto os objetos adverbiais exemplificados acima, inclusive o *dativus commodi* = *dativo de interesse*, por exemplo: *Non scholae sed vitae discimus* (Sen., Ep., 160, 1) = *Aprendemos não para a escola, mas para a vida.*

Um conceito semelhante às *valências* do verbo, encontra-se na Teoria Temática (Teoria Θ) da gramática gerativa: os elementos que podem preencher, numa proposição, esses “lugares vazios” do predicado são seus “argumentos”. Mas, na sintaxe, há ainda um emprego do termo “argumento” com um significado não idêntico ao apontado acima, onde a noção de “argumento” se opõe à noção de “adjunto”, e não só as relações semânticas, mas também as propriedades formais vão distinguir um tipo de elemento do outro.

5.2 Complemento *versus* adjunto na gramática gerativa: critérios para a distinção

A gramática na teoria gerativa é entendida como *língua I* (ou língua interna), oposta à língua usada nas situações concretas de fala que é chamada *língua E* (ou língua externa). Assim, o objeto da gramática gerativa é o estudo da *língua I*.

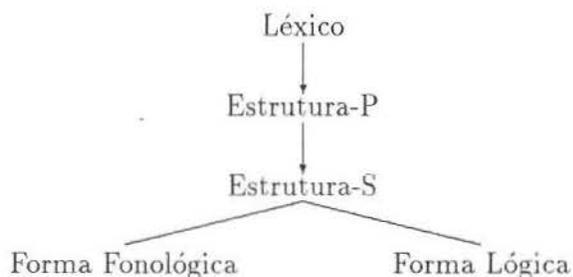
Compensa aqui citarmos o próprio Chomsky (1986:24), que tão bem sintetiza a ruptura que o gerativismo promove quanto à forma pela qual vinha sendo tratada a língua.

(..) “the study of generative grammar shifted the focus of attention from the actual or potential behavior and the products of behavior to the system of knowledge that underlies the use and understanding of language, and more deeply, to the innate endowment that makes it possible for humans to attain such knowledge. The shift in focus was from the study of E-language to the study of I-language, from the study of language regarded as an externalized object to the study of the system of knowledge of language attained and internally represented in mind/brain. A generative grammar is not a set of statements about externalized objects constructed in some manner. Rather, it purports to depict exactly what one knows when one knows a language: that is, what has been learned, as supplemented by innate principles. UG is a characterization of these innate, biologically determined principles which constitute one component of the human mind - the language faculty.”

A forma da teoria

No modelo gramatical estabelecido por *Lectures on Government and Binding* (que se costuma citar como LGB), de Chomsky, 1981, existem quatro níveis de representação sintática: Estrutura-P (*deep structure*), Estrutura-S (*surface structure*), Forma Fonológica (Phonological Form) e Forma Lógica (Logical Form).

A gramática neste modelo possui a seguinte forma abstrata:



O léxico ocupa o papel de base nesse modelo de teoria gramatical. É a partir das informações contidas no léxico que as estruturas sintáticas são projetadas.

A Estrutura-P está ligada à Estrutura-S pelo componente transformacional (regras de movimento - *move α*), sendo que a Estrutura-S mantém relação com os componentes interpretativos identificados como Forma Fonética (propriedades acústico/articulatórias) e Forma Lógica (propriedades semânticas). A Forma Fonética inclui talvez um nível de processos transformacionais (chamado às vezes de regras estilísticas), regras de apagamento, regras de contração e, por último, regras fonológicas. A Forma Lógica representa a contribuição da gramática ao significado das sentenças particulares e inclui transformações muito similares às que mapeiam a Estrutura-P em Estrutura-S.

Weberhuth (1995:28-9), delineando a teoria sintática X-barra desde a sua primeira formulação até o desenvolvimento mais recente, chamado de *Programa Minimalista*, resume nestas palavras a importância de LGB: “This work represents presumably the most ambitious research project in the history of Generative Grammar, perhaps of all linguistic theorizing to date.” Isto porque, com a publicação de LGB, a teoria gerativa deixou de ser um *sistema de regras*, como era até então, para ser antes de tudo um *sistema de princípios* (cf. Chomsky, 1981:7). Dentre esses, particularmente importante é o *Princípio de Projeção* que postula que tudo o que existe na sintaxe é projetado a partir do léxico. Por isso, regras como $VP \rightarrow V$, que poderiam gerar frases como “João dormiu”, foram eliminadas uma vez que as informações já estavam contidas nos itens lexicais (cf. Chomsky, 1981:32). Tomemos como exemplo, o verbo

dar:

dar [+V, -N] (informação categorial)
(Agente, Tema, Meta) (informação temática)
[NP, NP, PP] (informação subcategorial)

A partir da entrada lexical do verbo *dar*, podemos ver que, no que se refere à sintaxe, esta contém três informações: (i) informação de natureza *categorial* (sobre a categoria sintática a que determinado item pertence - diz que *dar* é um verbo); (ii) informação relativa ao quadro de *subcategorização* do item (que *dar* toma como complementos um NP e um PP) e uma (iii) *grade temática* que especifica o número e a função temática de seus argumentos (a *dar* se associam três argumentos, à que correspondem os papéis de agente, tema e meta ('*alguém dá alguma coisa a alguém*)).

O quadro de subcategorização dá duas informações: a de que um item subcategoriza um determinado número de posições sintáticas no VP, e a informação de quais categorias preenchem essas posições sintáticas. Repare-se que a subcategorização diz respeito à categoria gramatical dos complementos e não às suas propriedades semânticas.

Chomsky (1986:86) fala de “seleção semântica” (*s-selection*) e seleção categorial (*c-selection*) como propriedades do léxico. A primeira é a propriedade que os predicados têm de selecionar um determinado número de argumentos com uma dada função temática. A segunda é a propriedade de subcategorização, que atua na sintaxe:

In the first place, the lexicon presents, for each lexical item, its (abstract) phonological form and whatever semantic properties are associated with it. Among these will be the “selectional properties” of heads or constructions: nouns, verbs, adjectives, and particles (prepositions or postpositions (...)). The entry for the word *hit*, for example, will specify that it takes a complement with the semantic role of recipient of action (patient) and that its subject has the semantic role of agent (...). Let us call these properties “semantic selection” (*s-selection*) (...). It is also necessary to specify in the lexicon properties of categorial selection (*c-selection*), for example, that *hit* take an NP complement.

Na verdade, no que diz respeito à seleção categorial, Chomsky um pouco adiante em seu texto segue Pesetsky (1983)³ e afirma que a seleção-c parece ser redundante pois se *hit* s-seleciona um paciente, então esse elemento deverá ser um NP: *If c-selection is redundant, in general, then the lexicon can be restricted to s-selection* (Chomsky, 1986:86).

Estamos considerando aqui que existem no léxico informações de seleção semântica

³Citação de Chomsky, 1986. A referência é PESETSKY, D. (1983) *Paths and categories*. Ph.D. dissertation. MIT.

(seleção-s) e de subcategorização (seleção-c), ambas relevantes para a análise de complementos *versus* adjuntos de lugar, cuja associação é chamada de *estrutura argumental*.

Vejamos, por exemplo, a estrutura argumental de *colocar* e *ler*.

Colocar s-seleciona (seleção semântica) um *agente*, um *tema* e um *locativo*, e c-seleciona (seleção categorial) um NP (sujeito), um NP (objeto direto) e um PP (objeto indireto).

Ler s-seleciona um *agente* e um *tema* (opcionalmente um *locativo*) e c-seleciona um NP (sujeito), um NP (objeto direto) e opcionalmente um PP.

Assim, ambos os verbos *colocar* e *ler* ocorrem num VP com um objeto direto. Porém, a entrada lexical do verbo *colocar* tem de especificar que este item ocorre obrigatoriamente num VP com um constituinte PP, ao passo que o verbo *ler* admite, mas não requer tal constituinte.

Podemos dizer que o aparato teórico da Teoria de Regência e Ligação (*Government and Binding Theory*- GB) tem como âncora as teorias X-barras e Temática, e ainda o Princípio de Projeção.

Esta passagem de Chomsky (1988:68) pode dar uma idéia (pois está um tanto simplificada) quanto aos princípios da teoria X-barras:

Universal grammar permits certain categories of the lexical items, basically four: verbs (V), nouns (N), adjectives (A) and adpositions (P; prepositions or postpositions, depending on whether they precede or follow their complements). These categories probably have an internal structure, but let us put that aside. The basic elements of the lexicon fall within these four categories, though there are others as well. For each of these basic categories, universal grammar provides a *projection* of which it is the *head*: verb phrase (VP), noun phrase (NP), adjective phrase (AP), adpositional phrase (PP). In Spanish, for example, as in English, we have the following four kinds of phrase: VP: “hablar inglés”; NP: “traducción del libro”; AP: “lleno de agua”; PP: “a Juan”. Each of these phrases has a head and its complements. The head in each case is a lexical category of the appropriate type, and the complement in each case is an NP (though other choices are possible; (...) the verb “hacer” takes a clausal complement, and the verb “mandar” takes both an NP and a clausal complement)...

O Princípio de Projeção é responsável (além do que já vimos) pela relação crucial entre o léxico e os níveis sintáticos de representação, pois afirma que a informação contida em cada item lexical deve ser a mesma em todos os níveis de representação da sintaxe. Nas palavras de Chomsky, 1981:29: *Representations at each syntactic level (i.e., LF, and D- and S-structure) are projected from the lexicon, in that they observe the subcategorization properties of lexical items.*

Para que a informação contida no léxico pudesse ser preservada em todos os níveis

da derivação sintática foi necessário admitir a existência de categorias vazias, como a dos sujeitos fonológicos invisíveis, com conteúdo semântico mas não expressos na sintaxe (*PRO* e *pro*). O *Princípio das Categorias Vazias* (*Empty Category Principle*) inclui também a “teoria do vestígio”, que afirma que um constituinte movido deixa um “vestígio” (ou uma réplica idêntica a si) no lugar de origem, permitindo interpretação adequada na Forma Lógica.

Lasnik e Uriagereka (1988:5) sintetiza de maneira bastante clara a diferença entre o modelo inaugurado em LGB da versão transformacional anterior:

Currently many syntacticians claim that is only one transformation “Move α , which means “Take anything and put it anywhere else, leaving behind a trace” (a trace being an empty category of the same syntactic type as the item that moved). What is “anything”? In all variants of the theory this must be at least a constituent (in some versions it must be a maximal projection; in other versions either a maximal projection or a head). And what does “move” mean? This hasn’t changed from more traditional models: it means “substitute” or “adjoin”. Substitute is assumed to obey a strong version of the Structure-Preserving Constraint: XP can only substitute for another XP (the clearest case being “Substitute NP for NP”). Moving A to B in the sense of adjunction creates another instance of B from which A hangs as a sister to the original B.

5.2.1 Teoria Temática

A Teoria Temática (ou Teoria Theta - Θ) trata da estrutura temática das orações, e do modo como esta estrutura se articula com a estrutura sintática propriamente dita. Contém um componente conceptual, que se ocupa da caracterização semântica das funções temáticas, e um componente formal, que está ligado às propriedades estruturais das representações sintáticas.

Caracterização da teoria

A teoria theta trata do fato de que somos capazes de interpretar as palavras em termos de cenas com um certo número de participantes ou, em outras palavras, somos capazes de relacionar a um predicado um certo número de argumentos.

Predicados e argumentos

Os constituintes obrigatórios de uma frase são determinados pelas propriedades semânticas de seus predicados.

Em princípio, todas as categorias lexicais (N, V, P, A) podem selecionar argumentos e atribuir funções Θ ; logo, podem ser predicados.

O termo *argumento* é emprestado da lógica e caracteriza uma relação semântica que se estabelece entre o predicado e as variáveis que podem saturá-lo. Neste sentido, não só os objetos, mas também o sujeito são *argumentos*.

Para funcionar como argumento, uma categoria tem que estabelecer uma relação semântica com o predicado e necessariamente deve possuir um potencial de referência, que possa servir para designar entidades (pessoas, coisas, idéias, etc.) ou situações (eventos, ações, etc.) do universo discursivo. As expressões com potencial de referência compreendem (a maioria) dos NPs - que designam normalmente entidades -, e as orações - que designam normalmente situações (Raposo, 1992, pp. 275 e ssg.).

Convém ressaltar que, rigorosamente, um PP não é um argumento, pois, embora contenha uma expressão referencial (o complemento NP), não é em si mesmo uma expressão referencial. No entanto, dada a associação estreita entre subcategorização e atribuição de função Θ , e dado que os predicados subcategorizam PPs, é freqüente na Teoria da Regência e Ligação (GB) tratar os PPs subcategorizados como argumentos do verbo. Porém, tecnicamente o argumento é o NP incluído no PP subcategorizado, e a preposição é frequentemente um predicado auxiliar na atribuição da função Θ ao NP.

Cada predicado é específico quanto ao número de argumentos que precisa para formar uma expressão lingüística saturada. Por exemplo, a *dar*, como já vimos, se associam três argumentos, a que correspondem os papéis de agente, tema e meta. ('*alguém dá alguma coisa a alguém*'). *Dar* é um predicado de três lugares (num sistema de lógica de predicados).

No nível da oração, o predicado mais importante é o verbo. Tradicionalmente (segundo Gruber (1965, 1967), Fillmore (1967), Jackendoff (1972)), cada argumento (isto é, sujeito ou complemento de um predicado) carrega um papel temático (papel Θ) particular (tema, agente, experienciador, dativo, instrumento, locativo, alvo, origem).

Abaixo aparecem listados os papéis temáticos comumente adotados, embora possam sofrer ligeira variação conforme o autor (adaptados de Radford, 1988).

- **Tema (ou paciente)** = entidade que sofre o efeito de alguma ação. Exemplo: *Maria* caiu.
- **Agente (ou ator)** = agente de alguma ação. Exemplo: *João* construiu uma casa.
- **Experienciador** = entidade que experimenta algum estado psicológico. Exemplo: *João* está feliz.
- **Benefactivo** = entidade que se beneficia de alguma ação. Exemplo: João levou flores *para Maria*.
- **Instrumento** = meio (ou instrumento) pelo qual alguma coisa acontece. Exemplo: João se cortou *com a faca*.

- **Locativo** = lugar onde alguma coisa está situada ou acontece. Exemplo: O carro está *na garagem*.
- **Alvo** (ou **meta**) = entidade para onde alguma coisa se move. Exemplo: João passou o livro *para Maria*.
- **Origem** (ou **fonte**) = entidade de onde alguma coisa se move. Exemplo: João retornou *de Campinas*.

A necessidade de incorporação dos papéis temáticos pela gramática foi levantada por Fillmore, em sua obra *The case for case* (1968), e por Gruber (1965, 1967). E Jackendoff (1972) admite que as relações gramaticais (sujeito, objeto, etc) são insuficientes para traduzir certas relações semânticas, como:

- (3) a. A porta abriu.
 b. João abriu a porta.

Em ambas, *a porta* tem a mesma função semântica (*tema*), mas numa exerce a função gramatical de sujeito, e na outra de objeto.

Posições argumentais e posições não argumentais

Introduzimos agora uma classificação tipológica das posições sintáticas em termos da sua marcação Θ .

Numa representação sintática, os argumentos ocorrem numa posição chamada *posição A* (= argumental), ao passo que os adjuntos aparecem em outra configuração, chamada *posição A-barra* (ou posição não-argumental). Ou seja, a tipologia posicional entre argumentos *versus* adjuntos, na qual uma determinada função se associa a uma determinada posição, é crucial na distinção formal entre estas duas funções sintáticas.

Vejamos Chomsky (1981:35):

Let us refer to a position in LF to which Θ role is assigned as a Θ position. Idioms apart, each position satisfying the sub-categorization features of the lexical head of a construction is a Θ -position; in the terminology of X-bar theory, each complement position is a Θ -position (...) A reasonable criterion of adequacy for LF is:

Each argument bears one and only one Θ -role, and each Θ -role is assigned to one and only one argument.

Este critério impõe que a relação entre os argumentos da representação sintática de uma oração e a função Θ da entrada lexical do verbo dessa oração seja uma relação fechada e biunívoca: todos os argumentos recebem função Θ e todas as funções Θ são atribuídas.

Notadamente a marcação Θ está relacionada com a subcategorização: *if α subcategorizes the position β , then α Θ marks β and Θ marks a category C such that C or a trace of C occupies the position β* (Chomsky, 1981:37-8).

Em Chomsky (1986:98) existe um princípio que reúne as idéias de marcação theta e subcategorização: *There is a principle of “full interpretation”⁴ (FI) that requires that every element of PF and LF, taken to be the interface of syntax (in the broad sense) with systems of language use, must receive an appropriate interpretation - must be licensed (...)* Neste sentido, ser *argumento de* é uma maneira dos NPs serem interpretados e licenciados.

Não se pode deixar de dizer também que a Teoria Temática e a Teoria do Caso estão intimamente ligadas. No modelo teórico GB, quando existe a atribuição de papel Θ existe também a atribuição de Caso⁵.

Embora a Teoria do Caso não vá ser utilizada no âmbito deste trabalho, apresentaremos uma síntese de suas principais colocações.

5.2.2 Teoria do Caso

Chomsky e Lasnik (1977) observaram um certo número de restrições na distribuição dos NPs com conteúdo fonético (chamados de NPs lexicais) na posição de sujeito. Mais especificamente, a teoria do Caso surgiu do contraste que eles observaram entre a realização do sujeito em as orações finitas e infinitivas como, por exemplo,

- (4) a. John is likely [*t* to be here]
b. *It is likely John to be here

A questão relevante é saber por que *John* não pode ocupar a posição de sujeito na sentença encaixada, já que é interpretado desta maneira e não como sujeito da principal, como mostra a perífrase de (4 a.) : *It is likely [that John is here]*. Ou seja, contrariamente às orações finitas, as orações infinitivas não admitem sujeito fonético. Os três componentes principais do modelo de LGB, ou seja, a teoria X-barras, a teoria Theta e o Princípio de Projeção (no caso do sujeito o Princípio de Projeção Extendido, que afirma que todas as sentenças devem ter sujeito), não têm nenhuma responsabilidade neste contraste. Por isso, a incompatibilidade de um sujeito fonético com uma flexão infinitiva foi atribuída à noção de Caso.

Costuma-se citar Jean Roger Vergnaud como o introdutor da noção de Caso na Teoria de Regência e Ligação através de uma comunicação pessoal com Chomsky.

⁴Destaque nosso.

⁵Seguimos a orientação dos gerativistas, que escrevem Caso com letra maiúscula, para distinguir da palavra *caso* que significa “situação”, “circunstância”.

Lasnik e Uriagereka (1988:9-10) situam esta questão de maneira bem clara:

Suppose we take the traditional view that NPs are assigned Case. In a language like Latin or German, Case has a clear morphological realization. But suppose this is just a superficial property. Suppose all languages are abstractly like Latin or German, differing only in low-level realization properties. "What are the configurations in which Case is assigned?" Vergnaud asked. Traditionally, subjects of finite clauses are assigned "nominative" Case; direct objects of verbs assigned "accusative" Case (though there are well-known idiosyncrasies in this regard, such as certain verbs in German that assign genitive Case); objects of prepositions are assigned "oblique" Case. Suppose for the moment we assume these are the only ways an NP can get Case. Finally, Vergnaud suggested adding the plausible requirement that every lexical NP "needs" Case.

Chomsky (1980:25) incorporou essas idéias da seguinte forma:

- Um NP recebe Caso nominativo sob regência de Infl/[+Agr.];
- Um NP recebe Caso acusativo sob regência de V;
- Um NP recebe Caso oblíquo sob regência de P.

Chomsky definiu dois tipos de Casos: o Caso *inerente*, que está intimamente ligado à grade temática e só pode ser atribuído por uma categoria capaz de atribuir uma função Θ , e o *estrutural*, que depende de *regência*, uma propriedade configuracional, conforme Chomsky (1986:193):

We distinguish the "structural Cases" objective and nominative, assigned in terms of S-structure position, from "inherent Cases" assigned at D-structure. The latter include the oblique Case assigned by prepositions and now also genitive Case, which we assume to be assigned by nouns and adjectives just as verbs normally assign objective Case. Inherent Case is associated with Θ -marking while structural Case is not, as we should expect for processes that apply at D- and S-structure, respectively. Thus, we assume that inherent Case is assigned by α to NP if and only if α Θ marks NP, while structural Case is assigned independently of Θ -marking.

As condições para a atribuição de Caso são as seguintes: α atribui Caso para β se (a) α é um atribuidor de Caso (ou seja, se α pertence a uma das categorias N,A,P,V, I/Agr), (b) α rege β e (c) α é adjacente à β . A atribuição do Caso estrutural depende somente de regência uma propriedade configuracional; a atribuição do Caso inerente depende de duas condições: (a) atribuição de papel theta e (b) regência, definida nos termos de Chomsky (1986) *a category α governs a maximal projection X" if α and X" c-command each other; and if α governs X" in this sense, then α governs the specifier and the head X of X*".

Assumindo que estas são as únicas formas que os NPs recebem Caso, Chomsky propôs o *Filtro de Caso*: *N, onde N não possui Caso. Ou seja, todo o NP foneticamente realizado deve ser suporte de um Caso abstrato.

Vejam os exemplos como a teoria do caso funciona no português, onde os pronomes diferenciam-se formalmente em quatro grupos Casuais distintos: nominativo, acusativo, dativo e oblíquo. As seguintes frases contêm pronomes pertencentes a cada um destes grupos (exemplos extraídos de Raposo (1992:350):

- (5) a. *Eu* (nom.) ofereci-*lhe* (dat.) o livro.
- b. *Tu* (nom.) viste-*o* (ac.) ontem.
- c. *Ele* (nom.) comprou-*o* (ac.) para *mim* (obl.)

Cada Caso particular é diretamente determinado pela presença de um elemento lingüístico particular no contexto do NP que recebe esse Caso.

Assim, o Caso nominativo manifesta-se num NP na posição de sujeito, no contexto de uma flexão finita como nos exemplos citados por Raposo (1992:348):

- (6) a. O João é meu amigo.
- b. * O João ser meu amigo.

Os exemplos abaixo mostram que uma flexão finita atribui Caso nominativo ao sujeito de sua oração, mas não ao objeto direto ou ao sujeito da subordinada:

- (7) a. [Tu] viste o João.
- b. * O João viu [tu].
- c. * O João quer [[tu] trazer o jornal].

Do mesmo modo, um verbo atribui Caso acusativo ao seu objeto direto, mas não ao objeto de uma preposição:

- (8) a. O João viu [te].
- b. * O João pensou [em [te]].

Podemos observar que um aspecto dos contextos em que há atribuição de Caso é o fato de serem exclusivamente locais: cada um dos atribuidores casuais atribui um Caso ao NP que se encontra mais *próximo* dele. Evidentemente, é necessário definir o sentido do termo “próximo”.

Chomsky (1980, 1981) para captar a noção intuitiva de “proximidade” ou “localidade” subjacente aos vários contextos de atribuição Casual propõe o conceito de *regência*⁶.

⁶A definição de *Regência* se encontra no apêndice A, junto com outras definições formais do modelo teórico de LBG.

cujo emprego na sintaxe gerativa é uma questão complexa, que não cabe no contexto desta dissertação.

Retornando aos exemplos em inglês que iniciaram esta seção sobre a Teoria do Caso, vemos que em **It is likely John to be here* a agramaticalidade se deve ao fato de *John* não receber Caso do verbo da encaixada, que está no infinitivo.

Chomsky (1981, 1986) afirma que para ser Θ marcado na LF, um argumento deve ter Caso. Ou seja, Caso é uma exigência da Forma Lógica (LF). A um argumento sem Caso não será atribuído um papel Θ e assim violará o *critério* Θ , que diz que todos os argumentos de um predicado têm que ser realizados. A fundamentação da teoria do Caso recebe o nome de *Condição de Visibilidade*: (i) para realizar uma função Θ , um argumento tem que ser visível em LF; (ii) um argumento é visível em LF se somente se é o suporte de um Caso abstrato.

É pela Condição de Visibilidade dos NPs que temos a ligação da teoria temática com a teoria do Caso, como se pode ver pelo que diz Chomsky (1986:94): *Following Joseph Aoun, let us assume that an element is “visible” for Θ -marking only if it is assigned Case. According to this visibility condition, a noun phrase can receive a Θ -role only if it is in a position to which Case is assigned or linked to (...) A lexical argument must have Case, or it will not receive a Θ -role and will not be licensed.*

Chomsky (1986:94) aponta que há algumas vantagens associadas à Condição de Visibilidade em oposição ao Filtro de Caso. Por exemplo, a Condição de Visibilidade requer que as categorias vazias (representadas por *e* - *empty*) recebam Caso se forem argumentos (exemplos de Chomsky, 1986:95):

- (9) a. **Who does it seem [_e to be intelligent]*
- b. *it seems [who to be intelligent]*

A razão para a agramaticalidade de (9 a.) é atribuída à incapacidade do vestígio *e*, em posição de sujeito da oração encaixada, receber papel theta. Essa incapacidade é por sua vez resultado da variável *e* não receber Caso, uma vez que a posição de sujeito de orações infinitivas não pode ser marcada com Caso devido a ausência de AGR (concordância).

Uma outra diferença da Condição de Visibilidade com relação ao Filtro de Caso diz respeito aos sintagmas nominais não-argumentais, tal como nestes exemplos de Chomsky (1986:95):

- (10) a. *John is [a fine mathematician]*
- b. *[John], I consider [a fine mathematician]*
- c. *John did it [himself]*

Dado que esses sintagmas nominais não recebem papel theta (não são argumentos), a Condição de Visibilidade não requer que eles recebam papel Caso, ao passo que o Filtro de Caso requer.

Esta seção teve como propósito mostrar que no modelo teórico LGB existe um componente da gramática chamado de Teoria do Caso. Deixamos em aberto a questão do modo pela qual esta teoria deve ser formulada, se em termos do Filtro de Caso ou da Condição de Visibilidade. Na verdade é a Teoria Temática que nos interessa, pois permite uma análise de complementos *versus* adjuntos de lugar.

5.2.3 Complementos *versus* adjuntos

Ao estudarmos os constituintes que exprimem lugar, encontramos muitos problemas quando tentamos classificá-los com relação a sua obrigatoriedade ou opcionalidade na sentença. Os constituintes que exprimem lugar, têm sido tradicionalmente considerados como opcionais em relação ao verbo. Com o auxílio da teoria temática podemos ver mais claramente quais as expressões de lugar que funcionam como complemento ou como adjunto. A teoria permite reconhecer os complementos (argumentos) de lugar porque são subcategorizados pelo verbo e recebem função Θ a partir dele. Quanto aos adjuntos de lugar, estes não preenchem nenhuma lacuna argumental do verbo, sendo a preposição necessária para atribuir papel Θ ao NP.

O problema das preposições

O papel das preposições como atribuidoras de Caso e de papel Θ ainda não está suficientemente esclarecido dentro da teoria de Regência e Ligação. Sabemos que as preposições podem ter duas funções: a de núcleo de um sintagma preposicional subcategorizado pelo verbo e, assim, co-atribuidora de função- Θ ao NP, juntamente com o verbo, como em *João saiu [de [Londres]] ontem*, onde o NP recebe a função Θ de fonte. A outra função é de marcador casual, sem atribuição de função Θ , como em *o seu desejo [de sucesso] / desejoso [de [sucesso]]*, onde *de* introduz os complementos de adjetivos e de nomes.

Quando se afirma que as preposições são meros marcadores de caso, assume-se que são *vazias* semanticamente, enquanto as que atribuem papel temático são *plenas*. Esta tese é defendida entre gerativistas como Chomsky (1986), Haegeman (1991), Raposo (1992). O duplo aspecto semântico das preposições faz-se notar nos sintagmas preposicionais locativos. Quando o PP é subcategorizado pelo verbo, o argumento (locativo) do verbo é o NP que

está contido no PP. Assim, a preposição está ali para marcar Caso, mas também co-atribui função- Θ ao NP. Por outro lado, quando o sintagma preposicional não faz parte do quadro de subcategorização do verbo (ou da estrutura argumental), o locativo é o todo PP e a preposição é a única responsável pela atribuição do papel Θ , além do Caso.

É bem verdade que, na gramática gerativa, pouca atenção tem sido dispensada a línguas com casos morfológicos. Não se sabe como o latim e outras línguas com o fenômeno de ordem livre dos constituintes se enquadrariam na teoria do Caso abstrato. Além disso, o papel das preposições, até mesmo nas línguas sem morfologia casual tem sido pouco discutido. Imagine então o que sobra para as línguas de casos morfológicos, onde há duas possibilidades para marcar a função sintática, caso e preposição.

Configurações sintáticas para argumentos e adjuntos

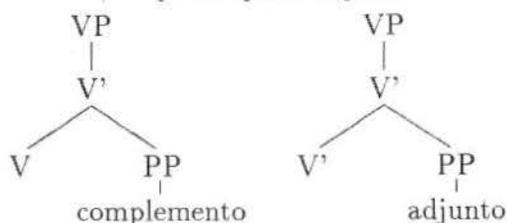
Uma descrição adequada de um fenômeno em qualquer campo de investigação deve ser explícita ao máximo e, para ser *explícita*, deve ser *formal*, isto é, deve fazer uso de um aparato teórico que possibilitará definir as propriedades formais dos fenômenos estudados.

No que se refere à sintaxe, faremos uso de alguns construtos (em inglês *constructs*) teóricos que irão definir propriedades as formais (isto é, gramaticais) dos complementos vs. adjuntos de lugar⁷.

A estrutura de constituintes de uma frase e a categorização gramatical dos constituintes pode ser representada esquematicamente por um indicador sintagmático, que tem sua forma mais comum na representação em *árvore*.

Dentro da teoria existem duas propostas de representação para complementos e adjuntos de lugar.

A primeira é a análise que fazem Radford (1988) Haegeman (1991), segundo a qual o argumento é irmão estrutural de V, ao passo que o adjunto é irmão de V'.



Estas configurações traduzem a intuição que temos sobre a obrigatoriedade ou opcionalidade dos constituintes atribuindo-lhes estruturas diferentes. Estruturalmente, mesmo estando ambos no VP, podemos ver que são estruturas diferentes porque o adjunto é irmão de V', ao passo que o complemento é irmão de V. Porém, quando temos um determinado

⁷As definições empregadas, juntamente com exemplos de aplicação, aparecem no apêndice A.

verbo que possui dois argumentos internos (um NP e um PP como *dar o livro a Maria*) precisamos colocá-los dentro VP e neste caso não podemos dizer que o PP é um adjunto.

A segunda representação estrutural para complementos e adjuntos é adotada por Raposo (1992) em que as circunstâncias de lugar que são argumentais ocorrem dentro do VP, como irmãos estruturais de V, ao passo que os adjuntos aparecem fora do VP, numa estrutura de adjunção ao VP ou a IP.

A análise dos adjuntos como ocorrendo fora do VP permite que o desloquemos para qualquer lugar A-barra da oração. Essa é uma das vantagens dessa estrutura, que aliás confirma uma propriedade dos adjuntos - o fato de não possuírem coesão estreita com o verbo (não são subcategorizados), podendo ser extrapostos.

Tomemos os exemplos típicos de locativos argumentais e não-argumentais dos verbos *colocar* e *ler*. Ou seja, com o verbo *colocar* a circunstância de lugar é um argumento (ou complemento), mas com *ler* é um adjunto.

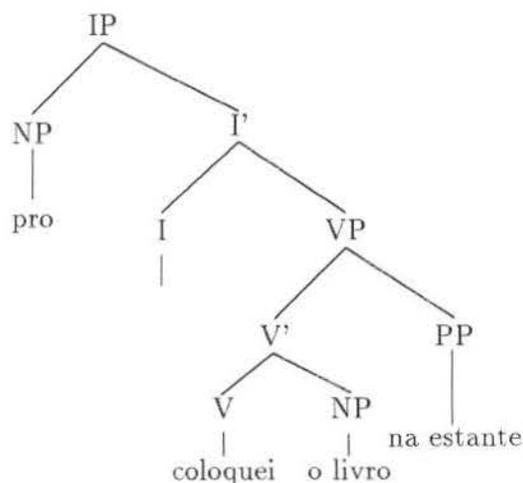
(11) a. Coloquei o livro na estante.

b. * Coloquei o livro.

c. * Coloquei.⁸

O verbo *colocar* tem na sua estrutura argumental (aqui repetida) um argumento externo (sujeito - “externo” porque está fora do VP) e dois argumentos internos:

colocar: V, Agente (NP) , tema (NP), locativo (PP).

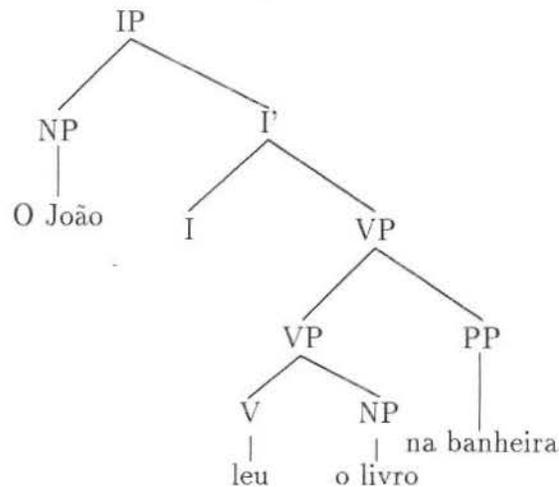


O critério Θ e o Princípio de Projeção excluem expressões em que um argumento da rede temática de um verbo não ocorre na representação sintática, como no exemplo (11 b.).

⁸Abstraímos aqui a possibilidade de *coloquei o livro* e *coloquei* serem gramaticais quando contextualizadas. Por exemplo quando respondem, respectivamente, às perguntas: *Você colocou o livro ou o caderno na estante?* e *Já colocou o livro na gaveta?*

- (12) a. O João leu o livro na banheira.
 b. O João leu o livro.
 c. * leu.⁹

Estrutura argumental de *ler*: V, Agente (NP), Tema (NP), Locativo (opcional) (PP)



5.3 Complementos e adjuntos na *P.A.*, segundo os critérios da Gramática Gerativa

Uma das razões que nos leva à análise de complementos *versus* adjuntos de lugar do ponto de vista da gramática gerativa é que nela temos essas duas funções gramaticais representadas por estruturas sintáticas distintas uma da outra. Esta diferença é fornecida pelo léxico e através dele é projetada na sintaxe. A distinção entre complementos e adjuntos (argumentos e não-argumentos) é estabelecida, pois, pelo *Princípio de Projeção*.

Pondo de lado certos aspectos da estrutura funcional das orações, as estruturas sintáticas são uma representação das propriedades de seleção semântica e de subcategorização dos núcleos lexicais.

Em síntese, a Teoria Temática juntamente com o Princípio de Projeção, têm conseqüências na determinação e no licenciamento das representações sintáticas possíveis.

Construções de lugar na *Peregrinatio*

Os exemplos a seguir estão divididos em dois grupos: os que apresentam expressões de lugar subcategorizadas pelo verbo (em (13)) e os que apresentam expressões de lugar

⁹Conforme aludimos na nota anterior, abstraímos aqui a possibilidade de *leu* ser gramatical quando contextualizado e elíptico.

facultativas em relação ao verbo (em (14)). Os elementos do grupo (13) classificamos como complementos, ou seja, constituintes *obrigatórios*, também chamados *argumentais* no sentido de que são indispensáveis para formar uma expressão lingüística completa. No grupo (14) temos os adjuntos, constituintes que não preenchem uma das variáveis do predicado (no caso o *verbo*).

Argumentos

- (13) a. (1,1) Interea ambulantes peruenimus *ad quendam locum*.
- b. (1,2) *In eo ergo loco* cum uenitur.
- c. (2,1) Moyses ascendit *in montem Domini*.
- d. (3,2) *in eo ergo loco* est nunc ecclesia.
- e. (3,5) *in ipsa summitate* (...) nullus commanet (...)
- f. (12,3) et sic coepimus egredere *de ecclesia*.
- g. (16,5) monachus uir ascitis necesse habuit mouere se et descendere *ad ciuitatem Carneas*.
- h. (20,5) necesse fuit undique et de omnibus Mesopotamiae finibus omnes monachos *in Charra* descendere.

Adjuntos

- (14) a. (3,6) (poma) quae *in ipso monte* nascuntur (...)
- b. (4,8) gustauimus *in horto ante rubum*.
- c. (4,3) fecimus ergo et *ibi* oblationem.
- d. (15,3) sancti monachi lauentur *in eo loco*.
- e. (12,3) uidere *hinc*.
- f. (10,4) plorauerunt filii Israhel Moysen *in Arabot Moab et Iordane contra Iericho* quadraginta diebus.
- g. (11,2) haec est aqua, quam dedit Moyses filiis Israhel *in hac heremo*.
- h. 19,4) Ac sic ergo uidi in eadem ciuitate martyria plurima.

Contrariamente à idéia de adjunto, assumida pelo latim clássico às expressões de lugar em (13), temos boas razões para afirmar que a classe de verbos tal como *ire* seleciona um locativo que é argumental.

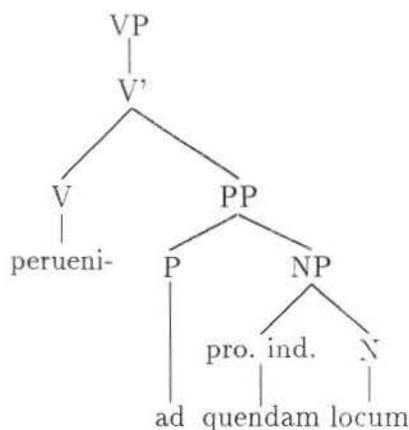
Os complementos completam a significação do verbo e geralmente são obrigatórios. Quando são omitidos, verificam-se duas situações: (i) ou a significação intrínseca do verbo não é completamente expressa e a frase é agramatical, ou a significação intrínseca do verbo é expressa e o complemento ausente é interpretado de modo subentendido, ou recuperável pelo contexto. Raposo (1992) diz ainda que os complementos omitidos podem ter uma significação genérica ou canônica, talvez culturalmente fixa, como é o caso do objeto direto de *comer*, que quase sempre fica subentendido.

Verbos como *chegar*, *ir*, *partir*, considerados intransitivos, freqüentemente têm seus complementos de lugar subentendidos: *João já chegou, foi, partiu / (aqui, lá, daqui)*. Do ponto de vista semântico esses verbos requerem um complemento locativo, esteja ele manifestado ou não sintaticamente.

Em suma, a razão mais forte que se tem para dizer que algumas expressões de lugar têm o status de argumentos em latim é simplesmente pelo seu caráter obrigatório com certos verbos.

Depois de tudo o que foi dito sobre as circunstâncias de lugar em (13), não se tem muito a dizer sobre as de (14), a não ser o óbvio: elas não fazem parte da estrutura argumental dos verbos a que se ligam sintaticamente. São os *adjuntos*.

Na representação em árvore, os sintagmas preposicionais do grupo (13) devem aparecer dentro da projeção V' como irmão estrutural de V, tal como mostramos, a título de exemplo, com as ocorrências de (1,1) e (12,3).

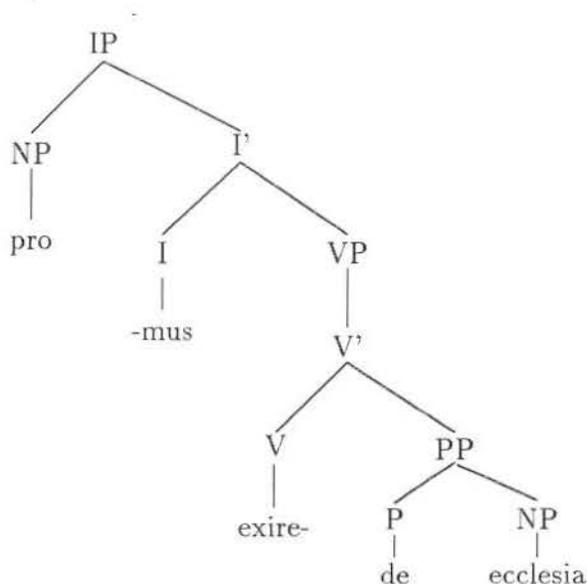


A estrutura argumental de *peruenire* deve explicitar que este é um verbo de dois lugares - exige um NP argumento externo e outro NP argumento interno preposicionado. Além disso, deve conter a informação sobre a natureza temática dos elementos subcategorizados.

Ou seja, estrutura argumental de *peruenire* deve explicitar que o sujeito é um NP que exerce a função de *tema* e o que o complemento é um NP preposicionado com função de *alvo* ou *meta*.

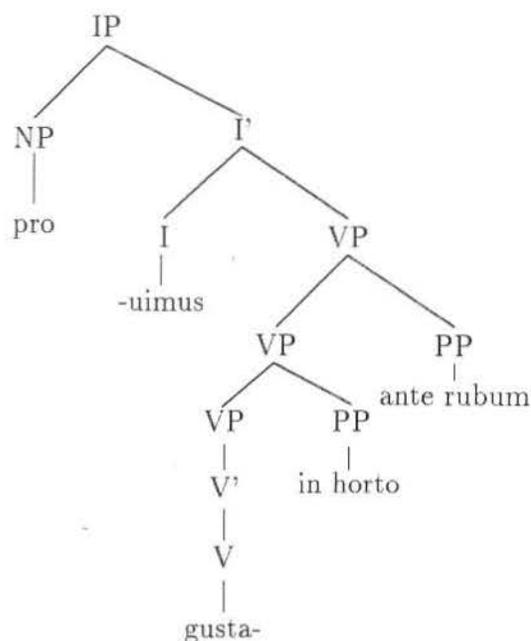
Concretamente, na frase (1,1) *Interea ambulantes peruenimus ad quendam locum*, se não fosse projetado o PP na estrutura, esta seria excluída pelo Princípio de Projeção, visto que a posição correspondente ao argumento interno não estaria projetada. Se o PP fosse projetado e não tivesse o argumento, a estrutura seria excluída pelo Critério Θ .

Já a entrada lexical de *exire* deve explicitar que este verbo se constrói com um NP que exerce a função temática de *tema* (sujeito) e um outro NP preposicionado com função temática de fonte (ou origem).



Todos os constituintes indicando lugar do grupo (14) podem ser analisados da mesma maneira que o constituinte de lugar que aparece junto ao verbo *gustare* em (4,8) *gustauimus in horto ante rubum*. Os contituientes *in horto* e *ante rubum* não preenchem nenhuma lacuna argumental do verbo.

Na estrutura a seguir há dois sintagmas preposicionais que funcionam como adjuntos de lugar, *in horto* e *ante rubum*. Estruturalmente os constituintes em uma configuração de adjunção não criam uma nova categoria gramatical (expandem VP em VP). Contrariamente aos complementos que expandem V' em VP(= V''). Em (4,8) os sintagmas preposicionais (ou locativos) encontram-se em adjunção à categoria VP. Em outros casos podem estar em adjunção à sentença (ao IP).



Resumindo, assumimos que os verbos de movimento possuem um espaço aberto na predicação a ser preenchido com um locativo. Assim, do ponto de vista semântico, os locativos são *argumentos* do verbo, não importando de que maneira aparecem na sintaxe. Dizendo isto, duas afirmações são feitas: (i) que parte das ocorrências de sintagmas preposicionais expressando lugar com alguns verbos de movimento da *Peregrinatio*, apresentados na tabela 4.3 são seus *argumentos*; (ii) que esses verbos não se constróem com um locativo específico (como por exemplo *ad* + *ac.*): qualquer tipo de locativo preenche na sintaxe o lugar aberto na predicação para um constituinte de lugar.

Conclusão

Embora possamos dizer que a *Peregrinatio* espelha muito do que se convencionou chamar “latim vulgar”, sobretudo com relação à sintaxe e à tendência analítica deste latim em comparação à tendência sintética do latim clássico (muitas dessas inovações e características gerais foram apontadas nas notas do capítulo 2), gostaríamos de traçar aqui um paralelo entre o que há de “clássico” e o que há de “vulgar” no latim da *peregrinatio*, pois vemos a convivência entre duas variantes da língua latina: a popular (“vulgar”) e a literária (“clássica”).

O fato de que Etéria usa constantemente o acusativo com infinito (além dos arcaicos “nominativo absoluto” e “acusativo absoluto”, se bem que isso é muito discutível, porque ela pode estar “errando” na flexão do caso ...), o caso locativo, e ainda conserva nitidamente as terminações casuais e a morfologia verbal, bem como uma grande porcentagem da sintaxe correta dos complementos (parece-nos que ela usa pelo menos a metade das construções que exprimem lugar à maneira clássica), demonstram que ela possui conhecimento da gramática do latim clássico. Porém, como a narrativa de sua viagem foi escrita de acordo com sua gramática internalizada, vemos que ela deixa transparecer estruturas estão mudando ou que coexistem. Exemplos:

1) introdução de novas preposições (antigos advérbios): (19,9) *foras ciuitatem*.

2) homofonia entre acusativo e ablativo (que se liga à confusão entre os lugares *ubi* e *quo*) pela queda do *m* final do acusativo:

(1,2) *Habebat autem de eo loco ad montem Dei quattuor milia tantum per ualle illa*;

(19,10) *(Persae) custodirent ciuitatem per giro*

(2,3) *(..) et inde per mediam uallem ipsam rediremus ad iter*

(2,6) *montes qui per qirum sunt*

(3,6) *montes qui per giro sunt*

3) a convivência de duas variantes sintáticas, lado a lado, clássica e vulgar, para a

expressar a mesma função (outros exemplos podem ser encontrados em 4.2.2):

(19,8) (...) *posteaquam scripserat Aggarus rex ad Dominum et Dominus rescripserat Aggaro* (*ad* + acusativo e dativo)

(23,1) *perueni ad quandam ciuitatem supra mare adhuc Ciliciae* (caso locativo - lugar onde)

(22,2) *in Hisauria est martyrium sanctae Teclae* (*in* + ablativo - lugar onde)

Vocábulos típicos do latim da *Peregrinatio* (inovações):

Derivados de *girus* (*gyrus*)

(19,8) *transacto ergo aliquanto tempore superueniunt Persae et qirant ciuitatem istam.*

(19,9) (*Persae*) *pergirarent in miliario tertio totam ciuitatem.*

O verbo *plicare/plecare*

(2,4) *et sic plecaremus nos ad montem Dei*

(19,9) *ad subito tantae tenebrae factae sunt, foras ciuitatem tamen ante oculos Persarum, cum iam prope plicarent ciuitati (...)*

Complementos X adjuntos de lugar

Em primeiro lugar, o leitor poderá estar se perguntando porque foi escolhido o texto da *Peregrinatio* para tratar da questão teórica entre complementos e adjuntos de lugar, considerando-se que o problema também pode ser tratado no português ou em outras línguas modernas.

Podemos justificar a escolha da *Peregrinatio* por este texto representar uma fase de transformação do latim, onde vemos acontecendo uma série de inovações, em todas as áreas da gramática, e visivelmente na sintaxe. Dentro das mudanças sintáticas, características do latim vulgar, há o fenômeno do aumento de freqüência no uso das preposições, como consequência da perda da morfologia e sintaxe de certos casos.

O estudo das circunstâncias de lugar permite ver a mudança em curso, como a perda dos casos, o aumento de freqüência das preposições e a tendência à fixação da ordem (SVO) dos constituintes na frase. Vemos também, muitas vezes, dificuldade no reconhecimento de complementos e adjuntos de lugar, porque parece que em certos verbos a regência está mudando, dado que admitem construções diferentes do latim clássico, embora exista uma diferença semântica entre adjuntos e complementos de lugar tanto no latim clássico quanto na língua da *Peregrinatio*.

Uma das mudanças visíveis é certamente quanto ao modo de marcar caso. A homofonia entre acusativo e ablativo, pela queda do *m* final do acusativo, levou a um aumento no uso de sintagmas preposicionais para expressar as diversas circunstâncias que antes eram expressas através do caso ablativo. Além disso, percebe-se o enfraquecimento dos casos genitivo e dativo, muito pouco usados na *Peregrinatio* e freqüentemente substituídos *de + ablativo* e *ad + acusativo*.

Na subcategorização dos constituintes que exprimem lugar, nota-se uma tendência a confundir os lugares *ubi* e *quo*. A confusão parece ter começado com os advérbios, devido à igualdade morfológica (e fonológica) de grande parte dos advérbios de lugar com o ablativo dos pronomes dos quais derivam, tal como vimos acontecer com o uso de *ibi* por *eo*. Essa confusão entre os lugares *ubi* e *quo* provavelmente se agravou com a queda do *m* final do acusativo, que o confundiu com o ablativo.

Com o aparato teórico da teoria temática trabalhou-se com a interligação entre semântica e sintaxe, pois as propriedades sintáticas são dependentes de propriedades semânticas, e a parte formal das estruturas sintáticas tornou clara esta distinção semântica fornecida pelo léxico.

Mais do que conclusões sobre a parte teórica que utilizamos na gramática gerativa, temos problemas a levantar.

A pesquisa com as expressões de lugar envolve três problemas teóricos: atribuição de papel temático, atribuição de caso e determinação do caráter de argumento ou adjunto dos constituintes.

Parece-nos que a relação entre morfologia e papel Θ é visível. Por exemplo, há um acusativo que é tanto *objeto direto* quanto *complemento de lugar*, assim como há, com o dativo uma *meta* (objeto indireto) ou um *lugar para onde*. Em

posteaquam scripseram Aggarus rex ad Dominum et Dominus rescripserat Aggaro

vemos lado a lado duas construções sintáticas distintas na expressão de um mesmo papel temático: (*alvo* ou *meta*. Sabemos que uma delas - dativo - vai ser eliminada.

Se as duas construções em questão ocorriam num mesmo contexto, *ad + acusativo* possivelmente deveria ser usada com mais freqüência, pois suplantou a construção com dativo.

Talvez, numa pesquisa futura, possa ser estabelecida uma relação entre as inovações sintáticas que se apresentam na *Peregrinatio* com a mudança na expressão de papéis temáticos do latim clássico para o vulgar. No exemplo (19,8) vimos que não houve mudança de papel Θ . O que houve é que a construção de *ad + acusativo*, que se referia a um movimento real no espaço, invadiu o domínio de uma outra construção que indicava o movimento de posse de um possuidor para outro.

Todavia, a relação entre argumento semântico e sintático não é clara. Não sabemos realmente qual a relação entre morfologia e papel temático, de um lado, com a noção de caso,

de outro lado. O argumento semântico é dependente de papel Θ , ao passo que o argumento sintático é dependente das relações estruturais (de caso e preposição).

Quando se diz que as relações sintáticas não são claras, é porque não foi desenvolvido, no âmbito desta pesquisa, o papel das preposições e dos casos dentro dos sintagmas preposicionais locativos. Na teoria gerativa há pelo menos duas análises possíveis para os sintagmas preposicionais: a de verdadeiros sintagmas preposicionais, onde o NP é complemento da preposição, e outra, onde a preposição é um simples atribuidor de caso.

Através da teoria temática foi possível reconhecer os sintagmas preposicionais com função de complementos (argumentos) de lugar (na realidade o nome contido no sintagma preposicional), porque estes são subcategorizados pelo verbo e recebem papel theta a partir dele, ao passo que os adjuntos de lugar recebem papel theta da preposição. Porém, com relação aos advérbios, que também podem ser argumentos ou adjuntos de lugar, e para os quais não existe preposição, essa exigência de atribuição Θ não se aplica.

Parece-nos que a teoria gerativa, quanto aos complementos (argumentos) e adjuntos de lugar, representa uma intuição de diferença, mas não a explica. Convém lembrar que os latinistas já haviam intuído uma diferença à sua maneira, dizendo que o complemento de lugar em acusativo é o verdadeiro “argumento” do verbo, ao passo que as construções preposicionadas com acusativo (além dos outros casos) eram adjuntos. Assim, a preposição tinha basicamente um papel de predicado auxiliar. Algo semelhante é assumido na teoria gerativa (ou teoria temática) quando considera apenas o NP que está contido no PP como argumento do verbo, sendo neste caso a preposição um predicado auxiliar na atribuição de função Θ .

Quando se tenta transpor a teoria do Caso da gramática gerativa para o latim, além de não se aplicarem o “Filtro de Caso” e a “Condição de Visibilidade” surgem outras questões: se, na gramática gerativa, a preposição rege o Caso oblíquo (ablativo?) e este é chamado de Caso inerente, como fica a questão do tipo de preposição que rege acusativo, já que este é considerado um caso estrutural atribuído pelo verbo?

A análise das ocorrências dos constituintes de lugar como argumentais e não-argumentais, nos levou a uma suposição, referida muito brevemente, que estas funções poderiam estar associadas à posição que ocupam na frase, pois observou-se uma certa tendência de aparecerem os argumentos à direita do verbo e os adjuntos à esquerda. Quando se pensa, por exemplo, no português, percebe-se que os adjuntos aparecem mais frequentemente antes do verbo. De qualquer modo, pôde-se constatar que a posição em que se encontram os argumentos e adjuntos de lugar na *Peregrinatio* contrasta com a posição clássica. A partir disso, a pesquisa iniciada aqui poderá contribuir para o estudo de um problema maior que envolve a mudança da posição do verbo do latim clássico para o latim vulgar.

Esta dissertação termina aqui mas não fecha os problemas. Aliás, temos certeza de

que ela abre outros, de ordem sintática, que aparecem na passagem do latim clássico para o vulgar, notadamente o papel dos casos e das preposições.

Apêndice A

Definições utilizadas na análise sintática - modelo GB

Dominância

X domina Y se X ocorre mais alto na árvore e está conectado a Y por um conjunto de ramos não quebrados.

Dominância Imediata

X imediatamente domina Y se X é o 1^o nóculo mais próximo e mais alto na árvore e está conectado a outro nóculo por um único ramo.

Constituinte

X é um constituinte de Y se X é dominado por Y.

Um conjunto de nóculos ou alguma estrutura sintagmática forma um constituinte se esses nóculos são exaustivamente (=exclusivamente) dominados por um nóculo comum.

Constituinte Imediato

X é um constituinte imediato de Y se e somente se X é imediatamente dominado por Y.

Teoria X-barra (EXIGÊNCIA)

a. Toda categoria é projeção de um núcleo lexical, b. X^n domina imediatamente X^{n-1} (abaixo a X^0).

Precedência

X precede Y se X está à esquerda de Y.

Precedência Imediata

X precede imediatamente Y se ocorre imediatamente à esquerda de Y.

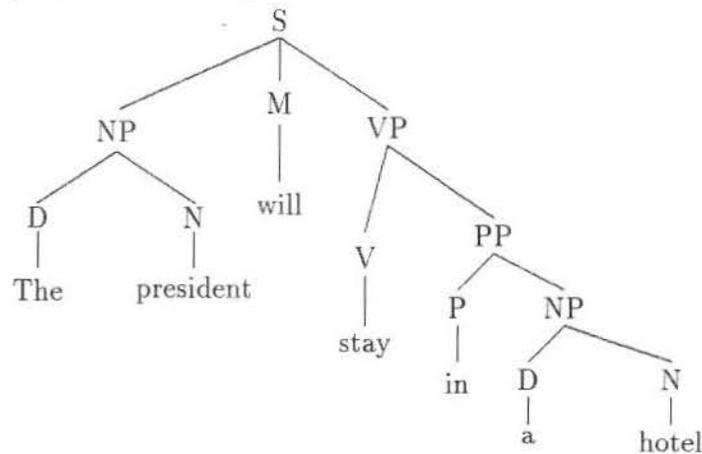
Irmandade

X é irmão de Y se e somente se X e Y tiverem o mesmo pai W.

Paternidade

X é pai de y se e somente se X dominar Y imediatamente.

Como ilustração, considere a seguinte estrutura:



A partir das definições dadas acima, podemos dizer, a título de exemplo, que o nóculo S *domina* todos os outros nóculos na árvore e *domina imediatamente* somente os nóculos NP, M e VP.

O nóculo M *precede* os nóculos VP, V, PP, P, NP, D e N a sua direita, assim como as palavras *stay*, *in*, *a* e *hotel*, mas o nóculo M *precede imediatamente* os nóculos VP e V, e a palavra *stay*.

Todos os nóculos são *constituintes* da sentença S, mas somente os nóculos NP, M e VP, imediatamente dominados por S, são constituintes imediatos da sentença.

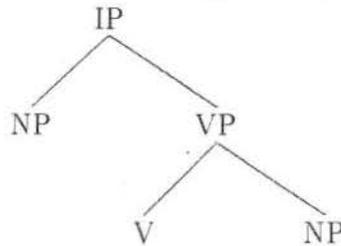
D e N (*The* e *president*), por exemplo, são *irmãos* entre si, visto que possuem um pai comum, NP.

C-comando (Reinhart, 1976)

Para os nóculos X, Y em uma árvore:

X c-comanda Y se somente se o primeiro nóculo ramificante que domina X também domina Y, e X e Y não dominam um ao outro.

Dizer que X c-comanda Y significa dizer que X está numa posição mais elevada ou de mesmo nível que Y na árvore. É também dizer que X não é subordinado a Y.



De acordo com a estrutura acima, o NP (sujeito) c-comanda o NP (objeto). O único nó ramificado dominado o sujeito é IP e IP domina o objeto. O objeto, entretanto, não c-comanda o sujeito. Existe um nó ramificado - VP - que não domina o sujeito.

Veremos que a condição de c-commando será importante na distinção estrutural entre complementos e adjuntos de lugar.

Government

(Chomsky, 1980:25):

α is governed β if α is c-commanded by β and no major category or major category boundary appears between α and β .

Regência

(Chomsky, 1986)

“a category α governs a maximal projection X” if α and X” c-command each other; and if α governs X” in this sense, then α governs the specifier and the head X of X”.”

Apêndice B

Corpus completo das construções que exprimem lugar

Neste apêndice consta o *corpus* completo das construções de lugar na *Peregrinatio Aetherae*.

Capítulo 1

ad quendam locum, ubi, inter quos, trans uallem, ubi, quo, In eo ergo loco, hic, de eo loco, de eo loco, ad montem Dei, per ualle illa.

Capítulo 2

subter latus montis Dei, in qua, in montem Domini, ibi, in qua, ibi, in ipso loco, in cuius capite, ubi, de rube, hinc, unde, illinc, ad illud caput, inde, a monte, per mediam uallem ipsam, ad iter, per ipsam uallem ab eo loco, ubi, per medium caput, ad montem Dei per giro, intus, quod ingrederis, in cuius summitate, ubi, in medio illorum omnium per girum, in quo, in illo, infra nos in quo, ad propriam radicem, inde, de contra, ad montem Dei, ibi.

Capítulo 3

montem, ad monasteria, ibi, ibi, ibi, ibi, inde, ibi, montes singulos, eos, in sella, in summitatem illam, ubi, in eo loco, ubi, in eo ergo loco, in ipsa summitate, ad hostium ecclesiae, de monasterio suo, in eo loco, ibi, iuxta montem illum, in ipsa summitate, ibi, ubi, de ecclesia, in ipso monte, deorsum, prope radicem, circa illius, circa illorum, per giro, iuxta sibi monasteria, ex ipsius montis terra, foras hostium ecclesiae, ubi, in montem Dei, in giro, de eo loco, ubi, in giro, de summitate montis ipsius mediani, infra, iuxta istum medianum, in quo, subter, inde.

Capítulo 4

ab ipsa summitate montis Dei, in qua, in alio monte, ibi, ubi, ubi, hic, in libris regnorum, ubi, ibi, ante hostium ecclesiae, ibi, ibi, ibi, ibi, ad alium locum, inde, ad eum locum, ubi, in eo ergo loco, per girum, supra se, in qua, in medio ibi, ibi, inde, montes ipsos, quos, ipsa parte, qua, ibi, ad uallis illius caput, sub(iacet) monti Dei, ad caput ipsius uallis, ibi, in eo loco, ubi, monte Dei, ad rubum, de quo, in eo loco, ubi, in capite uallis ipsius, ante ipsam autem ecclesiam, in quo horto, ibi iuxta, ubi, in eo ergo loco, in ecclesi, in horto, ad rubum, loco, in horto, ante rubum, ibi, ibi.

Capítulo 5

per ualle illa media, ubi, in montem Dei, per ipsam totam uallem, in primo capite ipsius uallis, ubi, de quo, in quo, ante rubum, in quo, de rubo, ubi, in montem, ubi, in eo loco, de contra, super ipsa ualle tota, de quo loco, in ipso loco, ubi, per ipsam uallem, ubi, de porta, in porta, a monte, ubi, de quo, in Exodo, ubi, ubi, ubi, in libris sanctis Moysi, in eo loco, ea in ualle, subiacere monti Dei, ibi, ubi, de terra Egypti, in ipsa ualle, in montem Dei, ibi, in montem Dei, in quo, in montem, in extrema ualle iam ipsa, in eo tamen loco, in quo, ad iter nostrum, ubi, de ualle illa grande, qua, inter montes illos, in montem Dei, in monasteriis suis, ad montem Dei, ibi, in Faran, in suis monasteriis, per omnia loca, in montem Dei, circa ipsum montem, usque in Faran.

Capítulo 6

Faran, a monte Dei, ibi, inde, in desertum Faran, ubi, inde, adhuc, inter montes, ad mansionem, super mare, in eo loco, ubi, de inter montes, iuxta mare, iuxta mare, de mari, per heremum, illic, ibi, locis, locis, in eo loco, in his locis, ubi, in eo ergo loco, de inter montes, in quo loco, inter montes, ad mare, a monte Dei Syna, ad eum locum, per iter, ad eum locum, ubi, de inter montes, ad mare rubrum, inde, quo, de eodem loco, in libris sancti Moysi, eodem itinere, eisdem mansionibus, in Clesma, in Clesma, ibi.

Capítulo 7

qua, ad Egyptum, de Ramesse, ad mare rubrum, ibi, de Clesma, ad terram Gesse, ad ciuitatem, in terra Gesse, inde, a Clesma, a mare rubro, ad Arabiam ciuitatem, per heremum, ad castrum, de itinere, de uia, ad mare rubrum, de contra, Magdalum. ibi, ibi, inde, ad iliud castrum, in eo, supra mare rubrum, iuxta latus montis, ubi, iuxta deserta loca, in media ualle, iuxta quem colliculum, hic, ubi, in ipso itinere, in eo tamen loco, ubi, in libro Genesis, ibi,

a terra Iesse, in finibus Egypti, ibi, de Hero, ad ciuitatem, in terra Iesse, in terra Iessen, in terra Arabiae.

Capítulo 8

De Arabia autem ciuitate, Ramessen, per media Ramesse, ibi, in quo, ibi, ibi, Ramessen, in scripturis Dei, ibi, ibi, eo, intra Ramesse, inde.

Capítulo 9

ad mansionem Arabia, in ecclesia, ibi, ad Thebaidam, in monasterio, in scripturis, inde, per loca suspecta, per Egyptum, per Arabiam ciuitatem, de Thebaida, in Pelusio, inde, per terram Gessen, inter uineas, inter pomaria. siper ripam fluminis Nili, inter fundos frequentissimos, ab Arabia ciuitate, per terra Gessen, Tatnis in ea ciuitate, ubi, Alexandriam, ad Thebaidem, ex Ramesse, usque ad montem Dei sanctum Syna, ad terram Gessen, inde, Tathnis, de Tathnis, per iter, Pelusio, per singulas mansiones Egypti, per quas, ad fines Palestinae, inde, per Palestina, in Helia, in Ierusalimam.

Capítulo 10

ad Arabiam, ad montem Nabau, in eo loco, in quo, in montem Arabot, in terra Moab, contra faciem Iericho, in monte ipso, in quem. Ierusalima, de Ierusalima, usque ad eum locum Iordanis, ubi, in libro Iesu Naue, ubi, in ea parte ripae, qua, ad ciuitatem, in eo campo, in quo, ubi, in eo loco, subter montes Arabiae, super Iordanem, hic, in Arabot Moab, Iordane, contra Iericho, ubi, ubi, ubi, in libro Deuteronomii, ubi, in eodem campo, ad locum ipsum, ibi, in eo loco, inde, ad loca desiderata, ibi, ibi, ad loca desiderata, ad montem Nabau, loci ipsius, de Libiade, de mansione, de pedra, de uia, a uia, in eo ergo loco, subter montem, de Nabau, ibi.

Capítulo 11

ad eos, ibi, inter ecclesiam et monasteria, in medio, de pedra, ibi, in hac heremo, ibi, ad montem, ibi, iuxta aqua ipsa, montem Nabau, de eodem loco, ad radicem montis Nabau, in asellis.

Capítulo 12

ad summitatem montis illius, ubi, in ipsa summitate montis Nabau, intra ecclesiam, in eo loco, ubi, hic, ubi, hic, ubi, in singulis locis sanctis, de ecclesiae, in libris Moysi, foras

hostium ecclesiae, de summitate ipsa, ex parte, hinc, foras, de hostio ipsius ecclesiae, ubi, in mare mortuum, subter nos, de contra, citra Iordanem, trans Iordanem, ubi, ante hostium ecclesiae, inde, in sinistra parte, ibi, ubi, in scripturis, loci ipsius, de Segor, de Segor, ubi, de dextra parte ecclesiae, a foras, inde, a contra, de eodem loco, a contra, in montibus, infra, deorsum, ibi, ibi, de illa parte montis, sinistra, seper mare mortuum, in quo, per Iericho, iter omne quod, in Ierusalimam.

Capítulo 13

ad regionem Ausitidem, inde, in Ierusalimam, de Ierusalima, ab Ierusalima, usque ad Carneas, per mansiones octo, in terra Ausitidi, in finibus Idumeae, in quo itinere, super ripam Iordanis, ibi, in ea ualle, in eo (ergo) uico, in media planitie, in medio loco, ibi, in summo ecclesia, deorsum, per girum ipsius colliculi, in ipso uico, in medio uico, in summitatem ipsius, ubi.

Capítulo 14

de animalibus, ipsius loci, suso, ad ecclesiam, ubi, in hoc loco, ubi, de ecclesia deorsum, in giro colliculo isto, inde, inde, ibi, inter fluuium Iordanem (et) uicum istum, in Sodomis, qua.

Capítulo 15

in Enon iuxta Salim, ibi, in isto uico, de ipso fonte, ad locum, per uallem amoenissimam, usque ad hortum pomarium ualde amoenum, in medio fontem, ante se ipse fons, ubi, de diuersis locis, in eo loco, ad ipsum fontem, in singulis locis, ubicumque, ad loca sancta, ibi, eo, in ipso uico, in ecclesia, in ipso fonte, a fonte, ad ecclesiam sancti Melchisedech, de pomario sancti Iohannis baptistae, ibi, in ipso horto, iter nostrum, quo.

Capítulo 16

per uallem Iordanis, super ripam fluminis ipsius, ibi, inibi, in qua, ibi, in libris Iudicum, ibi, in eo itinere, de sinistro, unde, e contra, in eo loco, in coperculo ipsius, in eo loco, in alio loco, ibi, ubi, ibi, in Ierusalimam, per singulas mansiones, per quas.

Capítulo 17

in Ierusalimam, ad quos, ad Mesopotamiam Syriae, ibi, ad martyrium, ubi, apud Edessam, illuc, in caelis, apud Edessam ciuitatem, ubi, illuc, usque ad loca sancta, in Ieru-

solimis, de Ierusalima, de Antioquia, Constantinopolim, per Antiochiam, inde, ad Mesopotamiam.

Capítulo 18

de Antiochia, ad Mesopotamiam. per mansiones (seu) ciuitates aliquot prouinciae Siriae Celen, fines prouinciae Augusto fratensis, ad ciuitatem Gerapolim, ibi, inde, de Ierapolim, ad fluuium Eufraten, nauibus, fines mesopotamiae Siriae.

Capítulo 19

per mansiones aliquot, in scripturis, ibi, unde, Edessam, ubi, ad ecclesiam, ad martyrium sancti Thomae, in locis sanctis, ibi, ibi, ibi, ibi, in eadem ciuitate, longius de ciuitate, in secretioribus locis, de extremis porro terris, ad haec loca, ad palatium Aggari regis, ibi, de contra, iuxta archiotipa, in interiori parte palatii, ibi, de palatio, in ipsa epistola, ad portam, ciuitatem istam, manibus leuatis, foras ciuitatem, ante oculos Persarum, de ciuitate, qua parte, in ciuitate, in ciuitatem, in ciuitate, super ciuitate hac, contra ipso loco, ubi, in eo loco, ad sua, in Persida, in porta, eo, ubi, subiacens palatio Aggari, in editioribus locis, in eo loco, iuxta patre, in eo loco, intra palatium, ad portam, per quam, ad portam ipsam, ibi, per ipsam portam, per ipsam portam, per ipsam portam, ad illum palatium superiorem, ibi, in patria, ibi, hic, unde, in patria.

Capítulo 20

ibi, adhuc, usque ad Charris, in scripturis sanctis, ubi, in Genesi, de terra tua, de domo patris tui, in Charram, ibi, in Charra, ibi, ad ecclesiam, intra ciuitate ipsa, loci ipsius, ibi, ad ecclesiam, in eo loco, ubi, in ipsis fundamentis, in ipsa ecclesia, foras, ad puteum illum, unde, unde, foras ciuitatem, ubi, ibi, ibi, undique, de omnibus Mesopotamiae finibus, in Charra, ibi, ubi, in qua, ibi, de locis suis, ibi, ibi, ibi, ubi, in ipsa autem ciuitate, in ciuitate, locum illum, ubi, de ciuitate, locum, ubi, in eo loco, in Charra, in Genesis, hic, hic, hic, hic, ubi, ubi, hinc, ibi, ibi, ubinam, ubi, hinc, intus in Persida, hinc usque ad Nisibin, inde usque ad Hur, ibi, in confinium Romanorum.

Capítulo 21

ibi, ad outeum illum, ubi, a Charris, ibi, iuxta sancta ecclesia, loco iuxta puteum, ibi, circa puteo, in ecclesia, per monasteria ipsorum, per monasteria sua, ubicumque, in monasteriis suis, in campo grandi, de contra, per quem uicum, in ipso uico, unde, usque ad illum locum, per iter (uel) mansiones, de Antiochia.

Capítulo 22

de Antioquia, per mansiones, ad prouinciam, Ierusalimam, in Hisauria, illuc.

Capítulo 23

de Tharso, ad quandam, ciuitatem supra mare, Ciliciae, inde, fines Hisauriae, in ciuitate, ad ciuitatem, ad episcopum, ibi, in eadem ciuitate, inde, ad sanctam Teclam, ultra ciuitatem, in colle, plano, de ciuitate, illuc, ibi, ibi, ad sanctam ecclesiam, ibi, apud Ierusalimam, ubi, ibi, per ipsum collem, in medio, in qua, circa monasterium, ibi, ibi, ad martyrium, ibi, ibi, Tharso, ad iter meum, ubi, inde, ad mansionem, sub monte Tauro, ibi, inde, per singulas prouincias, quas, Calcedona, ubi, ibi, loco, Constantinopolim, Constantinopolim, ubi, per singulas ecclesias, per singula martyria, ibi, super me, de quo loco, ad Asiam, Efesum, propter martyrium, hoc in corpore, in corpore, extra corpus.

SUMMARY

This dissertation aims to analyse the locatives, expressed mainly by prepositional phrases and adverbs, which take place in the first book of *Peregrinatio Aetherae*. This book was written in the IV century of our age and is one of the most important sources of vulgar latin. We intend to verify if these expressions that denote place can be arranged in complements or adjuncts. The analysis, made in the framework of Theta Theory of Generative Grammar, shows that there is a difference between complements and adjuncts in both classical and vulgar latin. However, the use of locatives in *P.A.* shows confusion between the places *ubi* and *quo*. We suggest that this confusion begins with the adverbs and increases by the lost of final *m* of accusative. Furthermore, this research points out characteristic problems of vulgar latin: the loss and confusion in the case system, the expansion of prepositions usage and the tendency to appear the sentence elements in an order closer to romance languages than classical latin.

Keywords: locatives, *Peregrinatio Aetherae*, *Vulgar Latin*

Referências Bibliográficas

- ATZORI, Maria Teresa (1939) *La preposizione "de" nel latino volgare*. Firenze, Marzocco.
- BÍBLIA SAGRADA (1985) Petrópolis, Vozes.
- BAKER, Mark C. (1996) *The polysynthesis parameter*. New York, Oxford University Press.
- BLAISE, Albert (1954) *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Strasbourg, "Le Latin Chrétien".
- BLATT, Franz (1952) *Précis de syntaxe latine*. Paris, IAC.
- BOURCIEZ, Edouard (1946) *Éléments de linguistique Romane*. Paris, Klincksieck.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1964) *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro, J.Ozon.
- CARONE, Flávia de Barros (1986) *Morfossintaxe*. São Paulo, Ática.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge (MA), MIT.
- . (1980) "On binding". *Linguistic Inquiry*.
- . (1981) *Lectures on government and binding: the Pisa lectures*. Berlin, Mouton de Gruyer.
- . (1986) *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York, Praeger.
- . (1988) *Language and problems of knowledge: The Managua lectures*. Cambridge (MA), MIT.
- . (1992) *Minimalist program*. Mimeo.
- CHOMSKY, N. e LASNIK, H. (1977) "Filters and control". *Linguistic Inquiry* 8, 425-504.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1973) *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Acadêmica.

- DEMONTE, Violeta. (1991) *Detrás de la palabra: Estudios de gramática del español*. Madrid, Alianza.
- DEVOTO, Giacomo (1944) *Storia della lingua di Roma*. Bologna, Licino Cappelli.
- ELIA, Silvio (1979) *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- ERNOUT, Alfred e THOMAS, François (1964) *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck.
- ERNOUT, Alfred (1974) *Morphologie historique du latin*. Paris, Klincksieck.
- FARIA, Ernesto (1945) *Curso de latim*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional.
- . (1958) *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- FILLMORE, C. J. (1968) "The case for case". In: BACH, E. e HARMS, R. T. (eds.) *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- GAFFIOT, Félix (1934) *Dictionnaire illustré latin français*. Paris, Hachette.
- GRANDGENT, C.H. (1952) *Introducción al latín vulgar*. 2.ed. Madrid, Revista de Filología Española.
- GRUBER, J. S. (1965) *Studies in lexical relations*. Dissertação de PhD, MIT.
- . (1967) *Functions of the lexicon in formal descriptive grammar*. Santa Monica, Systems Development Corporation.
- HAEGEMAN, Liliane (1991) *Introduction to government and binding theory*. Cambridge (MA), Blackwell.
- HAPP, H. (1978) "Syntaxe latine et théorie de la valence: essai d'adaptation au latin des théories de Lucien Tesnière". *Langages* 50, 51-72.
- HARRIS, Martin (1975) "Some problems for a case grammar of Latin and early Romance". *Journal of Linguistics* II, 183-194.
- HERMAN, Joseph (1967) *Le latin vulgaire*. Paris, Presses Universitaires de France.
- . (1990) *Du latin aux langues romanes: études de linguistique historique*. Tübingen, Niemeyer.
- HERRERO, Víctor José (1965) *Introducción al estudio de la filología latina*. Madrid, Gredos.
- HOLMES, T. Rice. (1914) *C. Iuli Caesaris Commentarii / Rerum in Gallia Gestarum VII / A. Hirti Commentarius VIII*. Clarendon: Oxford University Press.

- ILARI, Rodolfo et alii (1991) "Considerações sobre a posição dos advérbios." In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, Unicamp.
- . (1992) *Linguística histórica*. São Paulo, Ática.
- ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderlei (1985) *Semântica*. São Paulo, Ática.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge (MA), MIT Press.
- LAKOFF, Robin. *Abstract syntax and latin complementation*. Massachusetts, The MIT Press, s.d.
- LASNIK, H. e URIAGEREKA, J. (1988) *A course in GB syntax: Lectures on binding and empty categories*. Cambridge (MA), MIT.
- LEWIS, C. T. e SHORT, C. (1945) *A latin dictionary*. Oxford, Oxford University Press.
- LUFT, Celso Pedro (1987) *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro, Globo.
- LURAGHI, Silvia (1989) "The relationship between prepositions and cases within latin prepositional phrases". In: CALBOLI, Gualtiero (ed). *Subordination and other topics in latin*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp. 253-271.
- LYONS, John (1979) *Introdução à lingüística teórica*; tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo, Companhia Editora Nacional/USP.
- MAURER Jr., Th. Henrique (1959) *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- . (1962) *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- MEILLET, Antoine (1936) *Linguistique historique et linguistique générale*. Tomo II, Paris, Klincksieck.
- . (1933) *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris, Klincksieck.
- MOHRMANN, Christine (1955) *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin medieval*. Paris, Klincksieck.
- NASCIMENTO, Milton do e KATO, Mary (1995) "O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos." Belo Horizonte, Revista de Estudos da Linguagem, Faculdade de Letras/UFG.
- NOVAK, Maria da Glória (1971) *Peregrinação de Etéria: Liturgia e Catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, Vozes.

- NUNES, José Joaquim (1967) *Crestomatia arcaica*. Lisboa, Clássica.
- (1945) *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa, Clássica.
- PARATORE, Ettore (1983) *História da literatura latina*, Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- PARERA, Juan Bastardas (1953) *Particularidades sintácticas del latín medieval* (cartularios españoles de los siglos VIII al XI). Barcelona, Escuela de Filología.
- PÉTRÉ, Hélène (1948) *Etheriae. Journal de voyage*. Paris, Les Éditions du Cerf.
- PINKSTER, H. (1972) *On latin adverbs*. Amsterdam, North-Holland.
- RADFORD, Andrew (1988) *Transformational grammar: a first course*. Cambridge, Cambridge University Press.
- RAPOSO, Eduardo (1992) *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa, Caminho.
- RAVIZZA, Pe. João (1944) *Gramática latina*. Niterói, Escola Industrial Dom Bosco.
- RAUH, Gisa (1994) “Prépositions et rôles: points de vue syntaxique et sémantique”. *Languages* 113, 45-78.
- REINHART, Tanya (1976) “The syntactic domain of anaphora”. Tese de Doutorado, Cambridge (MA), MIT.
- RIZZI, Luigi (1986) “Null subjects in Italian and the Theory of *pro*”. *Linguistic Inquiry* 17(3), 501-558.
- ROBERTS, Ian (1992) “A formal account of grammaticalisation in the history of romance futures”. Mimeo.
- . (1993) *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht, Kluwer.
- SARAIVA, F. R. dos Santos (1993) *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro, Garnier.
- SERBAT, Guy (1989) “Le syncrétisme des cas: quelques réflexions”. In: CALBOLI, Gualtiero (ed). *Subordination and other topics in latin*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. pp. 273-286.
- SILVA NETO, Serafim (1976) “O latim dos cristãos”. In: *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Grifo.

- . (1977) *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- TESNIÈRE, Lucien (1969) *Éléments de syntaxe structurale*. Paris, Klincksieck.
- TOVAR, Antonio (1946) *Gramática histórica latina: sintaxis*. Madrid, Aguirre.
- TRAVIS, Lisa (1984) "Parameters and Effects of Word Order Variation". Tese de Doutorado. Cambridge (MA), MIT.
- VÄÄNÄNEN, Veikko (1937) *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*. Helsinki, Annales Academiae Scientiarum Fennicae.
- . (1975) *Introducción al latín vulgar*. Madrid, Gredos.
- WEBELHUTH, Gert (1995) "X-bar Theory and Case Theory". In: WEBELHUTH, Gert (ed.) *Government and binding theory and the minimalist program: principles and parameters in syntactic theory*. Cambridge (MA), Blackwell.
- WOODCOCK, E.C. (1959) *A new latin syntax*. London, Methuen.